



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Elizangela Roweder Del Ciel**

Cuiabá/MT  
2023

**Elizangela Roweder Del Ciel**

***SECOND LIFE***

**A NOVA IDENTIDADE DO JOVEM LIMINAR CRIADA NO CIBERESPAÇO E  
OS PERIGOS DA INFLUÊNCIA DIGITAL NO DESAFIO DA BALEIA AZUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Linha de Pesquisa:** Sociedade, Cultura e Poder.

**Orientador:** Prof. Dr. Joel Paese

Cuiabá/MT  
2023

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**FICHA DE QUALIFICAÇÃO**

**TÍTULO: *Second Life*: a nova identidade do jovem liminar criada no ciberespaço e os perigos da influência digital no Desafio da Baleia azul.**

Autora: mestranda Elizangela Roweder Del Ciel

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

- 1- Doutor Joel Paese (Presidente Banca / Orientador)  
Instituição: UFMT
- 2- Doutor Daniel Fanta (Membro interno: PPG /UFMT)
- 3- Doutor Telmo Antônio Dinelli Estevinho (Membro interno: PPG /UFMT)

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

C569s Ciel, Elizangela Roweder Del.  
Second life [recurso eletrônico] : a nova identidade do jovem liminar criada no ciberespaço e os perigos da influência digital no Desafio da Baleia azul / Elizangela Roweder Del Ciel. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 134 f., pdf). -- 2023.

Orientador: Joel Paese.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Cuiabá, 2023.  
Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.  
Inclui bibliografia.

1. socialização ; ciberespaço ; liminaridade; família ; desafio

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

TÍTULO: SECOND LIFE - SUBTÍTULO: A NOVA IDENTIDADE DO JOVEM LIMINAR CRIADA NO CIBERESPAÇO E OS PERIGOS DA INFLUENCIA DIGITAL NO DESAFIO DA BALEIA AZUL

AUTOR (A): MESTRANDO (A) ELIZANGELA ROWEDER DEL CIEL.

Dissertação defendida e aprovada em 29 de setembro de 2023.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

Doutor(a) Joel Paese (Presidente Banca / Orientador(a))

Instituição: Universidade federal de Mato Grosso.

2. Doutor(a) Daniel Fanta (Examinador(a) Interno(a))

Instituição: Universidade federal de Mato Grosso.

3. Doutor(a) Telmo Antonio Dinelli Estevinho (Examinador(a) Externo(a))

Instituição: Universidade federal de Mato Grosso.

Cuiabá, 29 de setembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **TELMO ANTONIO DINELLI ESTEVINHO**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 18/10/2023, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIZANGELA ROWEDER DEL CIEL**, **Usuário Externo**, em 18/10/2023, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **DANIEL FANTA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 18/10/2023, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **JOEL PAESE, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 27/10/2023, às 19:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_externo=0), informando o código verificador **6207290** e o código CRC **5A27D56A**.

---

À Nossa Senhora de  
Fátima, e a minha amada  
mãe Maria Inês.

## AGRADECIMENTOS

Nesses anos de mestrado, de muitos estudos, empenho e esforços, agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido realizar esse sonho. Gostaria ainda de agradecer algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a concretização deste projeto.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Joel Paese, por me conduzir por este caminho tão árduo, por toda a sua empatia, paciência, pelo apoio incondicional e pela compreensão mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores do mestrado por todo o auxílio e tempo prestado.

Aos professores Dr. Daniel Fanta e Dr. Telmo Antônio Dinelli Estevinho, membro da banca, suas observações e indicações contribuíram ainda mais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu marido, Jose Antonio, e minha prima, Tainara, que se deram ao trabalho de ouvir meus lamentos nos últimos meses.

À Nina, Bisteca e Jujuba, minhas fiéis e carentes assistentes.

Agradeço ainda, ao meu amado pai, Francisco, que partiu desta vida e agora reside ao lado de Jesus. Embora ele não esteja mais fisicamente presente, sua memória e suas bênçãos continuam a me inspirar e a guiar meu caminho. Pai, você sempre viverá em meu coração, e esta conquista é dedicada a você.

“Escolha suas auto apresentações cuidadosamente,  
para o que começa como uma máscara pode se tornar  
seu rosto.”  
(Erving Goffman)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO I: O MUNDO VIRTUAL</b> .....	14
1.1 SURGIMENTO E ASCENSÃO DAS REDES SOCIAIS .....	15
1.2 NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS .....	20
1.3 AS MÍDIAS SOCIAIS E O CIBERESPAÇO: UM NOVO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO.....	25
1.4 A IDENTIDADE VIRTUAL .....	33
1.5 O JOVEM DA ERA DIGITAL .....	36
1.6 CONSEQUÊNCIAS SOCIOLÓGICAS DAS MÍDIAS SOCIAIS.....	38
1.7 OS ATORES DAS MÍDIAS SOCIAIS.....	41
<b>CAPÍTULO II - ERVING GOFFMAN</b> .....	43
2.1 A CONSTRUÇÃO DO <i>SELF</i> , FUNDAMENTADA NA TEORIA DE ERVING GOFFMAN.....	44
2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE VIRTUAL.....	51
2.3 O MONITORAMENTO DO <i>SELF</i> EM GOFFMAN .....	53
<b>CAPÍTULO III - O PROBLEMA DAS GERAÇÕES E DAS TRANSMISSÕES GERACIONAIS</b> .....	58
3.1 A EVOLUÇÃO DAS GERAÇÕES .....	62
3.2 <i>MILLENNIALS</i> E <i>ALPHA</i> , GERAÇÕES DIGITAIS.....	67
<b>CAPÍTULO IV - A IMPORTÂNCIA DOS RITOS DE PASSAGEM E DE SEUS SÍMBOLOS</b> .....	70
4.1 A LIMINARIDADE NA ERA DIGITAL.....	74
<b>CAPÍTULO V - AS METAMORFOSES DA FAMÍLIA</b> .....	78
5.1 NOVAS FORMAS DE FAMÍLIA E A TERCEIRIZAÇÃO DOS FILHOS .....	82
5.2 A TERCEIRIZAÇÃO DOS FILHOS.....	85
5.3 BREVE HISTÓRICO DA EXTERNALIZAÇÃO PARENTAL E AS MÍDIAS DIGITAIS .....	89
<b>CAPÍTULO VI - O DESAFIO DA BALEIA AZUL</b> .....	92
6.1 A VULNERABILIDADE DOS JOVENS NO CIBERESPAÇO.....	92
6.2 AS MÍDIAS SOCIAIS E SEUS RISCOS .....	95
6.3 O DESAFIO DA BALEIA AZUL .....	99
<b>CAPÍTULO VII- O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO FENÔMENO DO DESAFIO DA BALEIA AZUL NA PERSPECTIVA DE UMA PARTICIPANTE</b> .....	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b> .....	128
<b>APÊNDICE A – ACEITE DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO( TCLE)</b> .....	132
<b>APÊNDICE B – APROVAÇÃO CONSELHO DE ÉTICA E PESQUISA</b> .....	132

## Resumo:

O presente trabalho aborda o fenômeno do ciberespaço como um novo espaço de socialização, com foco nos jovens que enfrentam desafios perigosos neste ambiente, como o Desafio da Baleia Azul. A pesquisa busca responder à pergunta central: o ciberespaço realmente se configura como um novo espaço de socialização? Além disso, explora os perigos das influências deste espaço sobre os jovens contemporâneos. A relevância da pesquisa deriva da onipresença da tecnologia em nossa vida diária e das mudanças nos padrões sociais promovidas pelas redes sociais. A investigação visa analisar os novos modos de socialização em plataformas on-line, podendo resultar em consequências prejudiciais, particularmente, para os jovens, que, muitas vezes, têm dificuldade em distinguir entre o mundo real e o virtual. A hipótese subjacente é que, apesar das promessas de sociabilidade ininterrupta das redes sociais, elas também podem esconder aspectos sombrios e ameaçadores, especialmente para os jovens, que são mais suscetíveis a influências externas. A metodologia empregada é qualitativa, envolvendo pesquisa bibliográfica e descritiva. O estudo busca compreender as motivações por trás de comportamentos autolesivos e até suicidas relacionados ao aumento do uso de redes sociais pelos jovens, muitas vezes influenciados por grupos de criminosos cibernéticos, como no caso do Desafio da Baleia Azul. Em síntese, esta pesquisa examina criticamente o impacto do ciberespaço na socialização juvenil, destacando os riscos associados à interação virtual.

Palavra-chave : Socialização ; ciberespaço ; liminaridade; Família ; Desafio da Baleia Azul

Abstract:

This paper addresses the phenomenon of cyberspace as a new space of socialization, with a focus on young people facing dangerous challenges in this environment, such as the Blue Whale Challenge. The research aims to answer the central question: does cyberspace truly constitute a new space of socialization? Additionally, it explores the dangers of the influences of this space on contemporary youth. The research's relevance stems from the ubiquity of technology in our daily lives and the shifts in social patterns promoted by social networks. The investigation seeks to analyze new modes of socialization on online platforms, which can result in harmful consequences, particularly for young individuals who often struggle to distinguish between the real and virtual worlds. The underlying hypothesis is that despite the promises of uninterrupted sociability on social networks, they may also conceal dark and threatening aspects, especially for young people who are more susceptible to external influences. The methodology employed is qualitative, involving bibliographic and descriptive research. The study aims to understand the motivations behind self-harming and even suicidal behaviors related to the increased use of social networks by young people, often influenced by cybercriminal groups, as seen in the case of the Blue Whale Challenge. In summary, this research critically examines the impact of cyberspace on youth socialization, highlighting the risks associated with virtual interaction.

Keywords: Socialization; cyberspace; liminality; Blue Whale Challenge.

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa cujo propósito fundamental reside na compreensão das influências das novas tecnologias de comunicação na formação da juventude na sociedade contemporânea. Esta análise se concentra na exploração da utilização das mídias sociais como um espaço de socialização. Tal contexto é respaldado por Giddens (2000), que destaca a criação de um espaço singular de socialização promovido pela internet, com notável impacto na construção da identidade individual.

No cerne desta pesquisa, abordaremos a relação entre a juventude e o uso das mídias sociais, almejando uma compreensão mais profunda sobre como essa tecnologia molda a percepção dos jovens acerca de si mesmos e seu engajamento social. Além disso, a investigação se propõe a avaliar as possíveis influências negativas que podem ser exercidas, incluindo o estímulo a comportamentos autolesivos e até mesmo suicidas, conforme defendido por Bauman (2014) e Turkle (2011).

Esta pesquisa arremessa luz sobre os potenciais impactos adversos das mídias sociais na vida dos jovens. A importância de pesquisas nesse âmbito reside, sobretudo, na necessidade premente de abordar o uso responsável e criterioso das tecnologias digitais. O entendimento que subjaz a este trabalho é que uma reflexão crítica sobre o papel das novas tecnologias de comunicação na formação da juventude é fundamental para mitigar os riscos potenciais que tais influências podem acarretar, zelando pelo bem-estar dos jovens como uma prioridade indiscutível.

Em uma recontextualização, o cerne desta pesquisa almeja aprofundar o conhecimento dos perigos que permeiam os espaços virtuais de socialização, com destaque especial para o jogo “Baleia Azul”,<sup>1</sup> objeto desta pesquisa. Este jogo, central para o escopo da pesquisa, é praticado através das mídias sociais e foi associado a riscos significativos para jovens em fase liminar,<sup>2</sup> uma fase crucial de transição para a vida

---

<sup>1</sup> Com base na leitura de artigos sobre o assunto, é possível definir o Desafio da Baleia Azul como um jogo on-line que consiste em 50 tarefas atribuídas pelos curadores ou administradores aos jogadores, geralmente uma tarefa por dia, que variam de simples, como desenhar uma baleia azul em uma folha de papel, a outras que envolvem automutilação. Os jogadores são solicitados a cortar os lábios, furar a palma da mão, cortar o braço, assistir a filmes de terror, acordar no meio da noite, realizar missões baseadas em seus medos, sentar-se na borda de uma ponte e se isolar. A última tarefa é o suicídio. O curador ou administrador exige provas, como fotografias ou vídeos, para comprovar que o desafio foi cumprido. Quando os usuários não cumprem as tarefas, são ameaçados de várias maneiras, incluindo humilhação, exposição excessiva, revelação de segredos da vítima, ou até mesmo o ataque físico do próprio jogador, ou de seus amigos e familiares.

<sup>2</sup> O jovem liminar ou período de liminaridade, conforme conceituado por Victor Turner (1974), refere-se a um estado de transição ou limbo vivenciado pelos jovens durante o processo de passagem da infância para a vida adulta. É um período de ambiguidade e incerteza em que os jovens estão em um espaço social

adulta. O exame aprofundado se concentrará na análise das promessas e ameaças inerentes às novas mídias e no seu impacto na interação e integração dos jovens na sociedade e na família.

A pesquisa, ademais, busca uma análise sistemática dos mecanismos utilizados por indivíduos maliciosos para atrair crianças e adolescentes para jogos mortais. Para embasar esta pesquisa, recorreremos a teorias pertinentes à relação entre a juventude e a tecnologia, assim como a análises de mídia e estudos sobre os impactos das novas mídias na sociedade. É inegável que o progresso tecnológico tem reconfigurado profundamente o contexto das interações sociais, ultrapassando os limites dos encontros presenciais tradicionais.

Como resultado, a proliferação das plataformas digitais de interação social e a difusão da internet têm favorecido o surgimento de um espaço de sociabilidade relevante no ciberespaço, com foco particular na população jovem. Este fenômeno é amplificado pelo contexto da pandemia de COVID-19<sup>3</sup>, que impôs restrições de distanciamento social e, como resultado, aumentou substancialmente o uso da internet, com esses meios de comunicação desempenhando um papel crucial na manutenção das conexões sociais e do contato interpessoal.

A relevância intrínseca deste estudo provém da crescente e quase onipresente presença da tecnologia em nossa vida cotidiana. A proliferação das mídias sociais tem induzido impactos significativos e reconfigurado padrões comportamentais e sociais. A integração da internet em nossa esfera pessoal tem fomentado novas modalidades de interação social, embora o uso excessivo dessas plataformas também tenha suscitado desafios sociais e comportamentais inéditos.

O foco primordial deste estudo é aprofundar a análise dos novos modelos de socialização que emergem nas redes sociais e investigar os possíveis efeitos adversos do uso excessivo dessa tecnologia entre os jovens. A compreensão profunda desses

---

e psicológico indefinido, desvinculados tanto das normas e expectativas da infância, quanto das responsabilidades e papéis da vida adulta.

<sup>3</sup> A pandemia de covid-19 refere-se à disseminação global de uma doença respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV-2 ocorrida a partir do final de 2019. A pandemia de covid-19 causou o isolamento social devido à alta taxa de contágio da doença. De acordo com estudos realizados por cientistas e organizações de saúde, a transmissão do vírus ocorre, principalmente, por meio do contato próximo com pessoas infectadas. Dessa forma, o isolamento social se tornou uma das principais maneiras de prevenir a disseminação da covid-19, evitando que as pessoas se encontrem em grandes grupos e reduzindo a proximidade física entre elas. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), até novembro de 2021, mais de 247 milhões de pessoas foram infectadas pelo vírus SARS-CoV-2.

fenômenos é crucial para avaliar o impacto social decorrente da crescente interação entre a juventude e o espaço de socialização proporcionado pelas novas mídias digitais. Neste contexto, nosso objetivo é contribuir para o avanço do conhecimento científico nesta área e oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam um uso equilibrado e saudável das tecnologias por parte dos jovens.

Esta abordagem também suscita questões pertinentes sobre como o ambiente digital influencia o desenvolvimento social de uma população jovem, frequentemente suscetível, que enfrenta desafios para discernir entre a realidade e a virtualidade. A compreensão das implicações psicossociais e comportamentais deste contexto tecnológico é de suma importância para a sociedade, dado o impacto notável das tecnologias no dia a dia das novas gerações.

Em resumo, a inovação tecnológica, sobretudo no âmbito digital, exerce um papel significativo na sociedade contemporânea. As mídias digitais estabelecem um ambiente interconectado que facilita a comunicação e o desenvolvimento de atividades sociais e econômicas. A instantaneidade da informação transcende barreiras geográficas e temporais.

Entretanto, é crucial conscientizar os usuários sobre os riscos associados ao uso excessivo das redes sociais, especialmente aqueles mais vulneráveis. A ação criminosa virtual, que alicia jovens por meio de falsas promessas e explora sua ingenuidade, é lamentavelmente frequente. Portanto, é imperativo abordar essas questões para proteger não apenas a saúde mental, mas também o bem-estar emocional e a segurança física das vítimas e suas famílias. Em suma, embora reconheçamos os benefícios proporcionados pelas redes sociais, é crucial equilibrar seu uso com uma abordagem responsável que priorize a proteção dos usuários, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade.

Desta forma, é de extrema importância ressaltar que, apesar de todo o potencial positivo do ciberespaço na promoção da socialização dos jovens, o uso excessivo das mídias sociais pode acarretar riscos significativos, sobretudo devido à vulnerabilidade desses indivíduos diante dos criminosos virtuais. Esses crimes, incluindo o aliciamento sexual, o cyberbullying e os jogos e desafios mortais, são cada vez mais comuns no mundo virtual e podem ter impactos graves nas vítimas e suas famílias, afetando sua saúde mental, seu bem-estar emocional e sua segurança física. Portanto, é imperativo adotar abordagens que promovam o uso responsável e seguro das mídias sociais, especialmente entre os jovens, como medida essencial para mitigar esses riscos.

Por fim, a metodologia utilizada na presente pesquisa será o método da história de vida, uma abordagem qualitativa e exploratória adotada em diversas áreas de estudo, como antropologia, psicologia, sociologia e educação. Seu objetivo é compreender a experiência e a narrativa de vida de um indivíduo ou grupo, levando em consideração o contexto sócio-histórico em que estão inseridos. A partir do relato do participante, é possível analisar as dimensões subjetivas e objetivas da vida, bem como suas relações com as estruturas e dinâmicas sociais mais amplas que influenciaram em suas trajetórias.

A história de vida permite uma compreensão mais completa e contextualizada das experiências humanas. Ela considera não apenas os eventos e acontecimentos na vida de uma pessoa, mas também as influências sociais, culturais e históricas que moldam essas experiências.

Essa abordagem destaca a subjetividade do indivíduo, permitindo que as pessoas expressem suas próprias perspectivas e interpretações de suas vidas. Isso é particularmente útil para capturar nuances e significados pessoais.

Dessa maneira, a pesquisa com a história de vida permite uma compreensão mais profunda e detalhada sobre as formas como as pessoas interpretam o mundo e constroem suas identidades a partir de suas experiências e relações sociais. Neste trabalho, utilizaremos o método da história de vida para compreender os motivos pelos quais uma jovem aceitou participar do Desafio da Baleia Azul.

A metodologia de história nos permite compreender as experiências individuais de uma pessoa e como elas se relacionam com as estruturas sociais mais amplas. Através da coleta de narrativas de vida, é possível obter uma compreensão mais profunda dos processos sociais e históricos que influenciaram a trajetória de vida de um indivíduo.

Autores como , Bertaux (1981), Portelli (1991), Thompson (1992) e Gaskell (2002) são defensores da metodologia, afirmando que ela permite acessar as experiências subjetivas dos indivíduos e compreender como elas afetam suas percepções e comportamentos, bem como documentar as mudanças sociais ao longo do tempo. Estes autores também têm contribuído significativamente para o desenvolvimento e aprimoramento da metodologia de história de vida, uma vez que defendem que a análise de dados por meio de histórias de vida permite uma compreensão mais profunda do sujeito estudado, já que permite que ele seja visto como um ser em constante transformação, com uma trajetória única e influenciado por diversas variáveis sociais, culturais e históricas.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a história de vida de uma participante do chamado Desafio da Baleia Azul, jogo que surgiu em 2016, e se espalhou rapidamente pela internet, ganhando grande repercussão mundial. O desafio, em resumo, consiste em uma série de 50 desafios, sendo que o último é o mais perigoso e instiga o participante a cometer suicídio.

O convite para participar via de regra é feito de forma virtual, geralmente por meio de redes sociais, contudo os participantes são estimulados a captar mais jogadores sempre que possível. O participante é convidado a fazer parte de um grupo secreto, onde receberá os desafios e deverá cumprir cada um deles, sendo que o não cumprimento pode resultar em ameaças e intimidações. O jogo é projetado para atrair jovens vulneráveis e impressionáveis, que, muitas vezes, sofrem de problemas emocionais, como ansiedade e depressão.

A pesquisa utiliza as narrativas produzidas em uma série de entrevistas por uma jovem que participou do desafio, que aqui chamaremos de “Maria” (nome fictício), a fim de identificar padrões e compreender as implicações sociais e psicológicas do jogo em sua vida.

A participante foi convidada a participar do desafio quando tinha apenas 14 anos. Maria relata que, na época, estava passando por problemas familiares e enfrentando dificuldades em sua vida pessoal, o que a tornou vulnerável ao convite. Contudo, ela ressalta que era uma adolescente comum, que frequentava a escola e tinha uma vida social ativa. Ela se sentiu atraída pelo desafio por acreditar que isso poderia dar a ela um senso de pertencimento e de desafio pessoal.

A metodologia de história de vida se mostra adequada para esta análise, uma vez que permite uma compreensão profunda da experiência vivida por Maria, considerando as variáveis sociais, culturais e históricas que a influenciaram.

A pesquisadora entrou em contato com Maria através de uma antiga professora da participante, que intermediou a comunicação e possibilitou a realização das entrevistas. A participante concordou em participar da pesquisa e compartilhar sua história de vida, incluindo sua experiência com o Desafio da Baleia Azul.

A pesquisadora teve acesso às narrativas produzidas por Maria com uma série de entrevistas, que foram realizadas através da plataforma *Google Meet*, nas quais a participante compartilhou com a entrevistadora sua experiência com o desafio, as suas motivações para participar, bem como as consequências que o jogo teve em sua vida. A

partir destas narrativas, a pesquisa buscará identificar os padrões e compreender as implicações sociais e psicológicas do jogo.

A pesquisa proposta abordará uma ampla gama de tópicos que refletem a interseção entre as transformações sociais na era digital e o impacto psicossocial resultante. No primeiro capítulo, examinaremos o mundo virtual, explorando o surgimento e a ascensão das redes sociais, juntamente com o nascimento e evolução das mídias digitais. Este capítulo também se aprofundará nas mídias sociais e no ciberespaço como um novo espaço de socialização, destacando a construção da identidade virtual e as implicações para a juventude na era digital. O capítulo seguinte se concentrará na teoria de Erving Goffman, enfocando a construção do self e a forma como os indivíduos moldam suas identidades no ambiente virtual. No terceiro capítulo, exploraremos o problema das gerações e das transmissões geracionais, analisando o surgimento das gerações digitais, como os Millennials e a Geração Alpha. O capítulo quatro investigará a importância dos ritos de passagem e seus símbolos na era digital, com ênfase na liminaridade. A quinta seção discutirá as metamorfoses da família, examinando as novas formas de estrutura familiar e a terceirização dos cuidados com os filhos, com destaque para as influências das mídias digitais nesse contexto. Por fim, no sexto capítulo, abordaremos o desafio da Baleia Azul, explorando a vulnerabilidade dos jovens no ciberespaço e os riscos associados às mídias sociais, com um enfoque especial no impacto desse jogo online perigoso. Esses tópicos fornecerão uma visão abrangente e crítica das complexas interações entre tecnologia, sociedade e psicologia na contemporaneidade.

Além do mais , ao longo desta dissertação, serão apresentados trechos das entrevistas realizadas com ela e as análises das narrativas de vida da participante. Serão ainda discutidos os fatores que levaram a participante a ingressar em um jogo que tem por finalidade o suicídio dos jogadores.

## I- O MUNDO VIRTUAL

Presenciamos uma reconfiguração social com o surgimento de um novo espaço de socialização, o ciberespaço<sup>4</sup>. Segundo Reinhold (1998), assistimos ao nascimento de uma “comunidade virtual<sup>5</sup>”, que figura paralelamente com a comunidade tradicional. Podemos dizer que a sociedade moderna, em especial com a pandemia de covid-19<sup>6</sup>, percebeu a ascensão de um ambiente virtual que oferece muitos benefícios aos usuários, como acesso a uma ampla rede de relacionamentos e acesso instantâneo à comunicação e informação, sendo uma rede de intercomunicação sem fronteiras geográficas ou culturais.

Durante a pandemia, a internet, por meio de mídias sociais e plataformas de serviço de comunicação, possibilitou a continuidade de atividades empresariais com o *home office*, vendas on-line, prestação de serviços públicos e atividades educacionais com o ensino remoto e de saúde, a exemplo das teleconsultas. Dito de outra maneira, a ascensão da comunidade virtual, que Reinhold (1998) destacou, se tornou ainda mais evidente em tempos de pandemia, visto que a internet acarretou a continuidade das atividades sociais e econômicas.

Dessa maneira, presenciamos o nascimento de uma sociedade global<sup>7</sup> que interliga diferentes indivíduos em um só ambiente.

---

<sup>4</sup> Pierre Lévy, define o espaço das comunicações por redes de computação como um espaço virtual de troca de informação e comunicação na cultura contemporânea.

<sup>5</sup> Comunidade virtual é uma rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora, às vezes, a comunicação se torne a própria meta (CASTELLS, 2002, p. 443).

<sup>6</sup> Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Esta decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, termo que se refere à distribuição geográfica de uma doença, e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de covid-19 em vários países e regiões do mundo.

<sup>7</sup> Sintetizando o conceito, conforme Giddens (1991), uma sociedade global é um conceito que se refere a uma rede interconectada de pessoas, organizações e governos em todo o mundo que compartilham uma série de valores, objetivos e desafios comuns. É uma visão de um mundo onde as fronteiras nacionais são menos importantes do que as conexões e relações entre as pessoas e as comunidades. Uma sociedade global é caracterizada pela crescente interdependência econômica, social e cultural entre os países e pelas crescentes demandas por colaboração internacional para resolver questões globais, como mudanças climáticas, pobreza, saúde pública, segurança e direitos humanos. Alguns dos principais fatores que estão impulsionando a formação de uma sociedade global incluem a globalização econômica, os avanços nas tecnologias de comunicação e transporte, a migração em massa de pessoas de uma parte do mundo para outra e o aumento da consciência e do engajamento em questões globais.

## 1.1 SURGIMENTO E ASCENSÃO DAS REDES SOCIAIS

As mídias sociais tornaram-se componentes integrantes de nossa vida diária, desempenhando um papel fundamental na conexão entre as pessoas, permitindo o estabelecimento de novos relacionamentos e a manutenção dos existentes. Mas você sabe como elas surgiram e qual a sua importância cultural, social e econômica?

As mídias sociais, de maneira geral, são plataformas digitais que permitem a interação e o compartilhamento de informações entre os seus usuários. O seu surgimento se deu no final dos anos 90 e início dos anos 2000, com as primeiras plataformas, como o *MySpace* e o *Friendster*, no entanto, foi a criação do *Facebook*, por Mark Zuckerberg, que fez com que as mídias sociais se tornassem amplamente populares em todo o mundo.

Desde então, as mídias sociais têm um impacto significativo em nossas vidas, alterando nossos hábitos pessoais e até mesmo mudando a forma como a economia e a política funcionam. Através delas, as pessoas podem compartilhar informações, opiniões, notícias, fotos e vídeos instantaneamente e, conseqüentemente, influenciar os acontecimentos globais em maior escala.

O alcance das mídias sociais é enorme, passando por diferentes grupos etários, culturas e nacionalidades. E elas acabam por influenciar os indivíduos de forma positiva, ou negativa. De acordo com Sherry Turkle (2011), as redes sociais têm o poder de conectar pessoas do mundo todo e estimular a criação de novas amizades e relacionamentos, mas também podem ter efeitos negativos, como a disseminação de notícias falsas, os desafios mortais e o isolamento social.

Percebemos que as redes sociais têm se consolidado como um fenômeno cada vez mais presente em nossas vidas, estando em constante evolução e crescendo juntamente das tecnologias de processamento de dados. Contudo, há uma necessidade emergente de apreender a lidar tanto com seus aspectos positivos, quanto negativos. Diante disso, entender como as redes sociais surgiram e como vêm se desenvolvendo é de extrema importância para compreendermos a relevância deste fenômeno na sociedade contemporânea.

Com seus primórdios entre os anos de 1950 e 1960, a internet tornou-se uma ferramenta social e organizacional que vem cada vez mais sendo utilizada por diferentes usuários pelo mundo. Desde a criação do computador em 1945, nos Estados Unidos da América, as inovações e as reformulações de sistema de processamento de dados não param de se expandir.

Pierre Lévy (1998) aborda a cultura informática em sua obra *A Máquina Universo*, em que assinala que o computador é uma nova ferramenta de experiências e de pensamento:

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais (LÉVY, 1998, p. 17).

Assim como o computador, a internet é uma criação americana<sup>8</sup>, que surgiu durante a Guerra Fria, por volta de 1969, com o nome de ARPAnet<sup>9</sup>. Tratava-se de um sistema utilizado pelo Departamento de Defesa americano, que, posteriormente, se expandiu à universidades e centros de pesquisa, para depois ter seu uso ilimitado. A internet no formato em que conhecemos hoje, com os sistemas HTTP, WWW e linguagem HTML, emergiu em 1990, sendo uma criação do cientista Tim Berners-Lee.<sup>10</sup>

Podemos definir a internet como uma rede que congrega diversos grupos de redes, que não são apenas de computadores, mas também de pessoas e de informação. Dentro da mesma lógica da rede, esta congregação forma uma nova cultura, que Lévy (1999) denomina de cultura do ciberespaço, ou “cibercultura”:

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes,

---

<sup>8</sup> A internet é resultado de muitos anos de trabalho e desenvolvimento por parte de diversas pessoas e organizações em todo o mundo, mas não há uma única pessoa que possa ser creditada como a sua inventora. No entanto, alguns dos principais nomes associados ao desenvolvimento da internet são: Vint Cerf e Robert Kahn, que criaram o protocolo TCP/IP, que é a base da comunicação na internet; Tim Berners-Lee, que criou o sistema de hipertexto, que deu origem à *World Wide Web* (www), e Larry Roberts, que liderou o desenvolvimento da ARPANET, a primeira rede de computadores que se tornou um dos precursores da internet.

<sup>9</sup> A ARPAnet (*Advanced Research Projects Agency Network*, em português, Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados) foi a primeira rede de computadores construída em 1969 como um meio robusto para transmitir dados militares sigilosos e interligar os departamentos de pesquisa por todo os Estados Unidos. Foi criada em consórcio com as principais universidades e centros de pesquisa dos EUA, com o objetivo específico de investigar a utilidade da comunicação de dados em alta velocidade para fins militares. É conhecida como a rede-mãe da internet de hoje e colocada fora de operação em 1990, posto que as estruturas alternativas de rede já cumpriam o seu papel nos EUA.

<sup>10</sup> Timothy John Berners-Lee é um físico britânico, cientista da computação e professor do MIT, formado em física pela Universidade de Oxford, que se tornou um engenheiro de *software*. E, trabalhando no CERN, ele inventou a *World Wide Web*, tendo feito a primeira proposta para sua criação a 12 de março de 1989. Em 25 de dezembro de 1990, com a ajuda de Robert Cailliau e de um jovem estudante do CERN, implementou a primeira comunicação bem-sucedida entre um cliente HTTP e o servidor através da internet.

de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

É importante ressaltar que o conceito de redes sociais não surgiu com a tecnologia. Os seres humanos estão sempre se comunicando e, dessa forma, estabelecem redes sociais. Pode-se citar como exemplo as redes de amigos, de parentesco, de vizinhos, entre outras.

A noção de rede social teve início, aproximadamente, há um século, sendo usada para indicar um conjunto de relações entre indivíduos de um sistema social em diversas esferas. A rede social é uma estrutura social composta por pessoas ligadas por um ou vários tipos de relações, compartilhando ideias, desejos, valores e objetivos comuns.

Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e a disponibilidade de contatos. Ou seja, as redes sociais são estruturas tecidas dentro ou fora da internet por pessoas e organizações que se conectam a partir de interesses, ideias ou valores comuns. Muitos confundem com mídias sociais, contudo, as mídias são apenas mais uma maneira de criar redes sociais, inclusive na internet.

O conceito de rede social foi utilizado pela primeira vez pelo antropólogo John Barnes<sup>11</sup>, que investigava os padrões de relacionamento entre diferentes indivíduos e descobriu que uma parte significativa de humanos - não só aqueles que se conhecem diretamente - se relaciona com os outros indiretamente. O estudioso analisou a importância da amizade, do parentesco e da vizinhança como relações informais e interpessoais na estruturação de uma comunidade.

Atualmente, o conceito de rede nos remete a uma concepção ampla, que decorre do uso em várias esferas, tais como redes organizacionais, redes de informática, redes virtuais, redes de comunicação, dentre outras. Esta abordagem moderna foi o embrião de muitos serviços de redes sociais de hoje, e suas descobertas ainda são usadas para estudar a interação humana.

As redes sociais que são fruto das ferramentas digitais e formadas pela interação entre os indivíduos no ambiente virtual devem ser chamadas de mídias sociais, terminologia adotada pela sociologia virtual<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> O antropólogo John Barnes foi um dos precursores do estudo das redes sociais. Ele utilizou o conceito de redes sociais em vários de seus estudos, mas o conceito inicial se deu em seu estudo intitulado *Class and Committees in a Norwegian Island Parish*, publicado em 1954, pelo qual Barnes analisou as relações sociais de um pequeno vilarejo na Noruega e mostrou como as conexões sociais entre as pessoas influenciavam as decisões e as ações coletivas da comunidade.

<sup>12</sup> A sociologia virtual, também conhecida como ciber-sociologia ou sociologia da internet, é uma ramificação da sociologia que se dedica ao estudo dos fenômenos sociais que ocorrem no ambiente virtual,

Portanto, as redes sociais na internet não podem ser confundidas com a ferramenta que as suporta, uma vez que são, por si só, manifestações de grupos sociais, de indivíduos e instituições que estão constantemente interconectados pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Elas divulgam e expressam as relações sociais existentes, sendo usadas para unir membros com interesses e ideologias em comum, proporcionando integração e interatividade através da comunicação e compartilhamento de conteúdo instantâneo.

Pierre Lévy (1999) lembra que as comunidades virtuais (redes) são constituídas das afinidades de interesses e projetos mútuos, mas, diferente das comunidades tradicionais, as virtuais não dependem das proximidades geográficas e das filiações institucionais para existirem:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LÉVY, 1999, p. 130).

Estas tecnologias digitais criam modos de comunicação, expandindo os modos de interação e disseminação da informação. Este novo cenário tecnológico modificou a natureza das interações sociais, dando forma ao que Castells<sup>13</sup> (2002) chamou de “Sociedade da Informação”:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, como personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida, e ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 2002, p. 22).<sup>14</sup>

---

decorrentes do uso e impacto da tecnologia e da internet na sociedade. Os principais estudos na área envolvem análises sobre redes sociais, identidade e interação social, comunidades virtuais, comportamento online, ativismo e engajamento político, privacidade e vigilância, entre outros temas relacionados à vida em rede. Entre os pesquisadores mais destacados na área estão Howard Rheingold, Manuel Castells, Danah Boyd, Sherry Turkle, entre outros. Esses estudiosos contribuem para a compreensão dos efeitos da tecnologia na vida social, cultural e política, além de explorarem as novas formas de relacionamentos e sociabilidade que surgem no ambiente virtual.

<sup>13</sup> Manuel Castells Oliván é um sociólogo espanhol. Estuda o impacto das tecnologias da informação na sociedade e "previu", no início dos anos 1990, sua influência em nossas vidas.

Lévy (1999), no que se refere ao processo de virtualização da comunicação, afirma que este foi iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone. Entretanto, o ciberespaço proporcionou particularidades no processo comunicacional antes não vistas, mesmo com o advento do telefone e do correio:

Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. O que nos conduz diretamente à virtualização das organizações que, com a ajuda das ferramentas da cibercultura, tornam-se cada vez menos dependentes de lugares determinados, de horários de trabalho fixos e de planejamentos a longo prazo (LÉVY, 1999, p. 49).

Pierre Lévy (1999) argumenta que a palavra “virtual” é muitas vezes usada de forma incorreta para significar irrealidade, no entanto, ele enfatiza que virtual e realidade não se opõem, mas, sim, o virtual se opõe ao atual. Dessa forma, atualidade e virtualidade são simplesmente duas formas diferentes de realidade. Di Felice (2008) também defende que a introdução de novos meios de comunicação e tecnologias pode mudar a maneira como percebemos a realidade.

Pela primeira vez na história da humanidade, a comunicação se torna um processo de fluxo em que as velhas distinções entre emissor, meio e receptor se confundem e se trocam até estabelecer outras formas e outras dinâmicas de interação, impossíveis de serem representadas segundo os modelos dos paradigmas comunicativos tradicionais (DI FELICE, 2008, p. 23).

Além disso, uma das características das mídias sociais é o fato de serem identificadas pela exposição pública de um indivíduo e pela construção de representações dos indivíduos envolvidos. O que permite que o ator deste cenário virtual construa um perfil on-line por vezes muito diferente do perfil off-line.

As mídias sociais possibilitam que os usuários se valham das plataformas da internet para se esconder, ou “fazer máscaras” diferentes de seu verdadeiro eu, como um modo de escapar de julgamentos sociais, ou para experimentar personalidades alternativas.

Podemos observar que, com o advento da comunicação on-line, criamos uma persona social para nossas interações. Esta persona é nossa fachada social virtual que nos permite mostrar diferentes aspectos de nós mesmos e expressar sentimentos e comportamentos que dificilmente demonstramos em interações face a face. Embora seja notável que estes meios de comunicação nos mantenham conectados com amigos e

familiares ao redor do mundo, também precisamos estar cientes de que a nossa fachada social pode ser vista como uma construção artificiosa de nós mesmos.

## 1.2 NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Boyd e Ellison (2007) apresentam uma definição de redes sociais e traçam seu histórico:

Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes: 1) possuem perfis identificáveis unicamente, que consistem de conteúdo gerado pelo próprio usuário, por outros usuários e por dados do sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e atravessadas por outros, e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado pelos usuários, fornecido por suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2007, p. 158, tradução nossa).

Para compreender como se deu a evolução das mídias, é necessário um breve relato histórico sobre o seu surgimento. As mídias sociais nasceram no século XXI e conquistaram rapidamente um lugar privilegiado na rede. Após o surgimento da internet e sua popularização nas décadas dos anos 80 e 90, os e-mails apareceram como a primeira forma de relacionamento na internet. A troca de mensagens por e-mail era a única forma de comunicação e troca de arquivos disponíveis para os usuários. Esta forma de interação entre os usuários é mantida até os dias de hoje.

O *GeoCities*<sup>15</sup>, lançado em 1994, iniciou o que hoje se conhece como mídias sociais. Sua premissa era de que os usuários pudessem criar suas próprias páginas na web, e estas seriam organizadas de acordo com a localização. O *GeoCities* foi o precursor das comunidades digitais que conhecemos hoje como as mídias sociais e foi fundamental para introduzir o conceito da internet aos usuários da década de 1990. A rede chegou a ter 38 milhões de usuários, mas foi comprada pela Yahoo e encerrada em 2009.

---

<sup>15</sup> *GeoCities* foi um provedor de *hosting* de páginas web, serviço de e-mail e ferramentas de construção de página da web operado pela Virada Corporation a partir de 1995 e depois comprado pela Yahoo. Considerado como um dos primeiros sites de construção de sites e a primeira marca de web 2.0, foi a sede dos primeiros anos da história da *World Wide Web* e é considerado de grande influência para o desenvolvimento da cibercultura. Além de se tornar o alojamento de muitas páginas pessoais, sites web, blogs e comunidades on-line, o *GeoCities* serviu como plataforma para a criação de dados, ferramentas de construção e serviços para *webmasters* e usuários do site. O *GeoCities* foi encerrado em 2009 pelo Yahoo, porém, sua influência já havia se estendido aos outros tipos de mídias de comunicação e serviços on-line que se tornaram populares. Também foi importante para muitos usuários da internet conectarem seus amigos para estabelecer interações virtuais e desenvolverem relações profundas nas comunidades on-line.

Posteriormente o *Six Degrees* foi lançado em maio de 1997, quando a conexão ainda era discada<sup>16</sup>. O site foi o primeiro a permitir que usuários criassem perfis, enviassem convites para amigos e organizassem grupos. A mídia social foi batizada conforme a teoria dos seis graus de separação<sup>17</sup>, que defende que cada pessoa no mundo está a seis graus de qualquer outro indivíduo.

Em outras palavras, seriam necessários, no máximo, seis laços de amizade para você chegar a personalidades como Bill Gates, Papa Francisco, ou Rei Charles III. No entanto, em uma era de conexões discadas<sup>18</sup> e internet de banda limitada, o *Six Degrees* teve um impacto menor.

Foi nos anos 2000 que as plataformas de mídias sociais realmente se proliferaram, em grande parte devido à própria popularização da internet. Cada rede concentrava uma quantidade relevante de usuários e tinha um perfil próprio de atuação, diversificando os serviços ofertados.

O *Orkut* foi uma rede social que fez muito sucesso no início dos anos 2000. Criada dentro do Google para ser uma rede corporativa e competir com o *LinkedIn*, o *Orkut* não era exatamente um projeto bancado pela gigante da internet, mas, sim, um projeto paralelo feito dentro da empresa pelo engenheiro turco Orkut Buyukkokten, que deu seu nome a rede social.

Na realidade, o *Orkut* foi criado com a proposta de possibilitar uma rede social profissional e corporativa para ajudar as pessoas a acharem empregos e aumentarem o *networking*. Desde o início, porém, os usuários se sentiam muito mais dispostos a conversarem sobre assuntos pessoais do que apenas criar conexões profissionais.

Em 2002, um site chamado *Friendster* conquistou a internet, pois foi o primeiro site de mídia social em que as pessoas podiam postar informações pessoais, criar perfis, conectar-se com amigos e encontrar outras pessoas com interesses semelhantes. Na época,

---

<sup>16</sup> Conexão discada é um método de acessar à internet através de uma conexão telefônica. É um método antigo e lento, mas ainda é usado por muitas pessoas. Com o advento da tecnologia de banda larga, o acesso discado tem sido substituído por outras formas de conectar-se à internet.

<sup>17</sup> A teoria dos seis graus de separação originou-se a partir de um estudo científico desenvolvido pelo psicólogo Stanley Milgram, que criou a teoria de que, no mundo, são necessários, no máximo, seis laços de amizade para que duas pessoas quaisquer estejam ligadas. No estudo feito nos Estados Unidos, buscou-se, através do envio de cartas, identificar os números de laços de conhecimento pessoal existente entre duas pessoas quaisquer. Cada pessoa recebia uma carta identificando a pessoa-alvo e deveria enviar uma nova carta para a pessoa identificada, caso a conhecesse, ou para uma pessoa qualquer de suas relações que tivesse maior chance de conhecer a pessoa-alvo. A pessoa-alvo, ao receber a carta, deveria enviar uma carta para os responsáveis pelo estudo. O estudo de Milgram que originou a teoria dos seis graus de separação é chamado *The Small World Problem*, sendo publicado em 1967 no jornal *Psychology Today*.

<sup>18</sup> Internet discada, também conhecida como ligação *dial-up*, a banda discada é usada para estabelecer uma conexão com um provedor de internet através de uma linha telefônica.

muitas publicações importantes fizeram matérias sobre a página, que era baseada na técnica do círculo de amigos.

A rede social alcançou um sucesso estrondoso, o que gerou uma proposta de compra de US\$ 30 milhões do Google – que foi recusada –, mas acabou também causando seu fim. O site cresceu mais rápido do que o sistema esperava e os problemas técnicos, junto da chegada de concorrentes com mais recursos, enfraqueceram o *Friendster*.

Conforme as conexões de internet se tornaram mais rápidas e os computadores, mais poderosos, as mídias sociais se tornaram mais populares. No ano seguinte, *MySpace* estreou, oferecendo uma infinidade de recursos e se tornou especialmente popular entre bandas e músicos que desejavam compartilhar sua música com outros usuários.

Também em 2003 surgia o *LinkedIn*, que apresentava uma proposta totalmente diferente em relação à mídia social que existe até hoje. A mídia não tinha como objetivo reunir amigos, e, sim, contatos profissionais. Era a origem de algo muito comum hoje em dia, a criação de sites de relacionamento segmentados, voltados a apenas um determinado tipo de público, e não para o internauta em geral.

O *Facebook* foi lançado em 2004 primeiro como um site de rede social para estudantes universitários. No início, foi chamado de *The Facebook*. A rede social do *like* seria fundada por ex-estudantes de Harvard<sup>19</sup> e funcionária de modo restrito, somente para os estudantes de Harvard. Com o passar do tempo, foi expandindo para outros campos estudantis e somente em 2006 qualquer usuário poderia criar o seu perfil no *Facebook*.

O *YouTube* foi lançado no ano 2005, permitindo que as pessoas postassem vídeos e divulgassem seus trabalhos. O site revolucionou a maneira como as pessoas se comunicam e se tornou um dos principais serviços do Google.

O *Twitter*<sup>20</sup> foi lançado em 2006, sendo considerado a mais inovadora ferramenta da época no que se refere à velocidade da informação. Com características bem diferentes das demais mídias sociais e com apenas 140 caracteres para publicação de algum conteúdo, o *Twitter* passou alguns anos no anonimato.

---

<sup>19</sup> Os fundadores do *Facebook* são Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Cris Hughes.

<sup>20</sup> O *Twitter* foi fundado em março de 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone como um projeto paralelo da Odeo. A ideia surgiu de Dorsey durante uma reunião de discussão de ideias (*brainstorming*) em que ele falava sobre um serviço de troca de status, como um SMS.

No entanto, a utilização das redes sociais se expandiu consideravelmente com o lançamento iPhone<sup>21</sup> em 2007, que marcou o início da era do *smartphone*<sup>22</sup>. Agora as pessoas poderiam levar suas mídias sociais para onde quer que fossem, acessando seus sites favoritos com o toque de um aplicativo.

Na década seguinte, surgiu uma nova geração de sites de mídias sociais, projetados para aproveitar as vantagens dos recursos de multimídia do *smartphone*. O *Instagram* e o *Pinterest* começaram em 2010, o *Snapchat*, em 2011, e *Telegram*, em 2013. Todas estas empresas contam com o desejo dos usuários de se comunicarem, criando, assim, um conteúdo que os usuários desejam consumir.

Enfim, dentro das “mídias sociais”, a modernidade vem construindo novos modos de se relacionar no espaço virtual.

O *Twitter* é um site que limita os *tweets* (mensagens curtas de texto). O *Instagram* é o lugar onde as pessoas compartilham fotos e vídeos; o *Snapchat*, um aplicativo de fotos e mensagens somente móveis; o *Pinterest*, uma página de recados on-line; *TikTok* é um site de compartilhamento de vídeos; e o *WhatsApp*, um aplicativo de mensagens instantâneas.

O *Instagram*, cujo foco principal está no compartilhamento de imagens, vídeos e conteúdos diversos, foi lançado em outubro de 2010 como uma aplicação de compartilhamento de fotos. Atualmente, é amplamente utilizado para compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo que os usuários adicionem filtros especiais para melhorar a qualidade de suas imagens. Os usuários também podem seguir, dar curtidas e comentar as postagens das outras pessoas.

O *Instagram* ampliou, consideravelmente e ao longo do tempo, as possibilidades de usos e apropriações que seus usuários realizam ao oferecer uma ampla gama de recursos que incrementam não apenas a circulação dos conteúdos gerados, mas também a própria dinâmica das performances<sup>23</sup> e interações envolvidas. Segundo dados do *Statista*

---

<sup>21</sup> iPhone é uma linha de smartphones desenvolvidos e comercializados pela Apple. É o único smartphone a operar com o sistema operacional móvel IOS. A primeira geração do iPhone foi lançada em 29 de junho de 2007, desde então, a Apple de tempos em tempos lança novos modelos com novas ferramentas. O iPhone trouxe uma interface de usuário revolucionária, tela multitouch e uma ampla variedade de aplicativos, e rapidamente se tornou um dos dispositivos mais desejados do mundo.

<sup>22</sup> Segundo o dicionário Michaelis: *smartphone* (palavra inglesa que significa “telefone inteligente”, é um celular que combina recursos de computadores pessoais, com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas aplicativos executados pelo seu sistema operacional

<sup>23</sup> Erving Goffman (2021), em seu livro *A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana*, apresenta o conceito de “performances” para descrever a relação entre as pessoas e as suas representações em diferentes situações sociais. No mundo digital de hoje, esta ideia se torna ainda mais importante, principalmente em plataformas como o *Instagram*, onde a imagem pessoal é constantemente construída e apresentada. No *Instagram*, as

*Research Department* (2022), o *Instagram* conta, no momento, com cerca de 1,2 bilhão de usuários, sendo 99 milhões alocados no Brasil.

A base de interações do *Instagram* se mantém em torno de seguidores, ou seja, de perfis vinculados à conta de um usuário com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações de compartilhamentos de conteúdos relacionados ao outro na plataforma. Tais atividades costumam ser exibidas no *feed*, o painel principal onde as ações das pessoas aparecem.

Já o aplicativo de mensagem *WhatsApp*, um dos mais populares do mundo, foi criado em 2009 por Jan Koum e Brian Acton, sendo originalmente desenvolvido como um serviço para enviar mensagens de texto e projetado para iOS, Android e Windows Phone. O serviço foi adquirido pelo *Facebook* em 2014.

O aplicativo *TikTok* foi criado em 2016 por uma empresa chinesa, ainda com o nome *Musical.ly*, sendo um aplicativo para as pessoas postarem vídeos dublando músicas. Em setembro de 2017, o *ByteDance*<sup>24</sup> adquiriu o aplicativo musical *Musical.ly*<sup>25</sup>, e um mês depois lançou o aplicativo *TikTok* globalmente.

Enfim, a internet, desde o seu surgimento como uma rede de comunicação interligando computadores, rompeu barreiras geográficas, permitindo uma nova forma de comunicação e socialização. Contudo, foi a partir da disseminação das mídias sociais que o ciberespaço, um novo espaço de convivência social, se tornou uma realidade. Através

---

peças criam e compartilham uma série de imagens e vídeos que representam um ideal de vida, um estilo de vida desejado ou um momento especial. Estas imagens não são apenas retratos da realidade, mas, na verdade, são performances construídas através de um processo de seleção, edição e publicação. As redes sociais, como o *Instagram*, são, portanto, plataformas em que as pessoas constroem e apresentam a sua própria imagem pública. Ainda sobre o conceito de performances, é importante mencionar que a ideia também se aplica ao *marketing* pessoal nas redes sociais. O *Instagram* permite que as pessoas se promovam e se apresentem como marcas, o que pode ser muito benéfico do ponto de vista profissional e econômico. Estas performances pessoais envolvem a construção de uma imagem que distingue as pessoas, as tornando únicas em relação aos outros usuários da rede. Em resumo, o *Instagram* é um ambiente onde a construção de performances é uma constante. As pessoas não apenas compartilham fotografias, mas criam narrativas, escolhem imagens especiais, editam e publicam na rede social. As performances pessoais permitem que os indivíduos se apresentem da maneira como desejam ser vistos, seja como uma marca, seja como um estilo de vida, seja como pertencente a determinado grupo, seja como uma pessoa singular. As redes sociais se tornaram, portanto, uma ferramenta importante para a construção da imagem pessoal e para o *marketing* pessoal nas esferas profissionais e econômicas.

<sup>24</sup>A *ByteDance* foi fundada em 2012 por Zhang Yiming, lançando seu primeiro aplicativo em 2013. A *ByteDance* é classificada como uma das maiores empresas de mídia tecnológica do mundo, alcançando altos níveis de usuário e receita em seus aplicativos e, também, possui e opera outros aplicativos de mídia social populares, como o *DouYin* e o *TikTok*.

<sup>25</sup>A *Musical.ly* (agora conhecida como *TikTok*) foi fundada pelo chinês Alex Zhu e o alemão Luyu Yang, em 2014. O aplicativo foi projetado como uma plataforma para que os usuários compartilhassem vídeos musicais de 15 segundos. O *Musical.ly* foi lançado oficialmente em agosto de 2014 e se tornou rapidamente uma plataforma de mídia social popular. Em 2017, a *ByteDance* adquiriu o aplicativo por aproximadamente US\$ 1 bilhão de dólares e a fundiu com o aplicativo muito semelhante, o *DouYin*, para lançar o aplicativo *TikTok* globalmente.

das mídias sociais, os usuários passaram a ter a possibilidade de interagir virtualmente, criando e mantendo laços de amizade e de relações profissionais.

A evolução da internet e das mídias sociais foi rápida e constante, permitindo que este novo espaço de socialização virtual se tornasse uma realidade cada vez mais presente na vida das pessoas. No ciberespaço, surgiram novas formas de interação social, possibilitando o encontro de pessoas com interesses em comum, além de criar oportunidades de negócios e de troca de informações.

No ciberespaço, também se criaram ambientes virtuais específicos para o compartilhamento de informações e conteúdos, como fóruns, blogs, grupos de discussão e comunidades on-line. Estes ambientes geram novos espaços de socialização, onde os usuários podem se expressar livremente, caminhando para um ambiente que possibilita a criação de novos modelos de interação e conectividade social.

No entanto, é importante lembrar que estes espaços podem ser utilizados por indivíduos mal-intencionados, como criminosos cibernéticos e aliciadores, que se aproveitam do anonimato proporcionado pela internet para cometer crimes, especialmente contra crianças e jovens, que são os atores mais vulneráveis deste novo cenário de interação social.

Enfim, o surgimento do ciberespaço traz consigo novos desafios para a sociedade, além de uma nova era de possibilidades e desafios para a sociedade. Com o advento da internet, a forma como nos comunicamos, trabalhamos, aprendemos e consumimos informação mudou drasticamente. Por um lado, isso trouxe um maior acesso à informação e uma maior conectividade entre as pessoas, permitindo uma globalização cada vez mais efetiva. Entretanto, também surgiram novos problemas, como o *ciberbullying*, a disseminação de *fake news*, o vazamento de dados pessoais, a violação da privacidade e o aliciamento de crianças e jovens para os desafios da morte.

### 1.3 AS MÍDIAS SOCIAIS E O CIBERESPAÇO: UM NOVO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO

O ciberespaço é um espaço virtual inovador e abrangente que tem se provado valioso para diversos fins, desde a partilha de informações até a efetivação de negócios. Com a inclusão deste novo ambiente de socialização digital, muitas possibilidades de interação foram criadas, por exemplo, aproximar-se de outras pessoas e de ambientes diferentes pelo ciberespaço nunca foi tão fácil.

Uma vez conectado, o usuário tem a possibilidade de compartilhar ideias, estabelecer novas relações interpessoais, se aventurar por vizinhanças que podem vir a ser surpreendentemente interessantes, bem como recuperar contatos com amigos e familiares, mesmo aqueles que se encontram a grandes distâncias. Com isso, o ciberespaço trouxe novas maneiras de socialização.

É importante, para uma melhor compreensão, esclarecer a função da socialização na sociedade. De acordo com Durkheim (2007) e Max Weber (2007)<sup>26</sup>, a socialização é um processo que tem como objetivo a integração do indivíduo nos grupos aos quais irá pertencer ao longo da sua vida. Com a socialização, o indivíduo desenvolve o sentimento de coletividade e adquire os hábitos que o habilitam a viver em comunidade. É pela socialização que os homens apreendem o conjunto de hábitos, costumes e regras característicos de seu grupo.<sup>27</sup>

Nesse sentido, quando nascemos, somos inseridos em uma família que existe em uma determinada sociedade, com sua língua, valores, tradições e hábitos sociais que nos são ensinados e ficam impressos em um processo permanente e contínuo durante a nossa vida. A integração no grupo familiar e depois a nossa aceitação social nos grupos que integramos, tais como escola, amigos, trabalho, entre outros, provêm do fato de nos comportarmos de acordo com o que é esperado. Com isso, a socialização nada mais é do que a internalização da estrutura social por uma pessoa. O ser humano vai se adaptando e aprendendo a viver em conformidade com o seu grupo social.

Em uma primeira fase da vida do ser humano, o processo de socialização é feito pela família; na segunda fase, a escola assume esse papel e, em uma terceira fase, como adulto, a socialização ocorre pela aceitação dos papéis sociais que o indivíduo desempenha na comunidade, como a entrada na universidade, o emprego e a constituição de uma nova família.

O processo da socialização, ainda que particularmente significativo durante a infância e a adolescência, continua presente durante o resto da vida dos indivíduos. Logo, os

---

<sup>26</sup> Em *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim discute a importância da socialização na sociedade e como ela leva à coesão social e à integração dos indivíduos em grupos. Já em *A Divisão do Trabalho Social*, ele destaca a relação entre a socialização e a solidariedade mecânica e orgânica. Max Weber, em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, aponta a importância da socialização na formação de valores e da ética em um grupo social. Ele também apresenta a influência da religião na socialização e na formação de valores e crenças.

<sup>27</sup> A afirmação é uma síntese de vários conceitos amplamente abordados na sociologia. Não é possível apontar uma única fonte bibliográfica que a contenha. No entanto, é possível encontrar ideias similares em obras de vários autores, como Emile Durkheim, Max Weber, Parsons, George Herbert Mead, entre outros. A ideia de que a socialização é um processo fundamental para a integração e adaptação do indivíduo às normas e valores sociais é um tema recorrente na sociologia.

indivíduos são influenciados pelo meio social que os envolve, o que os leva a aprender e a modificar constantemente os seus comportamentos ao longo de todas as fases da sua vida.

Émile Durkheim (2007) foi um dos principais teóricos da Sociologia e uma das suas principais contribuições foi o estudo da socialização. Segundo ele, a socialização é um processo fundamental para a integração dos indivíduos na sociedade e para a construção da identidade social.

Em sua obra *As Regras do Método Sociológico*, escrita em 1895, Durkheim (2007) argumenta que a socialização começa na família, através da qual as crianças aprendem as normas e os valores da sociedade, continuando na escola, espaço em que elas aprendem as habilidades necessárias a fim de se tornarem membros produtivos da sociedade. O autor acredita que a socialização é um processo essencial para a formação do indivíduo e que, sem ela, a sociedade não poderia existir.

Em seu livro *Da divisão do trabalho social*, de 1893, Durkheim (2007) enfatiza a importância da socialização para a manutenção da coesão social e a prevenção do crime e da anomia<sup>28</sup>, e que a socialização é responsável por transmitir aos indivíduos as normas e os valores da sociedade que servem como um guia para o comportamento humano. Quando a socialização falha, os indivíduos podem se sentir alienados da sociedade e se desviar do comportamento aceitável, o que pode levar ao crime e à anomia.

Em suma, para Durkheim (2007), a socialização é um processo crucial para a integração dos indivíduos na sociedade, a construção da identidade social e a manutenção da sociedade. Todos são socializados, independentemente de sua vontade; as pessoas são ensinadas a comer, a falar, a andar e a se comportar em um determinado meio. A socialização é um processo educativo pelo qual uma sociedade torna cada indivíduo um

---

<sup>28</sup>A anomia refere-se a uma condição de desintegração ou desordem social, na qual as normas e valores que regulam o comportamento dos indivíduos em uma sociedade tornam-se confusos, fracos ou até mesmo ausentes. Em outras palavras, a anomia ocorre quando há uma lacuna ou falta de orientação moral e social que normalmente guia as ações das pessoas em uma comunidade. Durkheim (2020) argumentou que a anomia é mais provável de ocorrer em situações de mudanças rápidas na sociedade, como as revoluções industriais, as crises econômicas ou grandes eventos de perturbação social. Em tais circunstâncias, as antigas normas e valores podem se tornar obsoletos, e novas orientações morais podem não ter se desenvolvido completamente, levando a um sentimento de desorientação e alienação. Isso pode resultar em comportamentos desviantes, como o suicídio, o crime e o comportamento antiético. Durkheim(2020) acreditava que a anomia era um conceito fundamental para entender as taxas de suicídio e comportamento desviante na sociedade. Ele argumentou que o equilíbrio entre a integração social (o grau em que os indivíduos se sentem parte de uma comunidade) e a regulação social (o grau em que as normas e valores guiam o comportamento) era essencial para a estabilidade social. A anomia, quando presente em excesso, poderia minar esse equilíbrio, levando a consequências negativas para a coesão social e o bem-estar dos indivíduos.

ser social. Ou seja, é o processo de aprendizagem que passamos durante nossa vida e através do qual apreendemos as características do grupo em que vivemos.

Em outras palavras, para a sobrevivência em uma sociedade, é necessário compartilhar uma língua e ter um conjunto comum de categorias e padrões de conduta, pois a linguagem é o principal meio de comunicação entre os indivíduos e, portanto, essencial para a construção de relações sociais e para a transmissão de conhecimentos e valores culturais.

A concepção de Durkheim (2007) de socialização influenciou outras obras, como a de Anthony Giddens (1991), por exemplo, que define a socialização como o processo de aprendizado em que seres vulneráveis se transformam em seres conscientes de si mesmos, com conhecimentos e habilidades aprendidos nas formas de vida de sua cultura de origem.

Anthony Giddens (1991) especifica duas etapas do processo de socialização, em que diferentes agentes da socialização têm maior significância. A primeira fase de socialização se dá na infância e é o período de maior aprendizagem cultural da vida do ser humano, por meio do qual ele aprende sua primeira língua e começa a ter seu comportamento moldado pelo convívio social com sua família.

O segundo período se dá no fim de sua infância e no início de sua vida adulta. Nesse momento, outros atores passam a ter maior impacto na socialização do sujeito. A escola, os grupos de amigos, as redes sociais<sup>29</sup>, as mídias e, posteriormente, o ambiente de trabalho trazem consigo uma bagagem de valores, normas e crenças que está unida na realidade social e cultural em que o indivíduo se insere.

Ou seja, no decorrer da sua socialização, um indivíduo trará contato com um enorme número de contextos e grupos sociais que vão além do grupo primário, quando poderá experimentar muitas visões e interpretações do mundo.

Corroborando, Peter Berger e Thomas Luckman (1995) definem a ideia de socialização, conceituando-a como a interiorização de uma ordem social compartilhada por parte dos indivíduos. Os autores de *A construção social da realidade* (1966)<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Uma rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações conectadas por um, ou vários tipos de relações, compartilhando valores e objetivos comuns. O conceito de rede social é atribuído a diversos pesquisadores, mas o mais influente e conhecido é John Barnes (1954).

<sup>30</sup> *A construção social da realidade*: um tratado na sociologia do conhecimento é um livro de 1966 sobre a sociologia do conhecimento, escrito pelos sociólogos Peter L. Berger e Thomas Luckmann. O livro teve influência na criação do campo do construcionismo social, tendo como propósito fazer uma leitura da chamada “Sociologia do Conhecimento”. A obra começa exatamente explicando o que seria esta forma de sociologia. Thomas Luckmann e Peter Berger fazem uma análise do que eles chamam de “processos de legitimação pelos universos simbólicos”, colocando como base do seu pensamento a intersubjetividade e

também definem dois momentos de sua realização: a socialização primária e a socialização secundária.

Nesse sentido, a temporalidade apresenta uma importância fundamental, pois, se os indivíduos aprendem, na primeira infância, os costumes e as regras sociais na família e na escola, do outro lado, a socialização secundária se dá em um âmbito maior, pois é vivenciada em todas as interações que acontecem ao longo da vida. Dessa forma, a ideia de socialização secundária é decisiva para compreensão da socialização como realidade aberta e múltipla, em um processo interminável ao longo da vida e dependente dos espaços e das interações que vão se construindo.

Contudo, o mundo moderno tem apresentado um novo cenário de socialização para seus atores. Com o avanço da tecnologia e o surgimento da internet, novos espaços sociais surgiram, oferecendo aos indivíduos novos meios de interação, conhecimento e troca de informação.

Na sociedade em que vivemos, as mídias sociais estão em grande expansão, e as pessoas buscam cada vez mais conhecimento e acabam se interligando a grandes mídias sociais presentes na internet, que têm se tornado cada vez mais populares. Muitas pessoas as utilizam como fonte de informação e conhecimento, além disso, também permitem que as pessoas se conectem com outras pessoas ao redor do mundo, ampliando o alcance do conhecimento e das informações compartilhadas.

A importância crescente da internet enquanto espaço de comunicação e interação deve-se, em grande medida, à denominada Web2.0<sup>31</sup>, caracterizada por maior interatividade, participação e colaboração de seus utilizadores

---

a biografia individual. A grande proposta do livro está na análise de como o homem constrói o seu próprio conhecimento da realidade. Além disso, trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social em que ele vive.

<sup>31</sup> Web 2.0 é um termo usado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos na internet, tendo como conceito a Web, através de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação. A Web 2.0 é um termo que foi cunhado para descrever a evolução da internet, ocorrendo a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Ela é caracterizada por um conjunto de tecnologias e práticas que permitiram que a internet se tornasse mais interativa, colaborativa e social. Ao contrário da Web 1.0, que era basicamente uma coleção de sites estáticos que ofereciam informações unidirecionais, a Web 2.0 trouxe a possibilidade de interação dos usuários com os sites e entre si. Algumas das principais características da Web 2.0 incluem: participação ativa dos usuários: em vez de apenas consumir conteúdo, os usuários da Web 2.0 podem criar, compartilhar e editar conteúdo on-line; redes sociais: plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* se tornaram populares na Web 2.0, permitindo que as pessoas se conectem e compartilhem informações em tempo real; colaboração: a Web 2.0 também trouxe ferramentas de colaboração on-line, como o *Google Docs*, que permitem que várias pessoas trabalhem juntas em um mesmo documento, e uso de aplicativos on-line: com a Web 2.0, surgiram aplicativos web que oferecem funcionalidades semelhantes às de *softwares* desktop, como editores de imagem e processadores de texto. Em resumo, a Web 2.0 é uma evolução da internet que trouxe uma maior interação, colaboração e participação dos usuários on-line. Estes conceitos podem ser encontrados em diversos sites, sendo esta uma explicação geral sobre o conceito de Web 2.0, amplamente utilizado na área de tecnologia e internet.

Frente a esses fatos, presenciamos a inserção do ciberespaço no cotidiano da nossa sociedade, associada à mudança de comportamentos que vem a reboque. Logo, são comportamentos indicativos de possíveis novas formas de sociabilidade decorrentes da intercomunicação entre indivíduos através do espaço virtual.

Observamos que, na contemporaneidade, o modo como nos relacionamos sofre alterações em uma velocidade nunca vista. É necessário, portanto, compreender as mudanças na nossa forma de “viver tecnologicamente”,<sup>32</sup> bem como entender as suas consequências e esta nova modalidade de socialização, sobretudo analisando como o jovem contemporâneo vem enfrentando o fenômeno, se tornando vital para compreendermos a sociedade atual.

A nova era da informação institui um novo momento na história em que o fundamento das relações se baseia na comunicação, na informação e na capacidade de gerar conhecimento em uma velocidade muito rápida. Castells (2002) denominou este fenômeno pelos termos “sociedade em rede”.

Ao explicar o virtual como sendo a cultura cibernética, onde os indivíduos experimentam uma nova conexão entre o espaço e o tempo, Lévy (1998) utiliza a mesma analogia da “rede” para indicar a formação de uma “inteligência coletiva”<sup>33</sup>. A sociedade em rede, estudada por Lévy (1998) com o nome de “cibercultura<sup>34</sup>”, é um novo espaço

---

Podemos encontrar esta informação em sites de empresas de tecnologia, sites de notícias sobre tecnologia e até mesmo em enciclopédias on-line, a exemplo da *Britannica* e da *Wikipedia*.

<sup>32</sup>Com base em estudos publicados em revistas científicas como *Technology in Society*, *Journal of Computer-Mediated Communication* e *Computers in Human Behavior*, viver tecnologicamente se refere a adotar tecnologias e ferramentas em sua vida cotidiana, seja para melhorar sua eficiência, comunicação, entretenimento ou conforto. A tecnologia pode incluir desde dispositivos eletrônicos, como *smartphones*, *laptops* e *tablets*, até *softwares*, aplicativos e serviços on-line.

<sup>33</sup> A inteligência coletiva é um conceito desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Lévy em seu livro *As Tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática* (2010), que se refere à capacidade dos grupos de indivíduos de colaborar, de forma efetiva, para resolver problemas e tomar decisões. De acordo com Lévy, a inteligência coletiva é uma combinação de inteligência humana e tecnologia da informação, podendo ser aplicada em diversas áreas, como negócios, educação, governo e ciência. Ela se baseia na ideia de que a colaboração em rede pode gerar resultados superiores aos obtidos individualmente. A inteligência coletiva é vista como uma forma de aumentar a criatividade e a inovação, além de promover a participação democrática e a inclusão social. Ela se diferencia da ideia de "sabedoria das multidões", que sugere que a média das opiniões de um grande grupo pode ser mais precisa do que a opinião individual. Lévy (2010) argumenta que a inteligência coletiva depende de uma série de fatores, incluindo a diversidade de perspectivas, a qualidade da comunicação, a confiança mútua e a participação ativa de todos os membros do grupo. Ele acredita que a inteligência coletiva pode ser desenvolvida e aprimorada através de práticas como a colaboração em rede, a criação de comunidades de aprendizagem e o uso de tecnologias de comunicação e informação.

<sup>34</sup> Sintetizando alguns conceitos da obra *A Cibercultura: A cultura na era das redes* (2017), de Pierre Lévy, podemos dizer que a cibercultura é uma nova cultura formada pelas revoluções digitais. Dentro desta, o ser humano tem a possibilidade de se comunicar com milhares de pessoas a qualquer momento, e isso acontece através de dispositivos tecnológicos.

de interações possibilitado pela realidade virtual. Assim, a cibercultura é a cultura que emerge no ciberespaço, caracterizada por uma nova forma de comunicação e interação social, mediada pelas tecnologias digitais.

É marcada pela hipertextualidade, multimídia, interatividade e inteligência coletiva, elementos que transformam profundamente as formas de produção, difusão e consumo de informação e conhecimento na sociedade contemporânea. O conceito foi cunhado pelo próprio Pierre Lévy em seu livro *O que é Virtual?* (1996).

Avançando, o ciberespaço é uma rede de computadores interligados, possibilitando a comunicação e a troca de informações pelos seus usuários, ou seja, além de estarem conectados e socializando, os indivíduos adquirem conhecimento devido à interação das informações existentes nas redes. Não há dúvida de que cibercultura<sup>35</sup> é uma cultura diferente de outras que existiram antes, porém, já é algo que faz parte de nós, de nossas vidas e do nosso dia a dia.

Outros pesquisadores que estudam o tema ciberespaço e cibercultura incluem: Sherry Turkle (2011), psicóloga norte-americana que analisa as relações humanas mediadas pelas tecnologias digitais em seu livro *A Vida no ecrã: a identidade na era da Internet* (1995); Howard Rheingold, escritor e pensador norte-americano que explora as consequências sociais e culturais das tecnologias digitais em seu livro *A Comunidade Virtual* (1993), e Donna Haraway (2014), filósofa e teórica norte-americana que discute as transformações na relação entre humanos e tecnologia em seu ensaio *Manifesto Ciborgue* (1985).

Importante também observar que, com a pandemia de covid-19 e as medidas de distanciamento social, o uso das redes sociais para se comunicar e se conectar com outras pessoas aumentou significativamente, tornando o tema da socialização virtual ainda mais importante de ser examinado. Com o distanciamento social e as medidas de isolamento implementadas em todo o mundo, as pessoas ficaram mais dependentes da tecnologia e das mídias sociais para se comunicarem e se conectarem com o mundo.

De acordo com um estudo da Hootsuite e We Are Social<sup>36</sup>, em janeiro de 2021, o número de usuários de mídias sociais em todo o mundo era de mais de 4,2 bilhões, um

---

<sup>36</sup> Hootsuite e We Are Social são duas empresas diferentes que oferecem serviços relacionados a mídias sociais. Hootsuite é uma plataforma de gerenciamento de mídia social que permite empresas e indivíduos gerenciarem várias contas de mídia social em um só lugar. Através do Hootsuite, é possível agendar publicações, monitorar menções de marca, acompanhar a análise de mídia social e colaborar com membros da equipe. We Are Social é uma agência de *marketing* digital especializada em mídia social. Eles oferecem serviços de consultoria, estratégia e criação de conteúdo para marcas que desejam maximizar seu alcance e

aumento de 13% em relação ao ano anterior. Além disso, a mesma pesquisa mostrou que o tempo gasto em redes sociais aumentou em 13% desde o início da pandemia.

As pessoas recorreram às redes sociais para manter contato com amigos e familiares, trabalhar remotamente, estudar, acompanhar notícias e informações relacionadas à pandemia e se entreter durante o tempo livre em casa. As plataformas de videoconferência também se tornaram mais populares, como o Zoom, Google Meet, e o *Skype*, para fazer reuniões de trabalho, estudo remoto, eventos sociais e familiares, e até mesmo consultas médicas e terapias virtuais.

Enfim, o surgimento e a invasão da internet e das mídias sociais e aplicativos fizeram com que a maneira como nos comunicamos se transformasse, tornando esta comunicação mais prática, rápida e eficiente.

Conseguimos estar em contato através de um simples *click*, já que a existência das redes facilita a comunicação e a informação instantânea. De acordo com Pierre Lévy (1999), vivemos hoje a “quarta revolução da comunicação”. As três anteriores foram a invenção da escrita, do alfabeto e da imprensa. Esta quarta nos permite o amplo acesso às informações graças à cultura digital instaurada nas últimas décadas.

Historicamente, este processo de construção da inteligência coletiva surge juntamente da humanidade na oralidade, signos, símbolos e escrita, de toda forma de comunicação inventada. De acordo com Pierre Lévy (1999), a escrita foi uma grande inovação da comunicação.

A partir de então, a memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo. O saber está lá, disponível, estocado, consultável, comparável. Este tipo de memória objetiva, morta, impessoal, favorece uma preocupação que, decerto, não é totalmente nova, mas que a partir de agora irá tomar os especialistas do saber com uma acuidade peculiar: a de uma verdade independente dos sujeitos que a comunicam. A objetivação da memória separa o conhecimento da identidade pessoal ou coletiva. O saber deixa de ser apenas aquilo que me é útil no dia a dia, o que me nutre e constitui enquanto ser humano membro desta comunidade. Torna-se um objeto suscetível de análise e exames. A exigência da verdade, no sentido moderno e crítico da palavra, seria um efeito da necrose parcial da memória social quando ela vê capturada pela rede de signos tecida pela escrita (LEVY, 1999, p. 95).

Assim, as redes de comunicação on-line são espaços da autocomunicação de massa (CASTELLS, 2002), em que cada usuário tem espaço para se expressar com linguagens

---

impacto nas mídias sociais. A empresa também publica relatórios anuais sobre tendências de mídia social em todo o mundo. Embora sejam empresas diferentes, ambas estão envolvidas no campo de mídia social e ajudam indivíduos e empresas a otimizarem seu desempenho nas plataformas de mídia social.

digitais<sup>37</sup> e para criar uma identidade que o ajude no processo de socialização e construção de identidade.

#### 1.4 A IDENTIDADE VIRTUAL

Sem ignorar que são múltiplos os usos que os sujeitos fazem da internet, há fortes indícios que sugerem que, no ciberespaço, os autores e narradores produzem um personagem que, no fundo, é sua própria personalidade (SIBILIA, 2018), pois, ao criar um perfil, o indivíduo escolhe quais informações compartilhará, quais imagens e vídeos serão postados, dentre outras formas de expressão. Esta escolha de conteúdo reflete diretamente na forma como a pessoa será vista e interpretada no ambiente virtual.

Assim, a identidade virtual criada no ciberespaço é uma construção do próprio autor ou narrador que, por meio de suas escolhas, cria um personagem que representa, em certo sentido, sua personalidade real.

Contudo, muitas vezes as pessoas não possuem uma identidade virtual única, mas, sim, várias identidades em diferentes plataformas e contextos. Cada perfil pode refletir um aspecto diferente de sua personalidade, buscando aceitação em vários grupos diferentes e, assim, formar um mosaico complexo de quem são virtualmente.

Além do mais, esta construção de identidade no ciberespaço permite que o autor ou narrador expresse partes de sua personalidade que talvez não possa fazer de forma tão livre na vida off-line, ou ainda possa criar uma imagem pública que gostaria de transmitir. Dessa forma, a construção de uma identidade virtual é muito mais que a criação de um simples personagem, é a possibilidade de representação de sua própria personalidade em diferentes dimensões.

---

<sup>37</sup> Linguagem digital, por definição, pode ser entendida como a escrita baseada em palavras, dígitos e simbologias que facilitam o discurso em blogs, sites e redes sociais. Ou seja, é a linguagem que engloba a leitura, a escrita e a interpretação de termos relacionados às plataformas digitais. A linguagem digital é a forma de comunicação que utiliza tecnologias digitais, como a internet, os dispositivos móveis, os computadores e outros meios eletrônicos, para transmitir informações. Esta linguagem é caracterizada pelo uso de recursos como textos, imagens, vídeos, áudios e *emojis*, além de símbolos e códigos específicos para a comunicação on-line. A linguagem digital é marcada pela rapidez e pela informalidade, sendo muito utilizada em redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas, e-mails, blogs, fóruns e outros canais de comunicação on-line. Ela possui características próprias, como a brevidade e a concisão, o uso de abreviações, siglas e gírias, a utilização de *emoticons* e *emojis* para expressar emoções e sentimentos, entre outras peculiaridades. Com o aumento do uso da tecnologia e da internet, a linguagem digital tem se tornado cada vez mais presente em nossa vida cotidiana, tanto na comunicação pessoal, quanto na comunicação empresarial e institucional.

O controle da apresentação do “eu” pode envolver ocultamento, transparência, ou equilíbrios estratégicos na apresentação do indivíduo e das suas intenções, tal como permite a própria distorção desta apresentação. Aqui associamos a apresentação do “eu” nas mídias sociais com a terminologia goffmaniana *self*, que permite ao indivíduo possuir diversos rostos, de acordo com os contextos situacionais em que se encontra em cada momento.

Ainda dentro da terminologia proposta por Goffman (2021), um desempenho estruturado em torno da apresentação de um *self* pode ser entendido como um jogo de informações, definido como um processo potencialmente contínuo de ocultação, descoberta, falsas revelações e novas descobertas.

Prosseguindo, o *self* é o resultado da interação entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, a maneira como uma pessoa se percebe está intimamente ligada à forma como é percebida pelos outros ao seu redor. Dessa forma, é uma construção social, constantemente moldada e reconstruída de acordo com as situações sociais em que o indivíduo se encontra. Este conceito é importante para entendermos como as pessoas constroem e apresentam suas identidades em diferentes contextos, especialmente em um espaço de socialização novo e com tantas ferramentas.

O conceito de *self* de Goffman pode ser útil para os usuários das redes ao reconhecerem o papel que eles desempenham na criação e na manutenção de suas identidades virtuais, pois, em tempos de mídias sociais, as pessoas podem usar as redes sociais para apresentar uma imagem cuidadosamente selecionada e editada de si mesmas, representando sua personalidade, estilo de vida, crenças e interesses. Esta autoapresentação pode levar em conta as expectativas dos outros, o que eles esperam ver em um perfil do *Facebook* ou *Instagram* e, assim, moldar a imagem que uma pessoa quer transmitir.

No entanto, o conceito Goffman (2021) também destaca a possibilidade de criação de “fachadas”, ou seja, uma aparência que não corresponde necessariamente à realidade da pessoa. As redes sociais podem permitir que as pessoas criem uma imagem falsa de si mesmas, levando a uma incompatibilidade entre a identidade virtual e a vida real. Ou seja, o conceito proposto por Goffman (2021) aponta que todos nós criamos diferentes fachadas para cada cenário social que frequentamos, construídas por meio de nossos comportamentos, apresentações e performances públicas, visando atender às expectativas do grupo em questão. No entanto, a possibilidade de se criar diferentes fachadas não está restrita apenas ao cenário real, mas também se estende para o ambiente virtual.

Importante observar duas situações distintas para o conceito abordado: criminosos utilizam as mídias sociais para criar uma fachada que lhes permita agir livremente, seja ocultando sua real identidade, seja apresentando-se como pessoas bem-sucedidas e sociáveis, o que lhes permite enganar suas vítimas e obter informações que lhes possibilitem cometer crimes. Por meio dessas fachadas virtuais bem construídas, os criminosos conseguem manter relações de confiança com suas vítimas.

Por outro lado, muitos jovens buscam construir fachadas para se enquadrar em determinados grupos, buscando a aceitação. Ou seja, nas redes sociais, os jovens utilizam recursos visuais e textuais para moldarem a sua identidade social, se apresentando como parte de determinados grupos, tentando se adequar aos padrões estabelecidos por estes grupos.

A construção da fachada é motivada pela busca pela aceitação dentro destes grupos, sendo uma forma de garantir a posição social do indivíduo e a sua popularidade on-line. No entanto, esta pode mascarar a verdadeira personalidade do indivíduo, gerando conflitos e dificuldades em situações em que é necessário agir de forma autêntica.

Enfim, as mídias sociais são um novo espaço de socialização que permitiu aos jovens a oportunidade de construir sua identidade on-line. Eles as usam para criar uma imagem de si mesmos e exibir sua personalidade, estilo de vida e interesses e, também, desejam ser aceitos em grupos que consideram importantes para sua construção identitária.

O desejo de ser aceito em uma nova comunidade pode levar a comportamentos que visam atender às expectativas de um grupo, muitas vezes na tentativa de se encaixarem e serem aceitos. Por meio das mídias sociais, os jovens procuram obter validação e reforço positivo de seus pares, o que pode influenciar significativamente a forma como eles constroem sua identidade e se apresentam socialmente.

E, em posse desses conceitos, passamos a debater como os jovens contemporâneos, nascidos neste cenário em rede, vêm enfrentando o processo de virtualização, visto que a atual geração nascida na “era da informação<sup>38</sup>” entende o ciberespaço e a cibercultura como algo inerente à sociedade humana, ou seja, naturalizado.

---

<sup>38</sup> A Era da Informação, também conhecida como Era Digital, diz respeito ao período histórico em que a tecnologia da informação se tornou uma força central na economia, na cultura e na sociedade em geral. Esta era é caracterizada pelo uso generalizado de tecnologias de informação e comunicação, como computadores, *smartphones*, *tablets*, internet e redes sociais para coletar, processar e transmitir informações. Com a explosão da Era da Informação, surgiram novas formas de trabalho, negócios e comunicação, incluindo o comércio eletrônico, teletrabalho, redes sociais, jogos on-line, *streaming* de vídeo e música, entre outros. Além disso, também trouxe mudanças significativas na forma como as pessoas se

## 1.5 O JOVEM DA ERA DIGITAL

Importante destacar que, desde os anos 90, os processos de socialização são pesquisados por estudiosos da Sociologia da Juventude, que já alertavam para mudanças de rumo no processo de socialização.

A Sociologia da Juventude passou a se dedicar à pesquisa dos processos de socialização dos jovens, percebendo mudanças significativas nestes mecanismos. Alguns autores, como Zygmunt Bauman (2014), destacam que o jovem moderno vivencia novas percepções de tempo e espaço que afetam a forma como eles se socializam e se inserem na sociedade.

Estas mudanças estão relacionadas, em grande parte, às transformações sociais e tecnológicas que ocorreram nas últimas décadas. Os jovens vivenciam um mundo mais globalizado, logo passam a estabelecer vínculos virtuais por meio das mídias sociais e outras ferramentas digitais, o que pode afetar as relações interpessoais e a forma como eles constroem sua identidade. Além disso, as relações sociais se tornaram mais fragmentadas e efêmeras, levando a uma maior dificuldade em estabelecer vínculos afetivos mais duradouros.

Enfim, analisando a conjuntura social moderna, é impossível não associar as juventudes a este contexto tecnológico. Afinal, os jovens já nasceram na geração do *Facebook*, *Whatsapp*, *TikTok* e não imaginam a sua vida sem essas redes. Tais meios de comunicação têm seus aspectos positivos, como a comunicação rápida e fácil, a criação de uma maior rede de contatos, o alcance de informação etc.

No entanto, o contexto tecnológico também traz consequências negativas se for usado de modo descontrolado ou abusivo, como isolamento social, sedentarismo, diminuição do rendimento escolar, dificuldades em estabelecer relações interpessoais e vulnerabilidade a delitos virtuais. A revolução tecnológica, além de ter produzido grandes mudanças nos procedimentos de comunicação e nas relações humanas, influencia, sobretudo, o comportamento dos jovens contemporâneos.

---

comunicam, aprendem e acessam informações. No entanto, acarretou também desafios, como a preocupação com a privacidade dos dados pessoais, a polarização política nas redes sociais e a disseminação de notícias falsas. Portanto, é importante entender que a Era da Informação é uma realidade complexa e em constante evolução que oferece benefícios e desafios significativos para a sociedade como um todo.

Estes jovens que não experimentaram a vida sem a tecnologia são “nativos digitais”<sup>39</sup>, chamados de *geração Millennials e Alpha*<sup>40</sup>, conhecidos como nativos digitais, pois cresceram em um ambiente tecnológico que influenciou suas características peculiares. Sua exposição em excesso à tecnologia gerou mudanças comportamentais que os tornam mais difíceis de se relacionar pessoalmente e dialogar com as gerações anteriores.

A geração *Alpha* é composta de indivíduos totalmente imersos na tecnologia, desenvolvendo uma visão de mundo bem diferente das gerações anteriores. Desse modo, a virtualização das relações faz com que estes jovens ensaiem novos modos de ser, de se expressar e de se relacionar, impactando diretamente na sua relação com as instituições tradicionais<sup>41</sup> (família, escola, igreja, Estado) que até então detinham a função de demarcar o espaço e o tempo e legitimavam as relações cotidianas neles situadas.

Os jovens modernos estão experimentando novos modos de viver a intimidade, a moral e a vida privada e constroem outras maneiras de compreender e experimentar a vida. É perceptível que este contexto tem impactos sobre as relações dos jovens com as instituições, as gerações anteriores e os seus modos de ser e se posicionar diante do mundo.

Daí surge também a possibilidade de um novo arranjo entre a socialização primária e a secundária que, embora fronteiriças e institucionalmente estabelecidas, são atravessadas por intensa mediação, resultando na diluição, mesmo que minimamente, da rígida demarcação entre elas.

Enfim, ainda que o novo panorama do ciberespaço ofereça muitos benefícios aos jovens, também os expõe ao isolamento e à dificuldade de comunicação, em especial com as outras gerações, além de deixá-los expostos a vários riscos oriundos das redes. Um

---

<sup>39</sup> Nativo digital é um termo usado para descrever pessoas que cresceram em um ambiente onde a tecnologia digital está amplamente presente e faz parte da vida cotidiana desde a infância. Estas pessoas são consideradas como tendo habilidades naturais e inatas para o uso de tecnologia devido à sua familiaridade com dispositivos eletrônicos e plataformas digitais desde cedo. O termo "nativos digitais" foi popularizado por Marc Prensky em um artigo publicado em 2001, em que ele argumentou que a geração mais jovem estava se tornando mais adaptada às tecnologias digitais do que as gerações anteriores. Segundo Prensky, os nativos digitais possuem habilidades cognitivas e de aprendizagem diferentes das gerações anteriores, e as escolas e professores precisam se adaptar a esta nova realidade para engajar melhor esses estudantes.

<sup>40</sup> As pessoas nascidas a partir de 2010 são *Alpha*, os filhos dos *Millennials*, se constituindo em uma nova geração que nasceu completamente conectada, por isso, é conhecida também como os nativos digitais.

<sup>41</sup> Manuel Castells (2020), que tem se dedicado a estudar as transformações sociais advindas da digitalização da sociedade, argumenta que a geração *Alpha* é parte de uma "geração conectada" que vive em um mundo em que as tecnologias digitais são elementos centrais da vida cotidiana e das relações sociais.

destes fenômenos que recebe atenção desta pesquisa é o advento e a propagação dos desafios nas mídias sociais virais<sup>42</sup>.

Vários desses desafios envolvem comportamentos de automutilação, que, combinados com sua natureza viral, apresentam riscos físicos e psicológicos para os participantes e os telespectadores. Um exemplo que foi propagado pela mídia social é o Desafio da Baleia Azul. Infelizmente, existem muitos outros jogos mortais e desafios que circulam na internet, e os jovens podem estar vulneráveis a eles.

### 1.6 Consequências sociológicas das mídias sociais

Como já visto, vivemos em uma sociedade em constante mudança, em que as questões de trato intrapessoal ganham cada vez mais espaço no debate sociológico. Diante deste pensamento, obtêm destaque as mídias sociais, um lugar em que grande parte dos indivíduos expõe seu cotidiano sem sair da sua zona de conforto, mas onde são capazes de formar grupos de interesses semelhantes.

Este tópico tem por objetivo refletir e trazer para a discussão causas e consequências deste fato social<sup>43</sup>, ou seja, as mídias sociais também podem ser vistas como um reflexo da sociedade, pois espelham e moldam as opiniões, os comportamentos e os valores dos indivíduos e grupos. Elas podem ser consideradas um fato social de ampla dimensão e de poder coercitivo sobre seus participantes, sendo analisada, já que percebemos que, na atualidade, as pessoas estão cada dia mais voltadas para dentro de si, para as redes sociais e para os eventos dentro desta.

De acordo com Bauman (2014), as mídias sociais representam uma manifestação concreta da liquidez que permeia as relações humanas na contemporaneidade,

---

<sup>42</sup> Os desafios nas mídias sociais virais são atividades ou tarefas que são propostas por usuários das redes sociais e que se espalham rapidamente entre os usuários. Estes desafios podem envolver um comportamento, ações físicas, uma imitação de uma pessoa famosa, ou qualquer outra coisa que as pessoas acham interessante ou divertido. O objetivo é participar, se divertir e compartilhar a experiência com seus amigos na rede. No entanto, alguns podem ser perigosos e representam riscos reais de ferimentos ou danos à saúde física e mental.

<sup>43</sup> Para Durkheim (2007), os fatos sociais têm força coercitiva que acontece diante das sanções legais ou espontâneas em que o indivíduo é sujeito. Neste caso, os fatos sociais operariam no indivíduo independente de sua vontade, pois consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir que exercem determinada força nos agentes. De acordo com Manuel Castells (2002), as mídias sociais são consideradas um fato social, visto que são um fenômeno que ocorre na sociedade e afeta a forma como as pessoas se comunicam, interagem e se relacionam. Elas mudaram a maneira como as pessoas se conectam, consomem informações e entretenimento e até mesmo como as empresas e organizações interagem com seus públicos.

caracterizadas pela diminuição do contato físico e pela efemeridade das interações, valorizando o individualismo.

A teoria da modernidade líquida concebida por Zygmunt Bauman (2014) oferece uma análise profunda das transformações sociais que caracterizam a contemporaneidade. A metáfora da liquidez sugere a fluidez e a instabilidade das relações, contrastando com a solidez das estruturas sociais tradicionais.

A modernidade líquida refere-se à condição sociocultural em que os laços humanos, as relações e as instituições se tornam fluidos, instáveis e de rápida mutação, desafiando a estabilidade e a previsibilidade das estruturas tradicionais.

Nessa perspectiva, as instituições sólidas da modernidade anterior, como casamento e os empregos vitalícios, cedem lugar a relações mais voláteis, onde as conexões são mais passageiras e menos comprometidas. A fluidez das relações cria um ambiente em que o medo do comprometimento e da permanência prevalece, resultando em relações fugazes e superficiais.

Bauman (2014) observa que a modernidade líquida é alimentada pelo consumo e facilitada pela globalização, permitindo que as relações e mercadorias circulem com rapidez e facilidade. Este panorama se traduz em uma dinâmica rápida e desprovida de vínculos, o que acarreta um empobrecimento da identidade, influenciado pelo mercado cultural globalizado. O uso das mídias sociais cria uma sensação ilusória de companhia on-line, muitas vezes utilizada como mecanismo para amenizar a solidão. No entanto, esta falsa companhia também está associada à falta de compromisso nas relações afetivas contemporâneas.

A ascensão das redes sociais e tecnologias digitais amplifica a fluidez das relações, permitindo conexões virtuais que muitas vezes carecem de profundidade e comprometimento. A fluidez das relações e a incerteza sobre o futuro contribuem para uma sensação generalizada de insegurança e ansiedade na modernidade líquida. A rapidez com que as relações são formadas e desfeitas resulta em uma cultura do descarte, onde objetos, experiências e até mesmo pessoas são substituídos com facilidade.

A modernidade líquida também se manifesta na sociedade do espetáculo, onde a busca por reconhecimento e validação nas redes sociais contribui para a superficialidade das relações.

Bauman (2014) questiona como a intimidade é construída e vivida na modernidade líquida, considerando os desafios da conexão genuína em meio à fluidez. Em um mundo cada vez mais líquido, as sociedades enfrentam o desafio de encontrar equilíbrio entre a

necessidade de flexibilidade e a busca por relações e estruturas mais sólidas que possam promover coesão social e bem-estar individual.

Bauman (2014) acredita que o conceito de rede social é muito importante nesta discussão. Ele diferencia rede de comunidade, em que pese que a comunidade é um lugar onde se nasce e se vive, e a mídia, por outro lado, é o oposto de comunidade; sendo as atividades que a mantêm viva, em uma relação de se conectar e se desconectar.

A reflexão de Zygmunt Bauman (2014) sobre a fragilidade das relações corporativas presentes nas redes sociais é uma análise profunda sobre a natureza das conexões humanas em uma era cada vez mais conectada digitalmente. Bauman (2014) defende que, apesar de oferecer fácil e constante acesso à comunicação com outros indivíduos, as redes sociais são, na verdade, superficiais e pouco duradouras em termos de relacionamentos significativos entre os usuários. Ele ainda alega que as redes sociais promovem uma cultura de rápida gratificação, em que as pessoas buscam conexões instantâneas e de curta duração com outros indivíduos. Estas conexões, no entanto, são, frequentemente, idealizadas e superficiais, uma vez que a imagem que é publicada na plataforma é selecionada cuidadosamente para a obtenção de reconhecimento e aceitação.

Bauman (2014)<sup>44</sup>, em sua obra *Amor líquido*, enfatiza que a utilização de redes sociais pode trazer consigo uma cultura de dispensabilidade, já que as pessoas buscam conexões rápidas e superficiais, em vez de construir relações duradouras e significativas. Isso pode levar à sensação de isolamento e desconexão, uma vez que as interações digitais não preenchem a necessidade humana básica por conexão emocional e interação significativa.

Além disso, de acordo com Bauman (2014), as redes sociais alteram a forma pela qual as pessoas se comunicam e se relacionam, tornando-as mais dependentes das interações digitais em detrimento das relações presenciais, muitas vezes resultando em uma falta de habilidades sociais e em dificuldades para se conectar com outras pessoas fora do ambiente virtual.

---

<sup>44</sup> As teorias de Zygmunt Bauman sobre a fragilidade das relações humanas nas redes sociais foram apresentadas em seu livro *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*, publicado em 2003. O livro é um ensaio sobre a considerável dificuldade que as pessoas têm em estabelecer e manter relacionamentos duradouros e significativos em um mundo cada vez mais dividido, líquido e moldável. O autor aborda questões sociais contemporâneas e os efeitos da modernidade líquida, especialmente a rapidez e a superficialidade das conexões humanas, oferecendo perspectivas sobre como gerar maneiras mais autênticas de se relacionar.

Por último, a teoria de Bauman (2014) sobre a fragilidade das relações humanas nas redes sociais destaca os potenciais impactos negativos que o mundo digital pode exercer sobre a dinâmica das interações humanas. Bauman (2014) enfatiza que, embora as conexões online possam ter valor, elas não devem suprimir completamente as interações pessoais significativas.

O autor ressalta o fascínio das amizades nas redes sociais, atribuindo-o à facilidade de se desconectar e evitar confrontos, mesmo que isso resulte na construção de um mundo ilusório que, em última análise, prejudica a realidade. Além disso, a busca por reconhecimento e popularidade é uma tendência proeminente nas redes sociais, o que pode impactar negativamente as relações interpessoais. Assim, a atratividade das amizades nas redes sociais reside na facilidade de se desconectar, evitando os desafios das relações face a face, já que é mais simples excluir alguém do que enfrentar desculpas ou sentimentos. Nas mídias sociais, um indivíduo pode criar e moldar sua imagem como desejar, criando um mundo ilusório que, aparentemente, cativa mais do que a realidade em que estamos inseridos, devido à necessidade de se destacar.

Em resumo, as mídias sociais estão ganhando um espaço cada vez maior no cotidiano das pessoas, alimentando um ciclo que se intensifica a cada interação. Observa-se que, quando as pessoas estão conectadas, tendem a ser mais impulsivas, narcisistas, desatentas e menos preocupadas com os sentimentos alheios.

Em um contexto global, a dinâmica da vida social passa por transformações significativas na contemporaneidade. Estamos vivenciando uma era de incertezas, com a rápida disseminação de informações, fragilidade das conexões sociais, superficialidade emocional e padrões comportamentais distintos. Cada vez mais, as pessoas optam pelo isolamento e se afastam da vida em sociedade para dedicar seu tempo ao mundo virtual. Isso levou à criação de um mundo paralelo ao mundo físico, um mundo virtual onde as diferenças muitas vezes são menos evidentes aos olhos dos que se entregam a essa realidade alternativa.

Enfim, podemos afirmar que as vantagens proporcionadas pelo uso das tecnologias e das mídias sociais são altamente sedutoras. O que frequentemente passa despercebido são os desafios, que muitas vezes estão ocultos por trás de um simples clique. É nesse momento que a conveniência pode ter um alto custo.

## 1.7 OS ATORES DAS MÍDIAS SOCIAIS

Com o exposto, podemos dizer que as mídias sociais têm se tornado cada vez mais centrais na vida das pessoas, transformando as relações humanas. Em grande parte, isso se deve à forma como as plataformas permitem que os indivíduos criem e gerenciem suas representações sociais. Este processo pode ser entendido à luz da teoria do *self* desenvolvida por Erving Goffman (2021), que explora como as pessoas constroem e apresentam suas identidades.

Goffman (2021) argumenta que os indivíduos criam personagens sociais que são distintos da sua verdadeira personalidade, já que a sociedade exige certo desempenho social, e esta necessidade se torna ainda mais acentuada nas redes sociais, onde a autopromoção se tornou uma prática comum. Nas mídias sociais, os usuários criam identidades virtuais que permitem que sejam percebidos de forma mais positiva e capaz de atender às expectativas sociais.

A análise sobre as consequências sociológicas das mídias sociais sugere que a forma como as pessoas criam personagens para as plataformas têm impacto em suas relações off-line.

Segundo os estudos de Turkle (2011), a construção destas identidades também tem consequências sociais. A busca por popularidade e aprovação nas redes sociais pode permitir que as pessoas sejam mais confiantes em si mesmas e mais felizes, no entanto, também pode levar a um aumento da pressão social e, em alguns casos, até mesmo a um sentimento de alienação ou medo de não estar à altura das expectativas.

A construção da nossa percepção de nós mesmos é influenciada pelas interações sociais que mantemos, o que é conhecido como conceito de *self*. Este desenvolvimento é um processo contínuo que ocorre através de trocas simbólicas em nosso dia a dia.

E, com a popularização das mídias sociais, a manutenção do *self* assumiu uma nova dimensão, uma vez que as plataformas permitem que as pessoas se comuniquem e compartilhem informações sobre si mesmas de forma massiva e instantânea. Nesse cenário, a construção do *self* nas mídias sociais assume um caráter ainda mais intenso e dinâmico, uma vez que a imagem que construímos pode ser vista por uma quantidade significativa de pessoas, influenciando a forma como somos percebidos.

Assim, a manutenção do *self* nas mídias sociais exige um esforço constante de adaptação e ajuste em relação às expectativas que a sociedade e os círculos sociais têm sobre nós. A construção do *self* nas mídias sociais, portanto, pode ser vista como um

processo de autenticação e validação social que exige uma série de estratégias e técnicas de gerenciamento de imagem para se enquadrar aos padrões e expectativas sociais que regem as interações em diferentes espaços e ambiente virtual.

## II - O INTERACIONISMO SIMBÓLICO DE ERVING GOFFMAN

A teoria de Goffman (2021) sobre o *self* se baseia na ideia de que nossa identidade é construída por meio de nossas interações sociais. Goffman (2021) enfatiza que a identidade não é algo fixo, mas, sim, um processo que ocorre continuamente à medida que nos envolvemos com outras pessoas e que se dá por meio da interação face a face, quando uma pessoa se apresenta de diferentes maneiras para diferentes audiências, ou seja, cada indivíduo tem múltiplos *selfs* que se adaptam conforme o contexto social.

Com o surgimento das redes sociais, esta teoria se torna ainda mais atual, pois as interações sociais agora ocorrem em um ambiente virtual. As pessoas continuam a se apresentar de maneiras diferentes para diferentes audiências, mas agora não é mais necessário estar em um mesmo lugar físico para interagir com outras pessoas. As mídias sociais nos permitem ter contato com um grande número de pessoas, muitas vezes desconhecidas, e interagir com elas por meio de mensagens, comentários, curtidas e compartilhamentos.

Além disso, as mídias sociais também nos permitem criar e controlar nossa imagem pessoal de maneira ainda mais cuidadosa. Podemos escolher as fotos que compartilhamos, as histórias que contamos e até mesmo as palavras que usamos. Isso significa que é possível construir e manter uma imagem pública que seja diferente do nosso eu privado, assim como ocorre na vida real. Dessa forma, a teoria de Goffman (2021) sobre o *self* é muito relevante para entendermos como as pessoas se apresentam e constroem sua identidade nas redes sociais.

### 2.1 A CONSTRUÇÃO DO *SELF*, FUNDAMENTADA NA TEORIA DE ERVING GOFFMAN

Esta pesquisa faz conexões especificamente com o trabalho do sociólogo Erving Goffman (2021)<sup>45</sup> não apenas para pensar criticamente nas mídias sociais, mas também

---

<sup>45</sup> Erving Goffman foi um importante sociólogo que contribuiu muito para a compreensão da vida social e da interação humana. Neste estudo, serão utilizados dois de seus livros mais famosos: *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (2021) e *Estigma* (2021). No primeiro, Goffman lança mão de uma teoria sobre como os indivíduos se apresentam e criam uma imagem de si mesmos para os outros nas interações sociais. Ele argumenta que a apresentação do eu é uma forma de desempenho, através do qual os indivíduos se comportam como se estivessem em um palco, interpretando um papel para o público. Goffman usa exemplos das interações cotidianas, como conversas casuais, para ilustrar como as pessoas cuidadosamente controlam a maneira como são percebidas pelos outros, escolhendo suas roupas, gestos e linguagem de acordo com a situação social em que se encontram. Ele também discute a ideia de *self*, que é a imagem que

para fornecer algumas reflexões iniciais sobre como as teorias podem ser utilizadas para compreender como se dá a formação da identidade<sup>46</sup> no ciberespaço.

Com isso, nosso objetivo é, com o auxílio da teoria sociológica de Goffman (2021), procurar compreender o modo como as redes sociais estão desenhadas para criar e manter vínculos com outros, e como este enfoque na sociabilidade faz delas um espaço privilegiado para a representação do “eu” em ambientes digitais.

Assim, segundo a teoria do Interacionismo Simbólico de Goffman (2021), a identidade e a realidade social são construídas através das interações que os indivíduos têm entre si. O autor enfatiza que as interações sociais são repletas de simbolismos e, por isso, são como um jogo de aparências e apresentações do *self*, da imagem que cada um deseja mostrar ao outro durante as interações, ou seja, a construção da identidade social se dá por meio das representações que os indivíduos fazem de si mesmos nas interações.

A teoria de Goffman (2021) enfatiza a importância da forma como as pessoas se apresentam para os outros em suas interações sociais, pois o autor acreditava que as pessoas não apenas expressam sua verdadeira identidade, mas também constroem uma imagem de si mesmas que desejam que os outros percebam, moldada pelas normas e expectativas sociais e pelas regras não explícitas que governam os diferentes contextos sociais.

Portanto, a identidade de um indivíduo é algo dinâmico e em constante mudança, refletindo as diferentes maneiras como ele se apresenta para diferentes públicos em diferentes cenários sociais.

As ideias sobre o eu como uma apresentação de um papel, e não como uma característica inata, abrem caminho para a compreensão dos sociólogos sobre as interações pessoais. Para Goffman (2021), é importante entender que nossos comportamentos são influenciados pelas expectativas sociais e pelas normas dos papéis que desempenhamos, e que a interação é fundamental para a construção do eu social.

---

um indivíduo deseja projetar aos outros. No livro *Estigma* (2021), o autor analisa o estigma social, ou seja, as características pessoais que são consideradas indesejáveis pela sociedade e que levam à discriminação. Ele aponta que estas características, físicas ou sociais, são, frequentemente, percebidas como desvio da norma, portanto, rotuladas como indesejáveis. Goffman (2021) discute como as pessoas que sofrem de estigma, muitas vezes, precisam gerenciar seus rótulos e tentar minimizar o seu impacto nas interações sociais, criando estratégias para esconder ou gerenciar características que são consideradas problemáticas. Ele também discute como os estigmas podem ser internalizados pelos indivíduos, afetando sua autoimagem e autoestima.

<sup>46</sup> O termo “identidade” pode ser categorizado em três significados. Uma “identidade social” refere-se à maneira como alguém interage em seu espaços sociais. Uma “identidade pessoal” está relacionada ao eu privado, e uma “identidade do ego” é a autopercepção de um indivíduo (Manning, 1992).

O trabalho interacionista do autor apresenta diversas ferramentas que podem ser utilizadas para compreender as mídias sociais. É possível perceber que estas plataformas são projetadas para estabelecer e sustentar conexões entre indivíduos, o que as torna um espaço ideal para a representação do *self* em ambientes digitais. Além disso, as modalidades mais flexíveis e ágeis presentes nas redes sociais permitem uma maior facilidade na construção dessa identidade virtual.

Embora a teoria de Goffman (2021) tenha sido criada para analisar as situações de interação presencial, uma boa parte das suas considerações tem sido recuperada por pesquisadores modernos, enquanto inspiração teórica e, ao mesmo tempo, como instrumento de análise para o estudo das interações digitais. Exemplos das recuperações são dos pesquisadores Barry Wellman (1998), Danah Boyd (2014) e Sherry Turkle (2011) que utilizaram a teoria de Goffman para estudar o papel das redes sociais na vida cotidiana e como as interações sociais acontecem nessas redes. Brooke Harrington (2003) usou a teoria de Goffman para entender como os atores sociais constroem suas identidades em redes de negócios.

Podemos interpretar que, muito antes da existência da comunicação on-line, Goffman (2021) já discorria sobre a apresentação do “eu” como uma representação em ambientes presenciais. Com a evolução tecnológica, surgiram novas possibilidades de ampliar esta apresentação, dando origem a múltiplas identidades e uma flexibilidade na composição dessas. Logo, a comunicação assumiu uma importância ainda maior nas ferramentas tecnológicas de interação, fazendo com que a consciência sobre uma identidade múltipla ou fluida se tornasse uma característica relevante em nossa sociedade atual. Estas mudanças tornam-se cada vez mais pertinentes em um cenário onde as interações sociais acontecem cada vez mais por meio de tecnologias digitais.

Ainda com enfoque na teoria de Goffman (2021), temos a expressão “fachada”, que se refere à imagem pública de um indivíduo; como eles se apresentam aos outros. Segundo Goffman (2021), os indivíduos apresentam um eu “fachada” ao público enquanto tentam manter uma imagem positiva.

A principal diferença entre os dois conceitos é que a fachada é uma representação consciente e intencional que um indivíduo constrói para controlar como é percebido pelos outros, enquanto o *self* é a identidade de um indivíduo. Em outras palavras, *self* é a representação que uma pessoa faz de si mesma como ator social em uma determinada situação social. É a maneira como uma pessoa escolhe apresentar e expressar sua

identidade e personalidade para os outros. Esta representação é moldada pelas práticas culturais, normas e valores que regem as interações sociais.

Goffman (2021) enfatiza que o *self* é um processo dinâmico, que muda e se adapta dependendo do contexto social e das expectativas daqueles com quem interagimos. O conceito supracitado destaca a importância de manter uma autoimagem positiva nas interações sociais, bem como estar atentos às maneiras com as quais os indivíduos se envolvem em um comportamento de “fachada”, a fim de sustentar uma boa imagem e evitar o estigma.

Além disso, Erving Goffman (2021) criou o conceito de estigma para tratar da situação de pessoas consideradas diferentes ou alteradas de maneira negativa em relação ao padrão social. Segundo o sociólogo, aqueles que recebem tal estigma são discriminados e estigmatizados pela sociedade, muitas vezes por razões que vão além do seu controle. Este estigma também pode ser baseado em atributos como raça, gênero, orientação sexual, histórico criminal ou deficiência. Isto é, na obra *Estigma* (2021), o estudioso apresenta a ideia de que algumas pessoas assumem identidades sociais que buscam definir a situação de forma menos estigmatizante, utilizando outras interpretações menos negativas de seus estigmas durante interações sociais.

O estigma, por sua vez, é definido como uma marca ou atributo que pode levar à crítica e marginalização de uma pessoa pela sociedade, tornando-se uma característica negativa e que define a identidade do “outro”. Em suma, o estigma pode criar barreiras sociais e limitar as possibilidades de indivíduos que são estigmatizados.

Com a proliferação das redes sociais na última década, os indivíduos têm sido expostos a uma forma de estigma que é particularmente difícil de combater. O estigma on-line pode levar ao isolamento social e a outros problemas psicológicos. As pessoas podem ser rotuladas de maneira equivocada em situações em que suas declarações ou comportamentos foram mal compreendidos ou manipulados deliberadamente. Por exemplo, quando é espalhado um rumor sobre alguém em uma comunidade on-line, isso pode levar a uma campanha de difamação que é virtualmente impossível de controlar.

Além disso, na internet, as pessoas podem usar pseudônimos ou se esconder por trás da tela do computador, o que acaba por tornar a situação de estigma ainda mais difícil de lidar. Aqueles que são vitimados podem sentir que não têm poder sobre a situação e que não estão em condições de se defender. Ao mesmo tempo, outras pessoas podem usar os recursos da internet para reforçar o estigma e perpetuar um comportamento de discriminação.

Desse modo, o estigma de Goffman (2021) se apresenta de uma forma muito mais desafiadora e complexa nas redes sociais. Com a virtualização da experiência humana, as questões que envolvem estigma e discriminação têm crescido e demandado uma atenção cada vez mais urgente.

Nosso esforço aqui é fazer uma reflexão crítica e ampla sobre os modos de construção de identidade, tendo como base as redes sociais. Nesse sentido, Soares e Mangabeira (2012) indicam que:

Com a profusão de perfis em redes sociais na internet, a questão da performance tem sido trazida à tona como aparato teórico para tentar compreender os discursos engendrados nos contextos dos meios de comunicação. Criar um perfil numa rede social, eleger o que dizer, escolher o que dispor como ‘texto de apresentação’, que fotografia usar no ‘avatar’ são algumas das operações que se realiza quando se adentra à formação de um ambiente de compartilhamento de conteúdos nas redes sociais. Estas operações parecem sintomáticas de serem compreendidas como enquadramentos/recortes de alguém num cenário de interação mediada. Postar textos, imagens, vídeos etc., configura-se no ‘atuar’ neste ambiente: dessa forma, pode-se perceber ‘avatars’ que são mais românticos, incisivos, polêmicos, irônicos, ingênuos, entre tantas outras formas de classificação (SOARES; MANGABEIRA, 2012, p. 275).

Muitas pessoas utilizam as mídias sociais como um espaço para construir uma imagem positiva de si mesmas. Elas fazem isso compartilhando fotos e mensagens que destacam suas qualidades e conquistas enquanto escondem ou minimizam suas falhas e pontos fracos. O foco principal é apresentar aos outros a melhor versão possível de si mesmas, e essa estratégia pode ajudar a ganhar mais seguidores e reconhecimento na internet.

Um aspecto central neste ponto do estudo é o entendimento de que estamos, a todo o momento, fazendo performances, buscando convencer nosso público acerca de nossa atuação. As pessoas são como atores sociais, desempenhando papéis no palco da vida, e, ao fazê-lo, utilizam mecanismos que as auxiliam a definir uma situação e alcançar seus objetivos com desempenhos adequados às exigências da situação de momento.

É importante observar que a autoapresentação pode ser influenciada pela comparação social e pelo desejo de se adequar às normas e expectativas da sociedade. De acordo com Goffman (2021), as pessoas se envolvem em um comportamento de manutenção do *self* para conservar sua imagem pública e evitar o estigma, a desaprovação e a desvalorização de uma pessoa com base em um atributo ou condição negativa percebida. Ele argumenta que os indivíduos estigmatizados enfrentam desafios na

manutenção de seu senso de si mesmo e dignidade, pois, muitas vezes, estão sujeitos a estereótipos e discriminação.

Sob essa ótica, todo elemento ou atividade, que abrange desde gestos e expressões faciais até vestimentas e comunicação verbal, junto com características do ambiente físico e uma variedade de outros elementos, detém a capacidade de afetar a avaliação de um observador individual ou público em relação a uma representação, seus comportamentos e as correspondentes performances sociais.

Portanto, ao tentar persuadir alguém de que a performance é genuína, geralmente é imperativo manter uma "coerência expressiva" ao desempenhar o papel. Segundo Goffman (2021), esperamos que haja congruência entre o ambiente, a aparência e o comportamento das pessoas, pois isso é o padrão ideal e nos leva a notar exceções que capturam nossa atenção e interesse. Em outras palavras, o desenvolvimento da identidade social está intrinsecamente ligado à interação do indivíduo social com seus pares, onde cada pessoa desempenha seu papel. Portanto, é natural esperar que haja uma harmonia entre a aparência do ator social, o contexto em que ele está se apresentando e seu comportamento, fenômeno frequentemente referido como "consistência confirmada".

O julgamento que cada indivíduo faz de si mesmo, moldado e controlado pelo contexto em que se relaciona com os demais, surge a partir dessa interação social no cenário das atividades diárias. Portanto, a teoria de Goffman (2021) se baseia na concepção de que a interação social se assemelha a uma "performance", assemelhando-se a uma peça teatral. Da mesma forma que os atores têm consciência de seus papéis no palco, as pessoas também estão conscientes de seus papéis sociais e da imagem que projetam para os outros.

O interacionismo simbólico, por sua vez, enfatiza que a compreensão da realidade social é construída a partir dos símbolos e significados que as pessoas atribuem aos objetos, ações e situações. E o pragmatismo sustenta que a experiência é o ponto de partida para o conhecimento, e que o significado das coisas e a verdade são determinados pelos seus efeitos práticos.<sup>47</sup>

No cotidiano, as pessoas desempenham diferentes papéis sociais de acordo com o contexto em que se encontram e as pessoas com quem interagem. Para isso, elas utilizam

---

<sup>47</sup> O interacionismo simbólico é uma teoria psicossociológica que se baseia na compreensão dos símbolos e significados atribuídos pelos indivíduos aos objetos, ações e situações. A filosofia pragmatista sustenta que o conhecimento é construído a partir da experiência prática e que a verdade é determinada pelos efeitos práticos das coisas. Logo, o diálogo entre o interacionismo simbólico e o pragmatismo é importante para entender como os indivíduos constroem suas identidades sociais na interação com os outros.

diversas estratégias para controlar a imagem que constroem para os outros, como contexto, gestos, tom de voz e outras formas de linguagem corporal. Os recursos comunicativos são utilizados como símbolos que ajudam a criar uma realidade social compartilhada pelos indivíduos, onde cada um é responsável por manter a ordem e a harmonia, mantendo o equilíbrio entre si. É importante ressaltar que esta realidade é passível de mudança, pois os símbolos e significados são construções sociais em constante transformação.

Nesse contexto, a interação social representa uma constante negociação e adaptação, em que os indivíduos buscam estabelecer um cenário onde suas intenções e desejos possam ser realizados. Essa conquista requer uma compreensão mútua dos sinais e símbolos utilizados na comunicação, evitando assim conflitos, mal-entendidos e o consequente colapso das interações sociais.

Esse processo é uma maneira de construir um entendimento compartilhado da realidade. Portanto, a interação não é apenas uma forma de descobrir o outro ou de se comunicar com alguém diferente, mas também um meio pelo qual o indivíduo desenvolve a capacidade reflexiva de se enxergar e de atribuir significado ao contexto social que o cerca.

Enfim, para manter seu *self*, os indivíduos se envolvem em um comportamento de “fachada”, exigindo apresentar-se de forma positiva e evitar ações que possam ser percebidas como negativas ou estigmatizantes. Este comportamento pode incluir ocultar aspectos negativos de si mesmos, apresentar uma versão idealizada de si mesmos e conformar-se às normas e às expectativas sociais. No entanto, manter um *self* positivo também pode ter custos, uma vez que pode envolver a supressão dos verdadeiros pensamentos e sentimentos de alguém e a conformidade com as normas sociais que, em certa medida, são limitantes ou opressivas. Também pode levar a uma sensação de inautenticidade e desconexão do verdadeiro eu.

No geral, a ideia de comportamento de “fachada” destaca os desafios colocados pelo estigma nas interações sociais e nas maneiras pelas quais os indivíduos lidam com os desafios, no intuito de manter seus relacionamentos sociais e sua autoimagem pública sempre positiva.

Dito de outra maneira, as novas tecnologias têm influenciado não apenas os modos como as pessoas interagem e se comunicam, mas também a formação e a apresentação da identidade. Nas mídias sociais, por exemplo, o indivíduo escolhe cuidadosamente uma “máscara” que se ajuste ao contexto da interação e às impressões que pretende causar.

Aliás, através das mídias sociais, temos a oportunidade de apresentar uma versão idealizada de nós mesmos de forma controlada e seletiva. Diferente da comunicação face a face, na internet, não há a possibilidade de interpelações em tempo real. Nesse ambiente digital, nosso perfil é visto como uma representação de como queremos ser vistos pelos outros.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE VIRTUAL

De acordo com Rheingold (1997), os espaços virtuais são como laboratórios para estudar como as comunidades virtuais afetam nossa mente, pensamentos e sentimentos. Estas redes podem ser entendidas como laboratórios para construção da identidade, especialmente na internet, que se tornou um “laboratório social”.<sup>48</sup> Na realidade, a internet oferece um espaço para moldar e criar uma versão mais adequada de nós mesmos para a sociedade, além de permitir criar comunidades virtuais com pessoas de todo o mundo e estabelecer relações próximas mesmo à distância. Além disso, é possível criar identidades fictícias em ambientes digitais, como exemplificado por um usuário no estudo de Turkle (1997).

Podemos ser tudo aquilo que quisermos. Podemos redefinir completamente a nossa pessoa, se assim o desejarmos. (...) Não temos que nos preocupar tanto com as categorias em que as outras pessoas nos arrumam (TURKLE, 1997, 265-273).

No entanto, as pessoas não apenas se transformam em quem fingem ser, elas, igualmente, fingem ser quem creem que são ou quem gostariam de ser (ou até mesmo quem não gostariam de ser).

O *Facebook* e o *Instagram* podem ser apresentados como um “palco”, em que as pessoas constroem identidades como parte de sua apresentação diante de uma plateia. Estas plataformas fornecem ao indivíduo a oportunidade de usar adereços, como nome de usuário, informações de perfil, filtros, avatares, postagens, compartilhamento, marcações de fotos e pessoas, *hashtags*, atualizações de status, *likes*, ou *check-in* em uma localização,

---

<sup>48</sup> De acordo com Rheingold (1997), um “laboratório social” é um espaço ou um contexto em que é possível experimentar, explorar e testar diferentes abordagens sociotécnicas, que normalmente envolvem o uso de tecnologia digital, para compreender e resolver problemas sociais específicos. É um ambiente colaborativo em que as pessoas trabalham juntas para produzir soluções criativas e inovadoras que podem ter impacto positivo na sociedade. O objetivo principal de um laboratório social é criar condições para que as pessoas possam engajar-se ativamente na solução de problemas complexos em um ambiente propício à exploração e à descoberta colaborativa.

dentre muitas outras ferramentas que surgem diariamente. Podemos, com isso, entender as ferramentas manipuladas pelos usuários como um processo contínuo de formação e reformulação da identidade virtual. Melhor dizendo, enquanto as pessoas constroem identidades em todas as partes de suas vidas, o desempenho é particularmente evidente e contínuo nas mídias sociais.

Dito de outro modo, ao construir seu perfil e comentar as mensagens dos amigos, o usuário faz escolhas conscientes sobre como engendrar uma identidade on-line, tentando gerenciar a impressão que os outros recebem dele e adivinhar qual será a interpretação de seu desempenho. As pessoas que usam as mídias sociais, geralmente, criam e mantêm cuidadosamente seu perfil on-line para retratar a imagem e as percepções que desejam transmitir. Quando bem-feito, isso pode atrair a aprovação e o reconhecimento dos usuários em uma comunidade virtual. Estabelecer uma identidade on-line pode ser uma forma significativa de autoexpressão e uma maneira de explorar e apresentar aspectos de si mesmo para o mundo digital.

Goffman (2021) trabalha a noção de “comportamento desviante” para se referir ao comportamento de indivíduos estigmatizados que não aderem às normas ou que negam a ordem social (como prostitutas, viciados, criminosos, pessoas com deformidades físicas, entre outros). A obra *Estigma* apresenta uma teoria da agência em que os indivíduos têm mais capacidade de escolher como manejarão suas escolhas nas interações sociais. Assim o é, pois se veem em situações de relação face a face, nas quais o *self* se encontra ameaçado, desacreditado ou mortificado.

Goffman (2021) trabalha a relação social entre o que ele chama de “pessoas normais” e pessoas que possuem algum atributo depreciativo, visível ou não, que socialmente passa a ser considerado um estigma. Devido a esses estigmas, os indivíduos, em interações face a face, podem ser discriminados e desacreditados por “pessoas normais”. E, em última instância, a discriminação pode efetivamente reduzir as chances de vida desses indivíduos (GOFFMAN, 2021, p 15).

Como resposta à situação de angústia e descrédito causada pelo estigma, os indivíduos podem adotar diferentes cursos de ação, criando identidades que se adequem melhor as suas perspectivas. Podem ainda tentar corrigir sua situação de maneira indireta, dedicando um enorme esforço individual para o domínio de áreas consideradas fechadas para pessoas com seu defeito, como a dedicação à prática de esportes. O estigmatizado pode também romper com aquilo que é chamado de realidade, tentar empregar uma interpretação não convencional do caráter de sua identidade social e ver as privações que

sofreu como uma benção secreta, acreditando que o sofrimento pode ensinar muito sobre a vida. Além disso, tal ideia pode amenizar a sua situação, reafirmando as várias limitações das pessoas normais. Estas são formas ativas de lidar com as situações de estigma, de modo a defender a autoestima do *self* em interação com outros estigmatizados e com “pessoas normais”.

Com isso, ao criar uma identidade virtual, o estigmatizado pode se proteger das interações face a face, que são as mais propícias a desacreditá-lo. Além disso, ele pode escolher cuidadosamente como quer ser percebido pelos outros, enfatizando características que ele considera positivas ou simplesmente ocultando aspectos negativos.

A criação de identidades virtuais também permite que o estigmatizado se conecte com outras pessoas que possuem experiências semelhantes, criando uma rede de apoio fundamental para a promoção da autoestima e para a diminuição da sensação de solidão.

Criar identidades que existem apenas no ciberespaço não deixa de ser, na perspectiva que apresentamos, uma oportunidade de autoexpressão para o indivíduo, fazendo-o sentir-se mais próximo do seu verdadeiro *eu*, ainda que oculto sob uma máscara virtual.

No uso das teorias de Goffman (2021), podemos destacar a importância de considerar os modos pelos quais as redes sociais modelam nossa autoapresentação e nossa compreensão de nós mesmos e dos outros, pois, no contexto das mídias sociais, os indivíduos têm a capacidade de apresentar uma versão idealizada de si mesmos, enfatizando suas características e experiências positivas, minimizando ou ocultando aspectos negativos. A autoapresentação é, muitas vezes, motivada pelo desejo de manter conexões sociais e uma imagem positiva aos olhos dos outros.

É importante lembrar que a apresentação do *self*, mesmo na vida on-line, pode ter consequências negativas. Às vezes, a necessidade de controlar a imagem que as pessoas têm de si mesmas pode levar à insegurança, à ansiedade e até mesmo à depressão, especialmente quando se sentem pressionadas a competir com outras pessoas nas redes sociais.

### 2.3 O MONITORAMENTO DO *SELF* EM GOFFMAN

O monitoramento do *self*, na teoria de Goffman (2021), pode ser entendido como o processo de observação e controle que as pessoas exercem sobre si mesmas em suas interações sociais.

Segundo Goffman (2021), durante as interações sociais, as pessoas monitoram seu comportamento e sua aparência para se adequar às normas e valores sociais, evitando, assim, serem julgadas de forma negativa pelos outros. Para isso, o indivíduo busca manter uma “fachada” ou “impressão” que demonstre sua adequação e pertencimento ao grupo social em questão.

Este monitoramento pode ser tanto consciente, quanto inconsciente, estando presente em diversas situações do cotidiano, como em entrevistas de emprego, encontros amorosos e reuniões de negócios. Além disso, a fachada criada pelo indivíduo pode variar de acordo com o contexto social em que se encontra, mostrando como o monitoramento do *self* é um processo dinâmico e adaptativo. Em resumo, o monitoramento do *self* é o processo em que as pessoas utilizam estratégias para se apresentarem conforme as expectativas sociais, em busca de aceitação e interação positiva com os outros.

O crescente uso de redes sociais tem levado a um aumento do monitoramento do *self* na sociedade moderna. Com o advento das mídias sociais e o crescente uso de plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *TikTok*, as pessoas desenvolveram novas formas de apresentar suas identidades e interagir com outros usuários de forma online. Este comportamento é baseado na teoria de Goffman (2021), que explica como as pessoas criam suas identidades através de interações sociais. Segundo o autor (2021), a vida social é composta por “performances” por meio das quais as pessoas interpretam papéis para se apresentar de uma forma específica aos outros.

Como já dito anteriormente, Goffman (2021) conceituou a imagem do *self* como uma versão de si mesmo, ou seja, aquilo que a pessoa deseja mostrar aos outros. Isso significa que as pessoas se adaptam e ajustam sua apresentação segundo o contexto em que estão e as expectativas do público em questão. Goffman (2021) conceitua *self* como a construção que cada indivíduo faz de si mesmo, a partir da interação com a sociedade e com outras pessoas.

Para o sociólogo, o indivíduo assume diferentes papéis em diferentes situações sociais e constrói seu *self* através da interação com os outros, mediante a observação de regras sociais e normas de comportamento que são estabelecidas pela sociedade. Ou seja, o *self* é formado da maneira como o indivíduo se apresenta e é percebido pelos outros. Assim, ele sugere que o *self* é uma construção social, moldada e transformada a partir das interações cotidianas do indivíduo com a sociedade em que ele está inserido.

Nesse contexto, a noção de fachadas e a de manutenção do *self*, conceitos centrais na teoria de Goffman (2021), podem ser entendidas como uma forma de adaptação

pragmática às mídias e eventos sociais. Na perspectiva pragmática, a fachada e a manutenção do *self* podem ser entendidas como estratégias práticas para lidar com as demandas e desafios da vida social. Ao apresentar uma fachada adequada e ao manter o *self* em conformidade com as normas e expectativas do ambiente social, as pessoas podem maximizar suas oportunidades de sucesso e minimizar o risco de fracasso. Esta atitude prática é uma forma de lidar com a incerteza inerente às interações sociais, a fim de manter a estabilidade e a continuidade da vida social.

Nas redes sociais, o monitoramento do *self* é ainda mais *propício*. As pessoas selecionam cuidadosamente o que postar, compartilhar e comentar para apresentar uma imagem específica de si mesmas. Elas podem usar filtros, editar fotos e escrever legendas estratégicas para garantir que sua aparência e comportamento on-line sejam coerentes com a imagem que desejam transmitir. Além disso, as pessoas também são cuidadosas em relação ao público que assiste a sua performance, ajustando sua apresentação para agradar ou impressionar aqueles que consideram importantes. No entanto, o monitoramento do *self* nas redes sociais pode ter algumas desvantagens. Por exemplo, as pessoas podem se sentir pressionadas a manter uma aparência constante e perfeita em suas postagens, levando à ansiedade e ao estresse. Ademais, as pessoas podem se sentir obrigadas a se comparar com outras pessoas nas redes sociais, o que pode levar a sentimentos de inadequação e baixa autoestima.

Em outras palavras, na busca de aceitação, de aprovação e adequação nas mídias sociais, as pessoas escolhem cuidadosamente como se apresentar on-line e adaptam sua apresentação de acordo com o público em questão. Embora isso possa ter desvantagens, como pressão e comparação social, é uma parte fundamental da vida on-line e como as pessoas constroem as condutas prescritas para suas identidades digitais.

Com isso, baseados na teoria de Goffman (2021), entendemos que, para a manutenção do *self*, as pessoas usam máscaras ou desempenham papéis para se apresentarem de forma positiva aos outros, executados em diferentes situações sociais, garantindo a manutenção da identidade pessoal em interação com outros indivíduos na sociedade. Porém, com o advento das redes sociais, a manutenção do *self* torna-se cada vez mais complexa, já que as pessoas são levadas a criar uma personagem digital. Dito de outra forma, a construção do *self* ou da identidade pessoal é influenciada pelo ambiente social em que a pessoa está inserida. Com a popularização das redes sociais, o ambiente social se expandiu para o mundo digital.

Esta mudança trouxe uma nova possibilidade de comunicação e interação entre as pessoas, mas também criou desafios para a manutenção da identidade pessoal, uma vez que, para se destacar e ser percebido nas redes, muitas pessoas criam uma personagem digital, que pode ser diferente de sua persona real.

Nesse sentido, a teoria da manutenção do *self* de Goffman encontra convergência com a teoria das gerações de Karl Mannheim (2011), que defende que as mudanças sociais são resultado da interação entre as gerações. As expectativas geracionais moldam a forma como as pessoas veem a si mesmas e interagem com outras pessoas, e a identidade pessoal é construída a partir dessa interação. Ou seja, a construção de uma identidade virtual é um processo cada vez mais comum na era da internet e das mídias sociais. Ela pode ser definida como a imagem que uma pessoa projeta através de suas atividades online, incluindo suas postagens, comentários, fotos e interações com outras pessoas.

A identidade virtual é, portanto, uma construção pessoal e social, muito influenciada pelas estruturas e normas sociais, e ainda é relacionada às teorias de Karl Mannheim (2011), que argumenta que a identidade humana é moldada principalmente pela sociedade e pelas estruturas sociais em que uma pessoa vive. Mannheim (2011) afirma que as pessoas não têm uma identidade “essencial”, mas, sim, diferentes identidades sociais, dependendo do ambiente social em que estão inseridos. Esta concepção de identidade é relacionada à construção da identidade virtual, que é moldada pelas normas e estruturas da internet.

Outra semelhança entre a construção de uma identidade virtual e as teorias de Mannheim (2011) é a ideia de que a identidade é sempre construída e reformulada ao longo do tempo. A identidade virtual não é uma imagem fixa ou imutável, mas, sim, uma construção em progresso, que muda conforme a pessoa interage com outras pessoas e com a própria internet. De forma similar, Mannheim (2011) argumenta que a identidade humana é uma construção em constante mudança, moldada pelas mudanças sociais e pela própria história do indivíduo.

Em resumo, tanto a construção de uma identidade virtual, quanto a teoria da identidade são conceitos inter-relacionados que têm como base a ideia de que a identidade humana é uma construção social em constante mudança. Ambos argumentam que a identidade não é algo fixo ou imutável, mas, sim, uma construção que é moldada pelas normas e estruturas sociais.

Além disso, com o advento das redes sociais, as fronteiras geracionais se tornaram mais fluidas. As novas gerações criaram maneiras diferentes de se apresentar,

influenciando a forma como as gerações mais velhas se comportam em relação à mídia social. Consequentemente, as pessoas passaram a moldar sua identidade a partir da ponte geracional que as redes sociais proporcionam, e não mais seguindo a transmissão geracional proposta por Mannheim (2011).

Desse modo, a manutenção do *self* nas redes sociais é um processo complexo, envolvendo não apenas a escolha do papel a ser desempenhado, mas trazendo uma inovação, ou seja, a forma como as gerações interagem e se moldam mutuamente no ambiente virtual. As gerações mais velhas podem aprender com as novas tendências de comportamento on-line, enquanto as mais novas absorvem valores geracionais passados por meio das mídias sociais.

Por fim, a teoria de Goffman (2021) e a teoria das gerações de Mannheim (2011) demonstram que a manutenção do *self* é um processo em constante evolução que depende da interação social e das fronteiras geracionais, à medida que as mídias sociais se tornam cada vez mais presentes em nossas vidas.

### III - O PROBLEMA DAS GERAÇÕES E DAS TRANSMISSÕES GERACIONAIS

A análise sobre o estudo das gerações se faz necessária em nossa pesquisa, uma vez que ela será uma das ferramentas para conseguiremos entender os impasses que o jovem contemporâneo vem enfrentando. Estudar a transição geracional é importante para entender os jovens contemporâneos, que vivem sua vida em um mundo onde a tecnologia é onipresente e faz parte de sua rotina diária.

Estes jovens têm uma familiaridade natural com a tecnologia, que é muito diferente da que os membros mais velhos da sociedade têm. Esta diferença gera desafios para a comunicação e para a transmissão de conhecimento das gerações na vida social.

Compreender os jovens é entender suas habilidades, competências, valores e suas expectativas. Ao estudar a transição geracional, podemos obter um entendimento mais profundo destas questões. Precisamos observar também que o jovem moderno vem enfrentando uma dificuldade de comunicação entre as gerações durante o período de transição conhecido como liminaridade<sup>49</sup>, que torna os jovens mais vulneráveis e suscetíveis à influência no mundo virtual. A liminaridade, dessa forma, é uma experiência comum em todas as gerações, mas o seu significado pode variar com o tempo.

Para entender as diferenças enfrentadas por cada geração, é fundamental entender o conceito de “geração”, ou seja, um grupo de pessoas nascidas em uma mesma época que compartilham características culturais, sociais e econômicas. À medida que novas culturas e comportamentos surgem, gerações únicas são formadas. No surgimento de novas gerações, acontece a transição geracional, que diferencia uma geração da outra, fazendo parte da evolução humana.

E a sociedade contemporânea vem experimentando uma aceleração na transição de gerações, o que significa que os indivíduos não seguem mais um modelo ou padrão de vida específicos. Para compreender melhor a questão, é importante examinar a teoria da transmissão de gerações proposta por Karl Mannheim (2011), que se concentra no papel da geração na formação de identidades sociais e culturais. Segundo o autor, a geração é

---

<sup>49</sup> De acordo com Victor Turner(1974), a liminaridade, para os jovens e adolescentes, é um período de transição através do qual eles deixam para trás a vida de criança e se preparam para ingressar na vida adulta. Nesse período, eles experimentam uma série de mudanças físicas, emocionais e sociais e podem se sentir desorientados e perdidos. A liminaridade, portanto, é um momento em que os jovens precisam lidar com seus medos, inseguranças, dúvidas e incertezas enquanto tentam encontrar sua identidade e seu lugar no mundo. A fase pode ser bastante desafiadora e angustiante, gerando medo e ansiedade no indivíduo, tornando-o mais vulnerável.

uma categoria social que tem um papel importante na formação da perspectiva de um indivíduo em relação à sociedade e à cultura. Em outras palavras, a geração de uma pessoa afeta sua forma de pensar, agir e se relacionar com a sociedade ao seu redor. Nesse sentido, é importante explorar mais a fundo a teoria de Mannheim (2011) e examinar como ela pode ser aplicada à transmissão de gerações em diferentes contextos sociais e culturais.

Mannheim (2011) desenvolveu a teoria da geração em seu livro *O Problema das Gerações*, publicado em 1928. De acordo com ele, as gerações são grupos de pessoas que compartilham experiências históricas e culturais semelhantes que experiências moldam suas crenças, valores e perspectivas de vida.

Mannheim (2011) argumenta que as gerações são formadas em momentos de crise e mudança social, e que as gerações mais velhas desempenham um papel importante na transmissão de suas experiências e conhecimentos às gerações mais jovens, ocorrendo através de várias práticas de socialização, como a educação formal, a socialização na família e a interação com outras gerações. O autor (2011) também argumenta que a transmissão geracional é um processo dinâmico e mutável ao longo do tempo. À medida que as condições sociais e culturais se alteram, as gerações mais velhas precisam adaptar suas formas de transmissão para que possam ser compreendidas pelas gerações mais jovens.

O estudioso argumenta que a transmissão de gerações é um processo complexo e dinâmico que pode desencadear conflitos entre diferentes gerações. Por exemplo, uma geração pode ter valores e crenças que diferem significativamente da geração anterior, o que pode causar tensões sociais e culturais.

No entanto, Mannheim (2011) também aponta que a transmissão de gerações tem muitos benefícios. Por exemplo, a transmissão de valores culturais de uma geração para outra pode ajudar a preservar a cultura e a tradição, enquanto a transmissão de conhecimentos e habilidades pode ajudar a desenvolver a sociedade. Logo, podemos dizer que uma de suas principais contribuições para a teoria da transmissão de gerações é a ideia de que cada geração tem uma perspectiva única sobre a sociedade e a cultura.

Além disso, para Mannheim (2011), o que configura uma geração não é compartilhar uma data de nascimento, mas, sim, uma série de circunstâncias históricas que marcam um antes e um depois na vida.

Em relação à posição geracional no meio social, o autor (2011) destaca que ela não se compõe a partir do fato de alguém ter nascido, se tornado jovem, adulto ou velho no

mesmo tempo cronológico, mas da possibilidade de, a partir desse fato, o indivíduo participe dos mesmos acontecimentos e dos mesmos conteúdos de vida, fazendo a partir de um padrão semelhante de estratificação de consciência. Ou seja, de acordo com a teoria abordada, a transmissão geracional ocorre porque as experiências e as perspectivas de cada geração são moldadas por eventos históricos e sociais específicos. Por exemplo, uma geração que cresceu durante a Grande Depressão<sup>50</sup> e a Segunda Guerra Mundial<sup>51</sup> pode ter valores e crenças diferentes daqueles que cresceram durante a década de 1960 e a era da contracultura<sup>52</sup>. Estas experiências moldam a forma como cada geração percebe a realidade e os valores que consideram importantes.

Mannheim (2011) afirma que dadas atitudes, valores e ideias criados ou assumidos por uma unidade de geração podem ser acolhidos e se disseminar para outros sujeitos, levando a uma transformação social, positiva ou negativa. Em suma, a teoria da transmissão geracional é um importante conceito sociológico que se concentra no modo como as ideias e os valores são transmitidos de uma geração para outra. Mannheim (2011) argumenta que as ideias e valores são engendrados pelas experiências históricas e sociais de cada geração e sua transmissão pode ter efeitos duradouros na maneira pela qual as pessoas percebem o mundo ao seu redor.

Outra questão a ser apontada é que uma das modalidades mais importantes para a transmissão geracional acontecer é a interação familiar. Pais, avós e outros familiares têm

---

<sup>50</sup> De acordo com a *Enciclopédia Britannica*, a Grande Depressão foi uma crise econômica global que afetou, principalmente, a economia dos Estados Unidos na década de 1930. Iniciada em outubro de 1929 com o *crash* da Bolsa de Valores de Nova York, a depressão se espalhou rapidamente para outros países, causando uma queda acentuada na produção industrial, no comércio e no investimento. O desemprego aumentou drasticamente e as condições de vida da população pioraram consideravelmente. A Grande Depressão teve profundas implicações sociais, políticas e econômicas em todo o mundo, afetando significativamente a história do século XX.

<sup>51</sup> Segundo o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar global que durou de 1939 a 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo, incluindo todas as grandes potências, organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e as Potências do Eixo. Foi a guerra mais ampla da história e diretamente envolveu mais de 100 milhões de pessoas de mais de 30 países. A Segunda Guerra Mundial foi marcada por atrocidades, como o Holocausto, o uso de armas nucleares e uma série de crimes de guerra, resultando em cerca de 70 a 85 milhões de mortes.

<sup>52</sup> Conforme os ensinamentos de Carlos Alberto M. Pereira em sua obra *O Que é a Contracultura*. (1983), a era da contracultura refere-se a um período histórico que ocorreu nas décadas de 1950, 1960 e 1970, principalmente nos Estados Unidos e em outros países ocidentais. Foi um período de mudança social e cultural, caracterizado por uma série de movimentos e subculturas que desafiaram as normas e valores dominantes da sociedade. A contracultura surgiu como uma reação à cultura dominante, que muitas pessoas sentiam ser superficial, materialista e conformista. Os movimentos da contracultura incluíam a luta pelos direitos civis, o movimento feminista, o movimento hippie, a cultura da droga, a cultura do rock and roll, o movimento ambientalista e muitos outros. Estes movimentos da contracultura foram influenciados por ideias e filosofias diversas, incluindo o existencialismo, o marxismo, o psicodelismo, o pacifismo, o anarquismo e o budismo. Eles promoveram novas formas de expressão artística, novos estilos de vida e novas formas de pensar sobre questões sociais e políticas.

uma grande influência nas crenças e valores das crianças. Por exemplo, se uma criança cresce em uma família religiosa, é mais provável que adote os valores e crenças dessa família do que aqueles de um grupo primário secular. Igualmente, se uma criança cresce em uma família que valoriza a educação, é mais provável que também valorize a educação em sua própria vida. No entanto, a transmissão geracional também ocorre por outras instituições sociais, como escolas, igrejas e comunidades, instituições que ajudam a moldar as perspectivas e os valores de uma geração, oferecendo experiências compartilhadas e uma visão comum do mundo.

Enfim, na era digital, a transmissão geracional tem sido influenciada por novas tecnologias e meios de comunicação. Por exemplo, as gerações mais jovens cresceram em uma era de tecnologia digital e têm habilidades e conhecimentos que as gerações mais velhas podem não conseguir assimilar com tanta facilidade.

Na era digital, a transmissão geracional ocorre em um ambiente em constante mudança. As tecnologias digitais se tornaram parte integrante da vida cotidiana e têm impacto significativo nos procedimentos empregados pelas gerações mais jovens para aprender e assimilar valores e conhecimentos. Isso levanta a questão de como a transmissão geracional acontece na era digital. De acordo com Mannheim (2011), as gerações evoluem e se desenvolvem ao longo do tempo, em resposta aos eventos históricos e culturais que ocorrem durante suas vidas.

A geração atual é um exemplo vivo dessa teoria, pois uma das principais influências na evolução desta geração foi o surgimento da internet e das mídias sociais. As tecnologias transformaram radicalmente a forma como o mundo se comunica, e a geração atual cresceu imersa nessa nova cultura. Ao contrário de gerações anteriores, que podiam levar anos para se comunicar com amigos e familiares em outros locais, a geração atual tem acesso imediato e constante a uma rede global de pessoas e informações. Estas mudanças têm esculpido a identidade da geração atual e seus valores, tornando-a mais aberta, tolerante e conectada em comparação com as gerações anteriores.

A nova cultura também trouxe novos desafios, especialmente em relação à qualidade da comunicação e conexão. A geração atual está rodeada de distrações, informações conflitantes e a pressão para estar sempre conectada. Enquanto a conectividade traz inúmeros benefícios, ela também pode gerar isolamento e individualismo.

### 3.1 A EVOLUÇÃO DAS GERAÇÕES

O aparecimento de novas culturas e comportamentos tem sido uma constante na histórica humana, impulsionado pela evolução humana, que se expressa de maneira singular em cada geração. No entanto, a sociedade atual enfrenta uma aceleração na transição geracional devido ao avanço tecnológico, o que faz com que os indivíduos não tenham um modelo ou padrão de vida predeterminado.

Com o avanço tecnológico, a transição de gerações é ainda mais rápida, levando a mudanças aceleradas nos padrões de pensamento e comportamento. Nesse sentido, os indivíduos são expostos a uma ampla gama de ideias e informações, o que significa que não seguem mais um modelo ou padrão de vida determinado. As gerações mais jovens estão sempre em contato com novas tecnologias e estilos de vida, enquanto as gerações mais velhas podem ter dificuldade para se adaptar às mudanças.

A aceleração das transições geracionais pode levar a uma sensação de incerteza e desorientação, tornando difícil que o indivíduo encontre um sentido de propósito e identidade. Mannheim (2011) observa que, em períodos de transição, é possível que novas ideologias e valores surjam como resposta às mudanças sociais. Com isso, a sociedade atual enfrenta o desafio de preservar valores tradicionais enquanto incorpora novas formas de pensar e viver em constante evolução. Por isso, a aceleração das transições geracionais e as mudanças sociais que ocorrem nesses períodos são temas importantes dentro das abordagens sociológicas especializadas em estudos das gerações. Compreender e analisar as transições geracionais é essencial para entender como novas ideologias e valores emergem e são incorporados à sociedade.

As mudanças sociais apresentam desafios para a preservação de valores tradicionais, enquanto novas formas de pensar e viver surgem em evolução constante. A juventude tem um papel fundamental nesse contexto, contribuindo para a formação de um campo interdisciplinar e articulando teoria e prática na intervenção sociológica.

O estudo das gerações é um componente de um conjunto de sociologias especializadas contidas em trabalhos considerados clássicos da Sociologia, estando presentes em reflexões teóricas de sociólogos, e seus estudos discutem as questões sociais a partir do conceito de gerações.

É importante citar o trabalho dos historiadores William Strauss e Neil Howe<sup>53</sup>, pois foram eles que tentaram aplicar de forma mais destacada os conceitos de gerações que surgiram na sociologia contemporânea.

Esta tentativa leva em consideração o fato de que as pessoas, assim como o mundo, estão em constante evolução. Conforme o contexto social e econômico da época em que nasceram, cada geração se comporta de acordo com alguns procedimentos. "Geração X", "Y", "Millennials" e "Alpha" são termos usados para representar as pessoas em razão da época em que nasceram. Os mencionados historiadores descreveram e definiram etapas geracionais:

a) A Geração *Baby Boomers*, que se define pelos nascidos entre os anos 1946 e 1964. Como o próprio nome sugere, é a geração que nasceu no contexto de um aumento nas taxas de natalidade em boa parte dos países anglo-saxônicos, após o final da Segunda Guerra Mundial, em um momento de reconstrução nos países envolvidos na guerra. O ambiente pós-guerra de reestruturação fez com que esta geração desenvolvesse uma necessidade de segurança. Dessa forma, os *Baby Boomers* buscam garantias tanto no mercado de trabalho quanto na vida pessoal e são vinculados a um período de transformação social, que tem sua expressão na junção de vários movimentos que desafiaram as estruturas políticas, sociais e culturais da geração anterior. É uma geração idealista, combativa, disciplinada e com espírito coletivo, responsável por iniciar as lutas por direitos civis e políticos. Muitos já estão aposentados, mas alguns ainda estão na ativa e, ao contrário do estereótipo, conseguiram se adaptar bem ao mundo moderno.

b) A Geração X sucedeu a Geração *Baby Boomers*, composta por indivíduos nascidos entre os anos 1960 e 1980. Embora ainda compartilhem características comuns, como a busca por estabilidade na carreira, disciplina e respeito pela hierarquia, eles também valorizam sua liberdade de viver e aproveitar a vida como desejarem. No entanto, cresceram em uma época de conflitos, como a Guerra Fria e a ditadura militar no Brasil, acontecimentos afetaram o otimismo desse grupo.

---

<sup>53</sup> Os historiadores William Strauss e Neil Howe são reconhecidos como especialistas em demografia, história social e análise de tendências. Eles desenvolveram a teoria das "Quatro Gerações" (Baby Boomers, Geração X, Geração Y e Geração Z), que sugere que as gerações passam por uma sequência regular de mudanças sociais, econômicas e políticas, sendo utilizada por diversos setores para compreender e prever padrões de consumo, comportamento e preferências em diferentes grupos sociais. Sobre o assunto, publicaram as obras: *Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069*, publicada em 1991; *The Fourth Turning: What the Cycles of History Tell Us About America's Next Rendezvous with Destiny*, publicado em 1997.

c) A Geração X é mais cética em relação a autoridades e governantes, perdendo um pouco do senso coletivo e se tornando mais individualista e competitiva. Este comportamento pode ser associado ao ambiente corporativo, mais concorrido, em que eles estavam sujeitos na época. Os indivíduos assistiram ao começo de uma revolução tecnológica. Além disso, esta é uma geração muito ligada ao consumo. Ainda que não tenha toda a prosperidade dos *Baby Boomers*, a Geração X tem poder de consumo e procura aproveitar sua condição econômica da maneira mais intensa possível.

d) Nascida entre 1980 e 1995, a Geração Y veio à luz junto da informática e da globalização e viu como estes fenômenos transformaram o mundo. A geração presenciou a internet nascer, o mundo se tornar mais veloz, a informação circular rapidamente e a comunicação instantânea. É importante ressaltar que a Geração Y teve que se adaptar às mudanças e aprender novas habilidades para acompanhar as novas demandas do mercado de trabalho. Cresceu em meio aos jogos de videogame e participou do surgimento das mídias sociais. É uma geração educada longe da rigidez de outrora, muito mais apegadas a sonhos do que à realidade e, mesmo mais velhos, os indivíduos continuam perseguindo sonhos e expectativas irreais. Ou seja, a geração Y cresceu em um mundo de rápidas mudanças e avanços tecnológicos, o que a levou a ter altas expectativas sobre suas oportunidades na vida. Além disso, foram educados em um ambiente menos rígido do que seus antecessores, o que lhes deu a liberdade de sonhar com uma variedade de possibilidades de carreira e estilo de vida. No entanto, as expectativas podem não corresponder à realidade e, muitas vezes, são irrealistas. Estes indivíduos ainda acreditam que é possível alcançar seus sonhos, mas, em geral, enfrentam desafios e dificuldades que podem dificultar a realização de seus objetivos.

5. Posteriormente, os nascidos entre 2000 e 2020 entram em cena com geração que tem como categoria os *Millennials* e os *Alpha*<sup>54</sup>. Eles nasceram em um mundo totalmente

---

<sup>54</sup> Para a Geração Alpha, não existe mais separação entre o digital e a “vida real”. Isso faz com que tenham novas formas de se relacionar, de aprender e de experimentar o mundo à sua volta. A Geração Alpha é a geração nascida a partir de 2010 e cresceu em um mundo cada vez mais digitalizado. Para esta geração, a tecnologia e o mundo digital são parte integrante de suas vidas desde o início, portanto, não há uma distinção clara entre o digital e a vida real. A geração cresceu cercada por dispositivos eletrônicos, como *smartphones*, *tablets* e computadores, e isso afetou profundamente sua forma de se relacionar, aprender e experimentar o mundo ao seu redor. A tecnologia mudou a forma como se comunicam, se divertem, aprendem e até mesmo como se relacionam com outras pessoas. Esta afirmação é bastante discutida na literatura sobre a geração Alpha e a relação com o mundo digital. Dentre os autores que abordam esta temática, podemos citar: Ana Carolina Lima da Rocha, em sua dissertação de mestrado *A geração Alpha e a educação midiática: uma reflexão sobre o educar para o mundo digital* (2020), discute como os meios de comunicação digitais estão presentes na vida cotidiana da Geração Alpha e como isso demanda novas práticas de educação midiática. Marcos Palacios, em seu livro *Comunicação e Cultura Digital* (2015), destaca a importância da digitalização na formação da Geração Alpha e como isso impacta seus modos de

conectado e cresceram com um *smartphone* na mão, por isso também são chamados de “nativos digitais”. Para eles, não existe divisão entre on-line e off-line, uma vez que estão conectados todo tempo, em todo lugar. Pela internet, eles vivem em um mundo virtual, um mundo paralelo, onde encontram um espaço em que podem se manifestar livremente e expor suas opiniões, medos, sonhos e desenvolver relacionamentos.

Enfim, a Geração *Baby Boomer* buscou expandir a família e procurou estabilidade, enquanto a geração X não tinha interesse por estabilidade, almejava outras conquistas. A Geração X, por sua vez, sabe que a maturidade profissional e pessoal depende do tempo e compreende que é preciso uma hierarquização. É preciso aprender com quem sabe mais do que ele. Esta geração questionava a estabilidade, mas assumia que a hierarquização é algo necessário. Já a Geração Y não entendeu assim, não valorizou tanto a hierarquia e acreditou que o trabalho em conjunto oferece grandes resultados. Os indivíduos desta geração são ansiosos e querem conquistar reconhecimento e subir muito rápido de cargo.

Os *Millennials* e *Alpha*, por seu turno, estão acostumados à instantaneidade das redes. É a geração que procura respostas imediatas, sendo seus indivíduos considerados individualistas e antissociais, que não valorizam o convívio em grupo, têm dificuldades nas relações interpessoais. Exatamente por agirem de modo mais isolado, sofrem consequências, pois o indivíduo foi criado para viver em grupo, em sociedade, interagindo com pessoas e o meio.

E é nesse contexto das relações familiares e intergeracionais, em especial da Geração X até os *Millennials* e *Alpha*, que se situa nosso estudo. Se a Geração Y foi concebida em meio à transição para o mundo tecnológico, os *Millennials* e os *Alpha* são as primeiras gerações nascidas neste meio virtual e estão a um clique de resolver suas dúvidas ou conseguir qualquer informação. De certa forma, os jovens tendem a interagir menos com os pais e familiares, uma vez que buscam tudo de maneira mais rápida no

---

ver e interagir com o mundo. Gilberto Dupas, em seu livro *O Poder Simbólico da Informação* (2014), aponta que a geração Alpha é a primeira a ter nascido em um mundo completamente digital e isso influencia profundamente sua visão de mundo. Estes autores e suas obras apontam a tendência de que a Geração Alpha não enxerga mais a separação entre o digital e o mundo real, e que essa nova realidade exige uma necessidade de adaptação por parte dos adultos que lidam com a educação e orientação dessas crianças.

celular e encontram nas redes a solução para todas as suas dúvidas, entretenimento, amigos e afeto.

De fato, o mundo em que vivemos é caracterizado por um ritmo acelerado, com uma constante exposição à tecnologia e às informações instantâneas. Isso pode levar a um desafio para os pais da atual geração, que, muitas vezes, se sentem sobrecarregados e com pouco tempo disponível para se dedicar aos seus filhos. E, por isso, os pais, que também estão conectados, não raras as vezes dispõem de pouco tempo, atenção e disposição, pois estão imersos em um contexto social de um mundo capitalista, consumista e tecnológico, no qual as informações são instantâneas e o imediatismo acaba se tornando regra.

Com o surgimento e a popularização da internet, o imediatismo se tornou uma constante em muitos aspectos da vida moderna. Isso se deve, em grande parte, à facilidade e rapidez com que as informações podem ser acessadas, compartilhadas e processadas na internet.

As mídias sociais, por exemplo, criaram uma cultura de imediatismo em que as pessoas esperam respostas instantâneas aos seus comentários, mensagens e solicitações. Além disso, muitos serviços e produtos agora podem ser entregues ou acessados imediatamente, como o *streaming* de filmes e música, ou compras on-line com entrega no mesmo dia e serviços de entrega de comida.

Esta nova modalidade de vida transformou as relações familiares, interferindo nos relacionamentos, por vezes distanciando, diminuindo ou até extinguindo o diálogo e a interação entre seus membros e, por fim, diminuindo o grau de união e intimidade.

No contexto atual, há mudanças sociais impressionantes ocorrendo entre as gerações. Embora a tecnologia e as redes sociais tenham influenciado o comportamento dos *Millennials* de maneira diferente das gerações anteriores, é importante reconhecer que medos, angústias e dúvidas permanecem igualmente presentes.

A “transmissão da herança cultural”,<sup>55</sup> conforme conceituado por Mannheim (2000), refere-se às condições comuns do processo histórico e social enfrentadas por todas as gerações, contribuindo para um fundo de experiências sociais que devem ser

---

<sup>55</sup> A “transmissão da herança cultural”, como conceituada por Mannheim (2011), é o processo de troca de experiências sociais entre as gerações a fim de, conscientemente, transmitir uma base de conhecimento que pode ser usada para enfrentar as condições do processo histórico e social atual. Embora as gerações possam ter vivido mudanças específicas em suas vidas, há experiências e valores comuns que são compartilhados e podem ser passados adiante para fortalecer a identidade cultural e construir pontes entre as diferentes gerações. A transmissão da herança cultural é, portanto, um processo importante para a construção de uma sociedade mais consciente e coesa.

conscientemente transmitidas e recebidas. Esta transmissão cultural é feita por meio do diálogo e da troca de experiências entre as gerações.

É preciso haver uma vinculação experimental com a realidade e os valores sociais, contrastando com a maturidade dos integrantes do grupo e a nova percepção de mundo do jovem. A partir dessa troca, deverá o jovem julgar suas experiências sociais e familiares e saber como lidar com elas com base nesses padrões.

Assim, em um ambiente familiar que envolve relações intergeracionais, por vezes abarcando o convívio de várias gerações em um mesmo ambiente, é importante que haja a transmissão de forma natural. Faz-se necessário que os componentes desse grupo transmitam seus valores, princípios e propósitos em comum.

### 3.2 MILLENNIALS E ALPHA, GERAÇÕES DIGITAIS.

A geração *Millennials* e *Alpha* possui como característica a preferência pelo mundo virtual em detrimento do real, do imediatismo e da perfeição. É uma geração movida pelo número de *likes*<sup>56</sup> nas fotos e publicações e pelo número de amigos ou seguidores, amigos estes apenas virtuais, porque não os conhecem fora das redes.

São impulsionados pelo maior compartilhamento de informação pessoal na sua página, e é aqui que se deve ter muita atenção. É necessário muito cuidado com as informações partilhadas e com o mundo virtual em que este jovem está se inserindo e em quais grupos está buscando ser aceito.

Esta geração nasceu na era digital, seus indivíduos não entendem o mundo virtual como estranho, pois são jovens que não distinguem entre as relações virtuais e as reais<sup>57</sup>. Os pais, geralmente pertencentes à Geração X ou Y, também estão conectados, mas já

---

<sup>56</sup> *Likes* ou curtidas em redes sociais são uma forma de interação que os usuários podem ter com o conteúdo publicado por outros usuários. É uma forma de expressar a aprovação ou admiração por uma publicação.

<sup>57</sup> Existem autores que argumentam que os jovens têm dificuldade em distinguir as relações virtuais das relações reais. Alguns exemplos incluem: Sherry Turkle (2011), em seu livro *Alone Together*, argumenta que a tecnologia está mudando a forma como nos relacionamos e que os jovens estão se tornando cada vez mais dependentes de relacionamentos virtuais. Danah Boyd (2014), em seu livro *It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens*, expõe que os jovens estão usando a tecnologia para expandir seus círculos sociais, mas que também estão enfrentando novos desafios ao navegar em relacionamentos virtuais. Embora estes autores argumentem que os jovens estão enfrentando novos desafios em relação à distinção entre relacionamentos virtuais e reais, é importante notar que a maioria dos jovens é capaz de fazer essa distinção. Além disso, a tecnologia pode oferecer muitos benefícios em termos de conexão social e pode ajudar os jovens a se conectarem com pessoas de todo o mundo.

conseguem diferenciar a relação real da virtual e primam por uma relação presencial em termos de presença física, afeto e diálogo sem a excessiva virtualidade.

Ou seja, a geração atual nasceu em um ambiente totalmente tecnológico e mergulhada nas redes sociais, algo que não foi experimentado pelas gerações anteriores. O resultado disso é um conjunto de peculiaridades que os tornam mais suscetíveis à influência e ao impacto negativo do ambiente digital. E existem várias razões pelas quais a atual geração é mais vulnerável e influenciável no ambiente digital, tais como: exposição constante, os jovens estão expostos a uma quantidade sem precedentes de informações todos os dias, como notícias falsas, conteúdo ofensivo e propaganda.

Com tanta informação chegando até eles, eles são mais suscetíveis a cair nas armadilhas da desinformação e sucumbir a campanhas publicitárias. Os jovens desta geração possuem dependência de tecnologia, uma vez que cresceram usando tecnologia desde a infância, criando uma conexão emocional com seus dispositivos eletrônicos. A dependência de tecnologia resultante torna-os mais propensos a aceitar informações sem questionar sua fonte ou precisão. Temos ainda a pressão social: as redes sociais são frequentemente usadas como uma arena de competição social, e os jovens que estão em formação são especialmente vulneráveis a se preocuparem em se encaixar e ser aceitos. Eles podem se conformar com as expectativas do grupo social em detrimento do bem-estar pessoal. Muitos deles não têm a experiência necessária para entender completamente as consequências de suas ações on-line. Eles podem se envolver em comportamentos de risco e postar informações pessoais que colocam a sua privacidade em risco, ou se envolver em *bullying*, ou desafios on-line.

Lembrando, mais uma vez, que, ao tratamos dos jovens, independente das gerações, sempre falamos de indivíduos que estão atravessando a fase da liminaridade, que os torna ainda mais vulneráveis.

O período liminar da teoria de Victor Turner (1974) acontece quando um indivíduo se encontra em um estado de transição entre duas fases da vida, não pertencendo totalmente a nenhuma delas. Este período é caracterizado por uma sensação de desorientação e incerteza, o que torna o jovem mais vulnerável e influenciável. Além disso, o jovem busca referências a serem seguidas e acaba encontrando, nas redes sociais, uma fonte de informação e interação social. Porém, estas redes são ambientes que podem facilmente ser infiltrados por criminosos e aliciadores de desafios, que lançam mão de estratégias de manipulação para atrair e recrutar novos membros.

Ademais, o jovem em período liminar, frequentemente, apresenta certa falta de identidade e autoconhecimento, o que os torna mais suscetíveis a influências externas que podem levá-los a cometer atos ilícitos. Os criminosos e aliciadores de desafios se aproveitam dessa fragilidade psicológica para atrair e aliciar novos membros.

Outro fator que torna o jovem mais vulnerável nas redes sociais é a falta de supervisão dos pais ou responsáveis. Muitos jovens passam várias horas por dia conectados nas redes sociais, sem nenhum tipo de filtro ou acompanhamento do que estão acessando. Isso pode expô-los a conteúdos violentos, ou que incitam o crime. Por fim, a pressão social exercida dentro das redes sociais também pode ter um grande impacto no jovem em período liminar. A necessidade de se encaixar em um grupo ou se sentir aceito pelos demais pode levar o jovem a cometer atos criminosos ou a participar de desafios perigosos, mesmo que isso vá contra sua própria consciência e valores éticos

#### IV - A IMPORTÂNCIA DOS RITOS DE PASSAGEM E DE SEUS SÍMBOLOS

O homem, desde a sua origem, se diferencia dos demais animais por sua capacidade linguística. Para além da utilização de sinais sonoros, como fazem os demais seres da natureza, o ser humano usa como suporte para sua sobrevivência várias ferramentas simbólicas, entre elas, a fala, a escrita, a pintura, a música, a arquitetura, a literatura e a dramaturgia.

No que se refere à simbologia, Ernst Cassirer (2001) afirma que, por mais que se possa considerar que determinados animais tenham inteligência prática, apenas o ser humano desenvolveu a imaginação e uma inteligência simbólica<sup>58</sup>. Esta transição entre o uso de sinais e o uso das palavras foi a entrada do ser humano no mundo do simbolismo. Cassirer (2001) destaca a importância da simbologia na vida humana e afirma que é um princípio universal que engloba todos os campos do pensamento. A partir dos símbolos, o ser humano expande sua visão do mundo e tem acesso a um novo horizonte de linguagem e códigos.

A capacidade do homem de armazenar e associar informações permite a consciência da existência de um passado, de um presente e de um futuro. Para fazer a transição do presente para o futuro, o homem usa os ritos de passagem, que ajudam a pessoa a deixar para trás sua situação atual, status social, condições e situações a fim de se movimentar para um novo nível ou etapa social, mudando de uma posição social para outra.

No início do século XX, o antropólogo Arnold Van Gennep (2019) criou o termo “Rito de Passagem”, definido por ele como a superação de marcos simbólicos que permitem ao indivíduo compreender as mudanças em sua vida e na sociedade. Van Gennep (2019) representou estes ritos por meio de separação, margem e agregação. Seu sucessor, Victor Turner (1974), nomeou os ritos como preliminares, liminares e pós-

---

<sup>58</sup> Ernst Cassirer foi um filósofo alemão que cunhou o termo “inteligência simbólica” em seu livro *Filosofia das Formas Simbólicas*, publicado originalmente em 1923. Para Cassirer, a inteligência simbólica é a capacidade humana de criar, usar e manipular símbolos para representar o mundo ao nosso redor. Segundo o autor, a inteligência simbólica é uma característica fundamental da natureza humana e é o que nos permite construir sistemas de significado e conhecimento que transcendem nossa experiência imediata. Ele argumenta que essa capacidade simbólica é a base da cultura humana e permite que nos comuniquemos e criemos arte, ciência, religião e outras formas de conhecimento. Para Cassirer, a inteligência simbólica não se limita apenas à linguagem, mas também inclui outras formas de simbolismo, como a matemática, a música e a arte. Ele acreditava que essas diferentes formas de simbolismo refletiam diferentes aspectos da realidade e que juntas compunham uma visão mais completa do mundo. Em resumo, a inteligência simbólica, de acordo com Ernst Cassirer, é a capacidade humana de criar, usar e manipular símbolos para representar o mundo e construir sistemas de significado e conhecimento que transcendem nossa experiência imediata.

liminares. Em sua obra *Os Ritos de Passagem*, publicada em 1909, Van Gennep (2019) delimitou o campo específico de investigação antropológica dos rituais de passagem.

O conceito de ritual já existia antes do trabalho de Van Gennep (2019), contudo, o rito era somente um aspecto da religião e, ao produzir sua obra, foi o primeiro a identificar o rito de passagem naquilo que ele possui de específico. Posteriormente aos estudos de Van Gennep (2019)<sup>59</sup>, outras teorias foram desenvolvidas por outros pesquisadores. No entanto, o pesquisador mais atrelado ao tema é Victor Turner<sup>60</sup> (1974), que iniciou seus trabalhos sobre ritos na década de 60.

Turner (1974) dedicou boa parte de seus esforços intelectuais ao entendimento das simbologias implícitas nos rituais e deu grande contribuição ao entendimento das práticas rituais, refinando a noção de liminaridade, a fim de elaborar, a partir dela, o conceito de *communitas*<sup>61</sup>.

De acordo com a teoria do autor, ao longo da vida do indivíduo, ocorrem diversas transições que exercem influência no molde de sua existência na sociedade. Para progredir em cada etapa das transições, o indivíduo deve atender a certos requisitos que evidenciam sua prontidão para enfrentar tais momentos importantes. Van Gennep (2019) faz uma analogia muito precisa para descrever tal processo:

Toda sociedade geral pode ser considerada como uma espécie de casa dividida em quartos e corredores, com paredes tanto menos espessas e portas de comunicação tanto mais largas e menos fechadas quanto mais esta sociedade se aproxima das nossas pela forma de sua civilização. Entre os semicivilizados, ao contrário, estes compartimentos são cuidadosamente isolados uns dos outros, e para passar de um ao outro são necessárias formalidades e cerimônias que apresentam a maior analogia com os ritos de passagem material (GENNEP, 2019, p. 41).

---

<sup>59</sup>Charles-Arnold Kurr van Gennep foi um antropólogo alemão, conhecido por suas descobertas sobre os ritos de passagem, mas também contribuiu muito no campo do folclore europeu, propondo a substituição da orientação histórica e de busca das origens por uma abordagem etnográfica comparativa.

<sup>60</sup>Victor Witter Turner Glasgow foi um antropólogo britânico, reconhecido por seu trabalho com símbolos, rituais e ritos de passagem.

<sup>61</sup>Victor Turner (1974), concebe a liminaridade como condição social efêmera vivenciada por sujeitos temporariamente situados fora da estrutura social, dando origem ao que ele denomina *communitas*, isto é: uma forma de antiestrutura constituída pelos vínculos entre indivíduos ou grupos sociais que compartilham uma condição liminar em momentos especificamente ritualizados. Os sujeitos liminares agrupados pela *communitas* são marcados pela submissão, silêncio e isolamento, considerados como tábula rasa em relação à nova posição social a ser assumida após a conclusão do ritual de passagem. O autor opta pelo termo latim *communitas* à noção de comunidade, de modo a não conferir circunscrição espacial aos vínculos entre os sujeitos liminares, já que o caráter de antiestrutura da *communitas* está baseado em relações sociais, e não em pertencimentos territoriais.

Para Gennep (2019), a prevalência de um rito sobre o outro variará de acordo com a passagem à qual se vinculam:

O esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles, quer no grau de elaboração que apresentam [...], mas quer se trate de coletividades, quer de indivíduos, o mecanismo é sempre o mesmo, a saber, parada, espera, passagem, entrada e agregação (GENNEP, 2019, p. 36; 43).

No período pré-liminar, haveria uma espécie de morte simbólica da vida anterior do indivíduo. Logo depois, ele ficaria em uma espécie de limbo, afastado da sua comunidade e das estruturas existentes para, ainda depois, ressurgir em um novo contexto e em uma nova condição simbólica. Vejamos, a seguir, um quadro esquemático que se apresenta as especificidades de cada uma destas etapas:

Cabe agora apresentarmos o conceito de liminaridade, uma vez que, conforme apresentado anteriormente, o jovem em estado liminar é um dos pontos desta pesquisa. No período liminar, segundo Turner (1974), o indivíduo deixa de fazer parte da estrutura, encontrando-se em uma antiestrutura, pois está à margem. Ademais, há uma ruptura do seu estado anterior, quer seja nas instituições, quer em suas relações familiares ou quer seu papel social.

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais (TURNER, 1974, p. 117).

Importante analisar que, no estado liminar, existe uma espécie de separação momentânea entre o indivíduo e suas relações existentes e as instituições, a exemplo da família primária, acontecendo um distanciamento gradual e a não participação momentaneamente delas, pois o indivíduo está “fora do tempo” (TURNER, 2012, p. 219). Os papéis sociais estão como que em um estado de “suspensão”, e o “roteiro”, que deveria fazer uso ao longo dele, é, nesse momento, abandonado. Turner (1974) explica a função desse momento liminar:

O neófito na liminaridade deve ser uma tábula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo status [...] É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade (TURNER, 1974, p. 127).

Turner (1974) afirma que, no período liminar, o indivíduo fica à “deriva”, pois ele perde tudo aquilo que, em tese, dava razão à sua vida. É um momento de profunda fragilidade, e essa condição frágil será rompida apenas mediante a ação da sociedade, pois é ela que irá resgatá-lo desse estado pelos seus ritos.

Pode se dizer que, em geral, os ritos de passagem são levados a cabo quando algo novo se inicia e são celebrações que marcam mudanças de status de uma pessoa no seio de sua comunidade. Os ritos são realizados de diversos modos, dependendo da situação celebrada, desde rituais místicos ou religiosos até assinatura de papéis. Os ritos de passagem, ou iniciação, estão geralmente envolvidos com a cultura e a religião do indivíduo.

Os ritos possuem uma simbologia muito forte e são de extrema importância na vida do homem em sociedade, nascimento, batismo, primeiro emprego, aprovação no Enem, formatura, casamento, parto e morte são alguns exemplos de muitos ritos de passagem. São celebrações que marcam mudanças de *status* de uma pessoa no seio de sua comunidade. Assim, a vida do indivíduo abrange um processo contínuo e sucessivo de rituais de passagem, que podem ser constatados no desmame, no término da infância e no início da adolescência, ou do climatério das mulheres<sup>62</sup> e demais passagens vitais. São intrínsecos à natureza humana, do nascimento à morte.

Estes acontecimentos são, em sua maioria, acompanhados de atos especiais que marcam o indivíduo, dando condições de transpor e iniciar uma nova fase na sua existência.

Os ritos de passagem marcam transições definitivas e definidoras de rumos. Mais que exigências culturais, ainda são exigências da construção e da afirmação da identidade humana frente ao que o mundo apresenta. Diante deles, somos chamados a nos posicionar, a fazer escolhas e a agir com coragem na direção de algo novo, abandonando uma margem, muitas vezes, segura e conhecida.

Turner (1974) abordou a transição da vida infantil para a adulta através dos ritos de passagem, que apresentam um padrão comum constituído por três fases: separação, liminaridade e agregação. A primeira fase é o momento em que o indivíduo sai do seu estado anterior, desagregando do grupo primário (família). Já a fase liminar é o momento entre o estado anterior e o estado posterior e é cheia de ambiguidade e antagônica. Por

---

<sup>62</sup> Climatério é o período de transição em que a mulher passa da fase reprodutiva para a fase de pós-menopausa, que é a última menstruação e um fato que ocorre durante o climatério.

fim, a agregação marca o começo do novo estado, como emprego, casamento, ou nascimento de um filho.

Em outras palavras, a separação engloba um comportamento simbólico que significa a disjunção do indivíduo em relação ao grupo primário, ou de um ponto fixo na estrutura social à qual ele pertencia. Na fase liminar, por sua vez, o estado do sujeito ritual é ambíguo, pois está em um ponto com poucos ou nenhum dos atributos do estado anterior e do futuro. Já na terceira fase, a passagem é consumada. O sujeito ritual está novamente em uma situação estável e tem direitos e obrigações de um tipo “estrutural” e claramente definido. Contudo, o momento fundamental no desenvolvimento do jovem é o período liminar, pois é aqui que o indivíduo enfrenta maiores dificuldades, uma vez que é a passagem de um *status* a outro, o jovem é e não é ao mesmo tempo um estado flutuante do ser. Não tem *status*, nem posições, e isso acaba gerando um sentimento de indefinição e, com isso, ansiedade, medo e angústia.

Turner (1974) concebe a ideia de liminaridade como correspondendo a uma espécie de processo transitório de “morte” social para, em seguida, “renascer” e se reintegrar à estrutura social. Liminaridade, para ele, é uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um lugar indefinido, no qual não é possível categorizá-los plenamente.

#### 4.1 A LIMINARIDADE NA ERA DIGITAL

Conforme nos ensinou Turner (1974), os rituais de passagem comportam um afastamento da estrutura social por parte do indivíduo e, em seguida, um retorno, com um novo *status*. Turner (1974) relata que a liminaridade<sup>63</sup> pode ser comparada à morte, estado em que os seres liminares são indivíduos que não possuem nenhum *status*. Ou seja, para a troca de *status*, o sujeito é, primeiro, afastado da estrutura social, como se morresse ou deixasse de existir na posição que ocupava na sua sociedade. Ocorre, então, um processo liminar, em que ele está fora da sociedade e fica desprovido de *status* social. Só depois de

---

<sup>63</sup> Liminaridade é um estado subjetivo, de ordem psicológica, neurológica ou metafísica, consciente ou inconsciente, de estar no limite ou entre dois estados diferentes de existência. Assim é definido nas teorias antropológicas sobre os rituais, como o definem autores como Arnold van Gennep(2019) (*Ritos de Passagem*) e Victor Turner 1974 ("Liminaridade e Communitas", em *O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura*). Este estado é usado para distinguir situações fronteiriças ou limítrofes de possessão existentes nos rituais ou de trânsito entre estas situações.

passar por este processo de separação se agrega a um novo grupo. E o indivíduo volta a ser integrado na estrutura social, ocupando agora uma nova posição, como se renascesse.

Para Turner (1974), a fase liminar é uma etapa intermediária entre o distanciamento e a reaproximação do indivíduo com a sociedade, que transita em fases ambíguas. Nesse sentido, uma particularidade importante no período liminar é o fato de que os jovens têm necessidade de buscar aceitação e influência social, mudando drasticamente seu estilo e personalidade para poderem fazer parte de um grupo e serem aceitos, “agregados”.

Com isso, os ritos de passagem delimitam o período em que a criança abandona seu universo, que até então é identificado como infância, e passa a ser um adolescente, pronto a assumir seu papel no mundo dos adultos. A adolescência é uma fase de transição com importantes transformações e perdas, em que o ritual de passagem se faz necessário para a elaboração dessas mudanças, responsáveis pela organização de uma nova identidade.

Conseqüentemente, enquanto busca por sua própria identidade como adulto, o adolescente interage com novos grupos sociais e explora novas normas, valores e comportamentos. A busca por independência em relação aos pais é um caminho para o desenvolvimento pessoal e subjetivo. Na prática, a transição para a tão desejada vida adulta envolve um processo de autoconhecimento, desenvolvimento da autoestima e colaboração mútua.

Nesta fase, se percebe uma mudança nos relacionamentos familiares, havendo mudanças nos relacionamentos com a família. Os indivíduos oscilam de relacionamento estável, aceitando conselhos dos pais, a instável, por não aceitarem as normas impostas pela família. Este comportamento é característico, pois o adolescente, ao mesmo tempo em que deseja a sua almejada independência, necessita de orientação dos pais e das demais instituições, como a escola.

À medida que se aproximam da fase adulta, muitos jovens começam a desenvolver preocupações acerca da responsabilidade total pelos seus atos. Fatores biológicos, emocionais e sociais também influenciam e interferem no desenvolvimento e na formação da personalidade nessa fase.

Como resultado, é comum haver uma busca intensa pela identidade, afirmação e novas experiências, além de sentimentos muito intensos e impulsividade. Este período pode ser considerado uma transição, em que o vínculo com o grupo primário começa a desaparecer e pode dar lugar a um período de isolamento.

Nessa etapa, alguns jovens que vivem este processo de busca e agregação a um novo grupo, por vezes, acabam sendo incapazes de compartilhar suas angústias, medos e

sofrimentos, não conversam, logo acumulam para si próprios ainda mais sofrimento e dor, levando-os a ter pensamentos depressivos, sendo incapazes de gerir essas emoções, o que pode levar ao acúmulo de sofrimento e à incapacidade de gerenciar emoções, resultando em pensamentos depressivos e ansiedade.

Durante a adolescência, os jovens buscam descobrir seu papel na sociedade em que vivem. Esta nova fase de transição traz consigo a experiência de novas relações interpessoais ao interagir com um grupo de iguais. É um momento crucial em que a criança dá lugar ao adulto. Nessa fase, é essencial que as instituições, como a família, o Estado e a igreja, entendam a transição, compreendam os anseios do indivíduo para que possam estar presentes e ofereçam apoio e orientação aos adolescentes, a fim de que transitem por esta quadra com o mínimo de cuidado e segurança.

Pois, como já dito anteriormente, este período de instabilidades no qual os jovens estão imersos cria sentimentos de insegurança, confusão, medo e incompreensão por parte da família, o que, inclusive, pode levar a problemas de relacionamentos dos jovens com as pessoas mais próximas do seu convívio social.

Além da pouca compreensão por parte das instituições sobre este período, os jovens modernos lidam com esta transição em um novo ambiente, sem fronteiras, ou regras, conhecido como ciberespaço. Neste ambiente virtual de socialização, o indivíduo enfrenta o desafio de passar por um processo de transição entre grupos, deixando o grupo primário e ingressando em um novo grupo. E isso representa um grande desafio para os jovens contemporâneos.

O jovem é um indivíduo vivendo sempre uma condição de vida, de trabalho, de classe, de linguagem, de cultura etc., e quando nos aprofundamos em suas questões, suas referências e dificuldades, as diferenças estreitam-se consideravelmente e evidencia-se o fato de a juventude ser uma condição transitória que oscila entre dois extremos. Por um lado, uma autonomia superior àquela que usufruía na adolescência, o que dá a ela a percepção de ser capaz de resolver uma quantidade enorme de problemas individuais e de enfrentar desafios sociais. Por outro, manifesta, a angústia de não poder levar adiante todas essas ambições; quando reconhece o limite que lhe é imposto, tanto pela família quanto pela sociedade (PONTE, 2006, p. 2).

Em tempos em que a tecnologia ocupa um espaço crescente na vida do homem, nos deparamos com uma geração de jovens cheios de nada, ou seja, imersos em uma sensação de vazio e superficialidade, experimentada por eles atualmente, como se suas vidas fossem marcadas por um consumo excessivo de tecnologia e redes sociais, sem, com isso, trazer satisfação ou realização verdadeira. Eles têm menos contato com seus próprios

pensamentos e emoções e são mais propensos a idolatrar imagens fabricadas de felicidade e sucesso, em vez de explorar seu verdadeiro potencial interior. Isso resulta em uma sensação de falta de propósito e significado em suas vidas, ou seja, uma falta de substância em suas experiências diárias, como aponta Turkle (2011).

A vida do jovem *Alpha* se transformou em *like*, compartilhamento e ostentação de permanente felicidade. Tudo isso fomentado pela sociedade de consumo e o lugar do ter. A contemplação se tornou secundária e houve um esmagamento da interioridade humana, promovida em especial pelo mundo “virtual”. Ele está inserido em um mundo permanentemente conectado, universo onde a presença física é desnecessária e banal, e as pessoas próximas são ignoradas e secundarizadas.

A experiência passou a ser mediada pelas redes sociais, uma “gaiola dourada”, onde o jovem procura um “você não está sozinho!”, “venha por esse caminho!”, buscando um quadro de orientação e um mapa de planejamento futuro. O jovem se depara com o mundo a sua frente, ele está livre para fazer suas escolhas, mas também será responsável pelas suas consequências. Estará esse jovem preparado para lidar com os fracassos? Para enfrentar um mundo com tantas possibilidades? Será ele tão feliz como todos os seus amigos do *Facebook* e *Instagram* são? Isso é angustiante e perturbador<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Esta afirmação é uma síntese de leituras de autores como: Zygmunt Bauman (2014), Anthony Giddens (2001), e Sherry Turkle (2011), entre outros. Todos abordam, em suas obras, como a tecnologia e as redes sociais têm influenciado a forma como as pessoas se relacionam e experimentam o mundo, assim como as questões referentes à individualidade, autoimagem e felicidade. Alguns deles destacam os efeitos negativos da cultura de exposição e de comparação constante, que pode gerar ansiedade, solidão e insatisfação com a própria vida.

## V - AS METAMORFOSES DA FAMÍLIA

Por vezes, é comum pensarmos na família como algo natural e histórico, como se a ideia de família como um grupo social tivesse uma estrutura fixa e sempre existisse da mesma forma ao longo da história da sociedade. Contudo, a família é um sistema complexo que está diretamente ligado aos processos de transformação histórica, social e cultural. Sendo assim, apresenta um contínuo processo de modificação, o que implica alterações em sua composição e dinâmica.

A família é a história, e a história da família se mistura à própria história das sociedades, pois foi e é objeto de estudo e investigação de diferentes campos do conhecimento, em especial das ciências humanas e sociais.

Com base no pensamento de autores como Emile Durkheim (2007) e Lévi-Strauss (2012), a família, possivelmente, é a principal instituição social, responsável pela transmissão dos padrões culturais e sociais às novas gerações, cabendo a elas a irradiá-la. Pela socialização primária, a família ensina normas, valores, crenças e comportamentos importantes para a adaptação e sucesso de qualquer um na sociedade. Além disso, desempenha muitos outros papéis importantes, como o apoio emocional e financeiro, o cuidado e a proteção, a transmissão da sua identidade e história, entre outros. Embora a estrutura familiar varie em diferentes culturas e sociedades, sua importância como uma instituição social permanece universal.

Sintetizando o pensamento de Durkheim (2007), a família é considerada uma instituição social porque desempenha papéis fundamentais no desenvolvimento da personalidade de seus membros, fornecendo suporte emocional, financeiro e social. Na maioria das culturas, a família é responsável pela socialização das crianças para que elas se tornem membros produtivos da sociedade.

Embora a estrutura familiar possa variar de uma cultura para outra, sua importância permanece universal. Mesmo em sociedades onde é comum ter estruturas familiares mais amplas, como as comunidades tribais, a família é um pilar fundamental da organização social. Em sociedades ocidentais, por exemplo, a estrutura familiar mais comum é a nuclear, que consiste em pais e filhos. No entanto, mesmo nessa estrutura, as funções da família como instituição social continuam a ser relevantes.

Além do mais, embora não possamos determinar o momento preciso em que se iniciou a vida em família, não podemos negar que a função reprodutiva e protetora

desempenhada pela instituição foram essenciais para a existência da humanidade. De fato, a reprodução biológica da espécie não é suficiente para garantir a propagação, o desenvolvimento e a socialização do homem, portanto, é indispensável que ocorra a transmissão geracional por meio da família.

É importante, antes de adentrar na discussão sobre a transformação nas relações familiares e suas consequências, que se faça uma brevíssima análise da histórica desta instituição. A família é a instituição formadora da primeira identidade social e uma das instituições responsáveis pela formação e pela preparação das crianças para participar da vida social, transmitindo-lhes os papéis, os valores e as normas sociais.

O conceito de família tem uma longa história e evoluiu ao longo do tempo, em diferentes culturas e sociedades. Acredita-se que a família seja uma das instituições sociais mais antigas e fundamentais da humanidade. De acordo com Pereira (2008, p. 43):

A família é considerada a instituição social básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1984, refere a família como o elemento de base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros.

Há diversos autores que defendem esta afirmativa. Por exemplo, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (2012) e o sociólogo Émile Durkheim (2007) destacaram a importância da família como uma instituição social fundamental para a organização da sociedade e para a transmissão de valores culturais. Já o sociólogo Talcott Parsons (1973) enfatizou a função da família como um sistema de orientação e cuidado dos filhos e ainda como uma instituição que contribui para a estabilização emocional do indivíduo.

O tema da família surgiu em conexão com a política no pensamento de Aristóteles, em *Na Política* (2007), em que apresenta uma explicação da *polis* (cidade) como sendo uma agregação de várias associações menores, das quais a base é a família. Segundo o filósofo grego, a polis, antes de ser um agrupamento de poderes, de instituições e de leis, era uma associação de famílias. Esta era a compreensão aristotélica da cidade, “uma reunião de famílias”. Na Grécia Antiga, as crianças dependiam do Estado, que retinha sob seu controle o destino da vida do indivíduo. Nesta sociedade, o período da infância era desvalorizado e completamente ignorado. Logo ao nascer, as crianças eram submetidas a um rigoroso exame que envolvia diversos profissionais para determinar se valia a pena ou não permitir que elas sobrevivessem. Além disso, eram lavadas com vinho para avaliar sua resistência. Os bebês que eram considerados "fracos ou defeituosos" eram

abandonados em casas de enjeitados ou nas ladeiras do Monte Taigeto<sup>65</sup> para enfrentar um destino incerto e hostil nos quartéis. Caso conseguissem sobreviver, teriam que lidar com uma alimentação precária e sem nenhum tempero, como o caldo preto da comida coletiva. Pais preparavam seus filhos para a guerra, enquanto as mulheres eram destinadas a gerar prole, repassando tal preceito a suas filhas.

A concepção e a estruturação da família variam em diferentes países e continentes, cada um com sua própria peculiaridade, tradições e costumes. No Egito Antigo, o casamento entre irmãos era aceito como forma de assegurar a pureza do sangue da família do faraó. Na China, por outro lado, o casamento entre parentes era proibido, incluindo parentes em distintos graus de parentesco.

O conceito de família natural, que ganhou forma no Direito Romano, foi adotado pela Igreja Católica, que transformou o casamento na única possibilidade para formação de uma família cristã. Para a Igreja, a família deveria ser formada por duas pessoas de sexos diferentes.

A família romana, por sua vez, era um corpo social totalmente distinto daquilo que conhecemos hoje, diferente da família natural no sentido moderno. Ela era patriarcal, ou seja, toda a autoridade era delegada ao homem, ao pai. A família romana era uma junção de tudo aquilo que estava sob o poder do *pater familias*, sendo uma família mais ampla que a família atual, onde o casamento não marcava o início de um núcleo familiar, assim como também aqueles que se casavam não eram desconectados da família de origem. A palavra família englobava todos aqueles que viviam sob a autoridade do *pater familias*<sup>66</sup>, crianças e adultos, homens e mulheres, livres e escravos. Os romanos empregavam também a palavra *domus* (casa), que representava todos os que moravam em uma mesma habitação. Em Roma, existiam três estruturas distintas:

---

<sup>65</sup> O Monte Taigeto é uma cordilheira localizada na região do Peloponeso, no sul da Grécia. Na Antiguidade, acreditava-se que era o lar de diversas divindades da mitologia grega e era considerado um lugar sagrado. No contexto mencionado no parágrafo, o Monte Taigeto era o lugar para onde as crianças consideradas “fracas e defeituosas” eram lançadas, ou seja, abandonadas à própria sorte em uma região inóspita. A ideia é originária de lendas e mitos antigos da Grécia, que relatavam algumas práticas brutais de seleção e abandono de crianças que ocorriam na região do Monte Taigeto.

<sup>66</sup> *Pater familias* era o mais elevado estatuto familiar (*status familiae*) na Roma Antiga e sempre uma posição masculina. O termo é latino e significa, literalmente, "pai de família". A forma é irregular e arcaica em latim, preservando a antiga terminação do genitivo em *-as*. O termo *pater* se refere a um território ou jurisdição governado por um patriarca. O uso do termo no sentido de orientação masculina da organização social aparece pela primeira vez entre os hebreus no século IV para qualificar o líder de uma sociedade judaica. O termo seria originário do grego helenístico para denominar um líder de comunidade. A palavra pátria é derivada deste termo. Pátria relaciona-se ao conceito de país, do italiano *paese*, por sua vez originário do latim *pagus*, aldeia, de onde também vem pagão. Pátria, patriarcado e pagão têm a mesma raiz.

- i- a família nuclear, a tríade pai-mãe-filho;
- ii- a família ampliada, várias gerações que coabitavam sob a autoridade do patriarca.
- iii- a família múltipla, que congregava pessoas e outras famílias nucleares unidas por contratos de casamento.

O patriarca (*pater familias*) era o primeiro do lar, por isso desempenhava todas as funções religiosas, econômicas e morais que fossem necessárias, e os bens materiais pertenciam somente a ele. Com isso, a representação familiar romana era simbolizada pelo pai, e todo poder atribuído a ele se extinguiu somente com a sua morte. Sendo o homem o senhor do lar, a mulher romana não tinha o papel de senhora do lar, pois ela era considerada parte integrante do homem. O casamento tinha como principal propósito gerar um herdeiro legítimo e dar continuidade às famílias.

Estas características de formação e hierarquia na família romana perduraram ao longo da história. Contudo, durante os séculos XVI e XVII, a família experimentou grandes modificações em sua estrutura. Ao longo da Idade Média, na Europa, o conceito de família foi fortemente influenciado pelo Cristianismo, que enfatizava a importância do casamento e da formação de uma família nuclear, composta por um marido, uma esposa e seus filhos

Durante a Revolução Industrial, a estrutura familiar sofreu mudanças significativas em decorrência da urbanização e da separação entre trabalho e casa, o que levou a transição de famílias extensas para famílias nucleares. De acordo com Áries (1981), a sociedade industrial foi responsável por importantes transformações na dinâmica familiar, principalmente por causa das mudanças nas relações de trabalho, da escolarização das crianças e da influência da tecnologia no cotidiano das pessoas. A industrialização, associada à concentração da população nos centros urbanos, provocou impactos profundos no processo de trabalho, no ambiente laboral, na composição do grupo familiar e nas relações entre seus membros. Nessa perspectiva, no período industrial, um retraimento e uma diminuição da quantidade de membros da família são identificados.

Ao contrário do que facilmente era encontrado em outro período histórico, na Idade Média, por exemplo, na Modernidade, as famílias são constituídas por avós, tios e netos vivendo em um mesmo espaço. São organizadas pela presença de um chefe, dão lugar a um ambiente mais intimista e ocupado por menos indivíduos. Estas alterações acabaram por redefinir a família, que passa a ter uma nova face. A mulher passou a

desempenhar um papel diferente no âmbito familiar devido às mudanças econômicas que lhe permitiram assumir novas funções na sociedade.

Quando a industrialização caminhava ainda lentamente, as mulheres, em sua maioria, exerciam o papel de administração do lar. Ou seja, eram responsáveis por cuidar dos filhos e da casa, por sua vez, os maridos tinham a incumbência de serem os provedores da família. No entanto, em consequência da urbanização, da intensa industrialização e da entrada da tecnologia durante as duas grandes guerras, as mulheres entraram em massa no mercado de trabalho, passando, então, a se dedicar a uma dupla jornada com o intuito de ajudar o marido no sustento da família, começando a realizar tarefas antes específicas do homem.

Com isso, a família ganha novos contornos, foram diversas as necessidades que levaram a mulher a ser introduzida no mercado de trabalho, o que fez com que se tornasse peça importante no provimento financeiro da família. Tal fato promoveu o afastamento precoce dos filhos do convívio familiar, fazendo com que o núcleo familiar dividisse com a escola o compromisso de educar.

O efeito da massiva integração da mulher no mercado de trabalho gerou impacto negativo na educação familiar, ou seja, na educação dos filhos. A mãe, que era a principal cuidadora, educadora e orientadora dos filhos, passou a ser uma funcionária em alguma empresa. Nessa empresa ou mesmo em alguma casa de família, a mãe passa em torno de oito ou mais por dia trabalhando. Deixa sua casa geralmente às 7h da manhã e só retorna no fim da tarde, por volta das 18 horas. O marido, por sua vez, também sai para trabalhar. Este novo contexto criou uma necessidade de organização para cuidar dos filhos. O apoio dos avós, dos filhos mais velhos, das vizinhas, de babás e de escolas se tornou necessário.

## 5.1 NOVAS FORMAS DE FAMÍLIA E A TERCEIRIZAÇÃO DOS FILHOS

Os novos arranjos familiares são de grande importância no nosso estudo, pois nasceram a partir das mudanças sociais e pessoais que alteraram o conceito de família e a forma com que crianças e jovens vêm enfrentando os novos ambientes e formatos sociais.

Na contemporaneidade, uma pluralidade de opiniões, possibilidades e modos de conceber e construir família é identificada e origina um curioso coexistir de formas familiares no espaço social. Na evolução da sociedade, foi possível assistir à constituição de distintas configurações familiares. Famílias monoparentais, homoafetivas, mosaico,

paralelas e outros modelos familiares reconhecidos e identificados socialmente, que possuem características peculiares no cenário cultural contemporâneo.

A instauração da família moderna tem como característica marcante as suas estruturas. É cada vez mais comum encontrar famílias monoparentais, constituídas apenas por mãe e filhos, ou pai e filhos. Geralmente, as famílias monoparentais são chefiadas por mulheres, quando não, as avós assumem essa função.

Atualmente, a família contemporânea se caracteriza por uma mudança significativa nas funções atribuídas aos gêneros. No passado, nas famílias nucleares, havia uma divisão clara de tarefas, em que os homens eram responsáveis pelo sustento da casa, enquanto as mulheres cuidavam do lar e dos filhos. No entanto, hoje em dia, essa divisão não funciona da mesma maneira. Tanto os homens quanto as mulheres participam das responsabilidades relacionadas ao cuidado dos filhos e, também, trabalham fora.

Esta mudança tem sido impulsionada por uma série de fatores, sendo um deles o divórcio. Apesar da separação dos pais, os vínculos familiares permanecem. Contudo, muitas vezes ocorre um distanciamento entre pais e filhos, resultando em menos tempo passado com um dos pais e, muitas vezes, a necessidade de cuidados fornecidos por terceiros.

No passado, a família era tradicionalmente constituída apenas pelo casamento, e o divórcio era algo possível, mas pouco comum. Naquela época, priorizava-se a importância do patrimônio familiar em detrimento do bem-estar e da autonomia dos membros da família. No entanto, atualmente, a instituição do casamento perdeu importância quando se busca criar uma família. As pessoas valorizam cada vez mais a felicidade individual, a igualdade de gênero e a capacidade de se adaptar aos diferentes arranjos familiares. Isso resulta em uma maior participação de ambos os pais nas tarefas de cuidado dos filhos e no equilíbrio entre trabalho e vida familiar.

Em resumo, a família contemporânea mostra uma mudança significativa nas funções de gênero, em que homens e mulheres dividem as tarefas relacionadas aos filhos e ao trabalho fora de casa. Além disso, o divórcio e a valorização do bem-estar individual têm influenciado a formação de diferentes arranjos familiares, onde a felicidade e a autonomia são priorizadas em relação ao patrimônio familiar. Hoje:

(...) o pai identificado nem sempre é o marido da mãe ou coabita com seus filhos. Encontramos um número significativo de famílias monoparentais femininas, ou seja, a família constituída pela mulher com seus filhos. Nas famílias reconstituídas, encontramos a presença de um homem que nem sempre é o pai biológico de todas as crianças e, algumas vezes, também não é investido de um lugar simbólico de autoridade frente aos filhos de sua mulher.

A nova família não pode mais retroceder ao modelo hierárquico patriarcal. Parece que, cada vez mais, ela se aproxima do modelo das relações igualitárias entre gêneros e gerações, no entanto as fronteiras entre esses dois modelos ficaram borradas (MOREIRA, 2011, p. 164).

As transformações vivenciadas pela família impactaram diretamente as dinâmicas entre pais e filhos. A educação passou a incorporar aspectos afetivos, resultando em regras disciplinares mais flexíveis para crianças e adolescentes e, por vezes, na falta de referências claras de conduta. Conseqüentemente, as alterações nas estruturas familiares podem gerar mudanças nas expectativas e na distribuição de papéis no seio familiar, o que pode causar conflitos e tensões. Por exemplo, a separação ou o divórcio dos pais pode requisitar um novo tipo de convivência e requerer uma adaptação dos papéis e responsabilidades dos pais e filhos, o que pode dificultar a construção de vínculos afetivos duradouros.

Por isso, é fundamental reconhecer que as transformações na esfera familiar são capazes de influenciar de maneira expressiva os laços entre pais e filhos. Nesse sentido, é importante encontrar formas saudáveis e construtivas para lidar e compreender essas mudanças.

A família contemporânea esbarra em várias conseqüências desencadeadas pela desintegração dos valores, como a falta de disciplina, que gera insegurança. Hoje, frente aos avanços no mundo moderno e à aceleração social<sup>67</sup>, é mais difícil para os pais estabelecerem diálogo com seus filhos. E esta dificuldade acontece devido aos avanços no mundo moderno e à uma aceleração social, baseada em várias mudanças que ocorreram na sociedade contemporânea.

Por exemplo, a tecnologia e a mídia social tornaram-se muito presentes na vida dos jovens, muitas vezes ocupando grande parte do seu tempo e atenção. E, isso pode dificultar a comunicação cara a cara entre pais e filhos, especialmente se os pais não

---

<sup>67</sup> A tecnologia tem causado uma aceleração social em diversos aspectos. Em primeiro lugar, a comunicação se tornou muito mais rápida e eficiente, permitindo que as pessoas compartilhem informações, ideias e opiniões instantaneamente. As redes sociais facilitam o contato entre pessoas de diferentes partes do mundo, criando conexões e possibilidades de colaboração. Além disso, a tecnologia também tem mudado a forma como as pessoas realizam tarefas cotidianas, tornando-as mais eficientes e permitindo que sejam realizadas em menos tempo. Por exemplo, a internet e os *smartphones* permitem que as pessoas trabalhem de forma remota, economizando tempo e deslocamento. Sociedade acelerada pode ser definida como uma sociedade que está em constante movimento e evolução, caracterizada pela rapidez das transformações sociais, tecnológicas, culturais e econômicas. É uma sociedade que valoriza a eficiência, a produtividade e a facilidade de acesso às informações e serviços. No entanto, a aceleração também pode causar estresse, ansiedade, desigualdades e impactos ambientais negativos. Um dos sociólogos que colaboram com essa ideia é Hartmut Rosa (2005), sociólogo alemão que desenvolveu a teoria da aceleração social, que afirma que a aceleração é um dos traços fundamentais da sociedade moderna e que está relacionada a diversos problemas, como desorientação, desorientação temporal e perda de autonomia, além de Bauman (2014).

estiverem familiarizados com as mesmas tecnologias e interesses. Além disso, a aceleração social e a crescente complexidade do mundo moderno podem levar os jovens a enfrentarem desafios e pressões que os pais têm dificuldade em compreender e abordar. Um exemplo: questões relacionadas à liminaridade no espaço virtual e às influências que os filhos podem estar sofrendo enquanto estão dentro dos seus quartos.

Uma ideia que precisa ser mais discutida nesta pesquisa é como a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que antes eram responsáveis pela criação e educação dos filhos, gerou uma mudança no conceito de família. Historicamente, as mulheres eram vistas como as principais cuidadoras e responsáveis pelo lar, enquanto os homens eram responsáveis pelo sustento financeiro da família através do trabalho fora de casa. Este modelo de família tradicional foi predominante em diversas sociedades durante muitos séculos. Entretanto, com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, o modelo começou a mudar. As mulheres passaram a ter mais oportunidades de trabalho e a serem vistas como capazes de desempenhar funções que antes eram consideradas como sendo apenas para homens. Isso significou que muitas mulheres precisavam equilibrar suas responsabilidades no trabalho com a criação dos filhos e as tarefas domésticas. A eventual sobrecarga de um dos genitores reforçou a necessidade de a família encontrar outros apoios para compartilhar o cuidado dos filhos. E, quando um dos genitores está sobrecarregado, isso pode afetar a dinâmica familiar e a qualidade da educação dos filhos.

Sabemos que muitos pais precisam trabalhar, mas é inegável que sua ausência acarreta prejuízos para o desenvolvimento dos filhos. Atualmente, como função das demandas profissionais dos adultos e com a dedicação de homens e mulheres ao desempenho profissional, muitas famílias acabaram por terceirizar a educação dos filhos.

## 5.2 A TERCEIRIZAÇÃO DOS FILHOS

Adicionalmente, a terceirização dos filhos ou externalização parental<sup>68</sup> é um termo que tem sido utilizado para designar o fenômeno da transferência dos cuidados dos filhos para terceiros.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> A externalização parental refere-se a um fenômeno em que os pais transferem a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos para outras pessoas ou instituições. Isso pode ocorrer por uma série de razões, como a falta de tempo ou envolvimento por parte dos pais, pressões financeiras, necessidade de trabalho, problemas familiares, ou até mesmo falta de habilidade para lidar com os desafios da criação dos filhos. A externalização parental pode envolver o uso de creches, babás, avós, instituições de ensino ou programas de assistência governamentais, por exemplo.

<sup>69</sup> Vários pesquisadores afirmam que a terceirização dos filhos é um termo utilizado para descrever a transferência dos cuidados dos filhos para terceiros. Algumas pesquisas mais relevantes nessa área incluem: Rosana Heringer (2003) – *A terceirização dos filhos: Um desafio para a educação e o cuidado infantil*;

Os “terceiros” podem ser, por exemplo, tias, avós, babás, vizinhos, parentes e as instituições, aqui incluída a escola. Outra ferramenta utilizada na modernidade para “preencher” o tempo é o uso de *smartphones*, jogos digitais e mídias sociais. A criança acaba sendo criada e educada aprendendo valores e cultura de terceiros ou da mídia. E isso causa um grande impacto. Além disso, face ao anonimato fornecido pelas mídias, podem ocultar mentes criminosas que estão sempre à espreita de vítimas vulneráveis, como o caso de crianças e jovens que fazem uso ilimitado e irrestrito das mídias.

A história da terceirização dos cuidados e educação dos filhos é um reflexo das mudanças sociais, econômicas e culturais ao longo dos séculos. Desde os tempos mais remotos, as dinâmicas familiares e as responsabilidades parentais têm passado por transformações significativas, influenciando a maneira como as sociedades encaram a terceirização destas atividades.

A terceirização dos cuidados e educação dos filhos tem passado por uma revolução significativa, especialmente com o advento da televisão e, posteriormente, com o avanço tecnológico. A interação das famílias com a mídia eletrônica transformou as dinâmicas tradicionais de educação e cuidados infantis, criando oportunidades e desafios.

A chegada da televisão nas casas, especialmente a partir do final da década de 1940, trouxe uma mudança fundamental nas formas como as famílias interagem e cuidavam de seus filhos. A televisão se tornou um mediador entre os pais e as crianças, muitas vezes fornecendo entretenimento e educação em tempo ilimitado.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a televisão começou a ocupar um papel mais central nas vidas das crianças, com uma programação diversificada e direcionada para diferentes faixas etárias. Desenhos animados, séries e filmes passaram a fazer parte do cotidiano infantil, frequentemente ocupando parte significativa do tempo livre.

A evolução da terceirização dos cuidados e educação dos filhos com a televisão e a tecnologia tem sido marcada por oportunidades e desafios. Enquanto a mídia eletrônica oferece acesso a informações e recursos educativos valiosos, também levanta questões sobre a qualidade do conteúdo, o equilíbrio entre o tempo de tela e outras atividades, e os riscos potenciais à privacidade e segurança das crianças. A terceirização dos cuidados e

---

Ana Lúcia Machado (2012) – *Terceirização da educação e seus impactos na socialização infantil*; Maria das Graças Firmino Alves (2014) – *Terceirização do cuidado e educação das crianças: um estudo sobre famílias populares*, e Cíntia Lemos e Cláudia Pereira (2016) – *Terceirização dos cuidados com as crianças: reflexões sobre o envolvimento do pai na criação dos filhos*.

educação dos filhos com a televisão e a tecnologia trouxe uma transformação profunda na maneira como as famílias lidam com essas responsabilidades.

Outro impacto que assistimos na sociedade moderna são pais que, na tentativa de compensar a ausência, sentem-se compelidos a fazer todas as vontades dos filhos, criando pessoas autocentradas, que não sabem ouvir um “não”, esperando que todas as suas vontades sejam satisfeitas. São os pais que dão limites aos filhos, contudo, a criança terceirizada costuma não ter limites, e isso, no futuro, causará problemas com figuras de autoridade.

Dito em outras palavras, a afirmação acima se refere a uma realidade atual na sociedade em que muitos pais acabam por compensar a falta de tempo e atenção com seus filhos, oferecendo-lhes tudo que pedem e evitando conflitos ou frustrações. Ao fazer isso, eles acabam por criar uma situação prejudicial para o desenvolvimento saudável da criança, que não aprende a lidar com limites e regras, tornando-se egoísta e exigente.

Estamos caminhando para uma cultura onde as crianças são superprotegidas e terceirizadas, ou seja, elas são deixadas aos cuidados de terceiros, avós, babás ou escolas, perdendo a oportunidade de conviver com a família e compreender a importância dos valores e regras dentro do ambiente familiar. Como resultado, estas crianças podem se tornar adultos com dificuldades em respeitar figuras de autoridade, como pais e professores, e em lidar com as frustrações do dia a dia<sup>70</sup>. Ou seja, pais cansados do dia de trabalho chegam em casa e não querem ouvir gritos e birras oriundas de um “não”. Assim, fazem todas as vontades das crianças, incluindo o uso indiscriminado das tecnologias, como mídias sociais e jogos. Este procedimento se refletirá em seu comportamento egoísta e arrogante, em que não existe a valorização do outro e do respeito que se deve ter por todas as pessoas. Além disso, crianças e jovens livres, no ciberespaço, se tornam presas fáceis.

Outro ponto é o que diz respeito ao vínculo mãe-filho, imprescindível nos primeiros anos da criança. A interação da mãe com o filho através da amamentação, do contato com a pele, ou com a voz da mãe é, segundo Winnicott (1951),<sup>71</sup>, decisiva na

---

<sup>70</sup> Essa afirmação é uma visão geral sobre o comportamento parental e suas possíveis consequências. Não é baseada em uma pesquisa específica ou em pesquisadores que a defendem. No entanto, muitos especialistas em psicologia infantil e desenvolvimento humano concordam que uma superproteção excessiva pode ser prejudicial para o desenvolvimento saudável da criança. Alguns desses especialistas são Diane E. Papalia e Sally Wendkos Olds, autoras do livro *Desenvolvimento Humano*, e W. Huit e J. Hummel, autores de artigos em revistas especializadas em psicologia.

<sup>71</sup> Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês influente no campo das teorias das relações objetais e do desenvolvimento psicológico. Ele foi líder da Sociedade Britânica de Psicanálise Independente, e presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise duas vezes. As ideias sobre a importância

formação psíquica da criança, que demanda a presença materna quando está doente, na ida ao médico, na troca de fraldas, enfim, precisa se sentir amada e assistida em seus temores, mesmo aqueles inconscientes. A ausência deste vínculo pode acarretar sérios problemas ao longo da vida, inclusive distúrbios de personalidade.

É, portanto, certa a afirmativa de que a relação afetiva entre mãe e filho é extremamente importante e necessária durante os primeiros anos de vida da criança para o seu desenvolvimento emocional e cognitivo saudável. Nos primeiros anos de vida, as crianças estão em um período crítico de desenvolvimento e aprendendo a se relacionar com o mundo ao seu redor e a desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas importantes. Durante este período, o vínculo com a mãe é especialmente importante, visto que é por este relacionamento que a criança desenvolve uma base segura e confiável, a partir da qual pode explorar o mundo.

Quando a mãe atende às necessidades da criança, como alimentação, conforto e afeto, o infante começa a desenvolver um senso de confiança e segurança, fundamental para o desenvolvimento da autoestima, autoconfiança e habilidades sociais, importantes para a vida adulta. Portanto, a relação mãe-filho é de fundamental importância nos primeiros anos da criança, pois ajuda a estabelecer a base para o desenvolvimento emocional e cognitivo saudável.

Corroborar esta afirmativa John Bowlby (1980), psiquiatra e psicólogo britânico amplamente considerado como o fundador da teoria do apego<sup>72</sup>, que acredita que o vínculo entre a mãe e o filho é fundamental para o desenvolvimento emocional saudável da criança. Portanto, não causa espanto que a transferência de responsabilidade dos genitores para terceiros faça surgir no jovem um sentimento de abandono, de não ter importância, de não ter valor e, claro, de não ser amado seguido por uma grande necessidade de aceitação. Enfim, a terceirização dos filhos tem sido cada vez mais

---

do vínculo mãe-filho são uma das principais contribuições de Winnicott para a psicologia infantil e da família, presentes em muitos de seus escritos, mas talvez o artigo mais conhecido sobre o assunto seja *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (1951). Neste texto, Winnicott discute como a relação da criança com seu objeto transicional (um ursinho de pelúcia, um lençol etc.) é um reflexo de sua relação com a mãe, e como a capacidade de transitar entre o mundo interno e o externo (através do brincar, por exemplo) depende dessa relação primária. Outros textos importantes sobre o tema incluem *O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional* (1965) e *A Criança e o Seu Mundo* (1973).

<sup>72</sup> John Bowlby (1980) desenvolveu sua teoria do apego a partir de diversas pesquisas em psicologia do desenvolvimento e etologia (estudo do comportamento animal). Seu trabalho mais importante sobre o tema foi o livro *Apego e perda*, uma série de três volumes publicados entre 1969 e 1980. Nessa obra, ele apresenta a teoria e pesquisa que sustentam a ideia de que os seres humanos possuem uma "necessidade inata" de estabelecer laços afetivos com figuras significativas em suas vidas para garantir proteção, conforto e apoio emocional.

comum na sociedade atual, em que pais e mães passam longas horas dedicados ao trabalho e outros compromissos, sem ter tempo suficiente para cuidar e educar adequadamente seus filhos. Enquanto isso, os filhos, sem a supervisão adequada, ficam cada vez mais conectados e expostos ao ambiente virtual. Este cenário vem gerando uma série de riscos relacionados à exposição das crianças ao ciberespaço, onde elas podem ficar expostas a diversos perigos e conteúdo inadequado.

Um dos principais perigos do ciberespaço para as crianças é o acesso a conteúdo impróprio e violento que pode afetar negativamente o desenvolvimento mental e emocional delas. Estas exposições podem desencadear traumas e problemas em seus futuros desenvolvimentos e personalidades, sem falar nas consequências sociais que podem ser geradas a partir dessas situações. Além disso, a terceirização dos filhos tem levado muitas crianças e adolescentes a ficarem longas horas conectados nas redes sociais, o que pode levar ao *cyberbullying* e à exposição a conteúdos que fomentam o discurso de ódio, gerando a adoção de comportamentos preconceituosos e violentos.

Outro perigo associado à exposição ao ciberespaço é a possibilidade de se tornarem vítimas de criminosos virtuais, que podem utilizar as redes sociais para obter informações pessoais das crianças e adolescentes para manipulá-las. Esta situação é especialmente perigosa, pois, na maioria das vezes, os abusos passam despercebidos pelos pais e cuidadores devido à falta de supervisão adequada. Por fim, é importante destacar que a terceirização dos filhos pode levar a uma falta de comunicação saudável e interação entre pais e filhos, quebrando, com isso, a transição geracional.

### 5.3 BREVE HISTÓRICO DA EXTERNALIZAÇÃO PARENTAL E AS MÍDIAS DIGITAIS

Como já dito, o fenômeno da externalização parental refere-se ao processo em que os pais delegam a responsabilidade de criar e educar seus filhos a terceiros, como avós, parentes, creches ou babás. A prática tem se tornado cada vez mais comum nas últimas décadas por causa de uma série de mudanças sociais e econômicas.

Historicamente, o modelo tradicional de família, como já mencionado, consistia em um pai e uma mãe que assumiam a responsabilidade pela criação e educação dos filhos. No entanto, com o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e as demandas crescentes da vida moderna, muitos pais têm enfrentado dificuldades para equilibrar suas carreiras com seus papéis parentais.

O fenômeno pode ser atribuído a várias razões. Primeiramente, as pressões econômicas levaram muitos pais a buscarem empregos em tempo integral ou múltiplos empregos para sustentar suas famílias, resultando em menos tempo disponível para se dedicar aos filhos e, conseqüentemente, na externalização de suas responsabilidades parentais. Além disso, as mudanças nas estruturas familiares também contribuíram para o aumento da externalização parental. Com o aumento do divórcio e das famílias monoparentais, muitos pais têm que lidar com a criação dos filhos sozinhos, o que pode ser especialmente desafiador em termos de tempo e recursos. Portanto, eles, muitas vezes, recorrem a terceiros para ajudar no cuidado dos filhos.

O fenômeno da externalização parental, ou comumente chamada terceirização dos filhos, tem uma relação intrínseca com o avanço das tecnologias, como televisão, videogames e plataformas digitais. Desde o surgimento destas tecnologias, elas têm desempenhado um papel na externalização das responsabilidades parentais.

Ao longo do século XX, a televisão se tornou um dos principais aparelhos eletrônicos presentes nos lares. Com a introdução de programação infantil, os pais começaram a utilizar a televisão como uma forma de entretenimento e distração para os filhos, permitindo que eles pudessem dedicar tempo a outras atividades, enquanto as crianças ficavam entretidas. No entanto, o uso excessivo da televisão como uma "babá eletrônica" pode ter conseqüências negativas. O afastamento dos pais da interação direta e do envolvimento ativo nas atividades dos filhos pode levar a uma redução na qualidade do tempo passado juntos e no desenvolvimento pessoal das crianças.

Da mesma forma, o surgimento e popularização dos videogames também influenciaram no fenômeno da externalização parental. À medida que os jogos eletrônicos se tornaram cada vez mais atrativos e envolventes, muitos pais permitiram que seus filhos passassem longas horas imersos nesta forma de entretenimento. Embora os videogames possam ter benefícios em termos de desenvolvimento cognitivo e habilidades motoras, é necessário que os pais encontrem um equilíbrio e garantam a variedade de atividades na vida de seus filhos.

Com a ascensão das plataformas digitais nos últimos anos, como *tablets*, *smartphones* e aplicativos on-line, os pais têm mais opções para externalizar responsabilidades parentais. Estas tecnologias oferecem acesso fácil a conteúdos educacionais, aplicativos de aprendizado e até mesmo jogos interativos para crianças. Ainda que possam ser ferramentas úteis, a dependência excessiva destas plataformas pode levar à falta de contato social e à diminuição da interação pessoal entre pais e filhos.

Portanto, ao longo da história, a evolução das tecnologias, como a televisão, videogames e plataformas digitais, tem contribuído para o fenômeno da terceirização dos filhos.

Outro fator importante é o advento da tecnologia, que tem facilitado o acesso a serviços de cuidados infantis. A possibilidade de contratar babás, utilizar serviços de creches ou escolas em tempo integral e até mesmo pedir ajuda de familiares à distância, através de videochamadas, tem permitido aos pais encontrar alternativas para suprir suas necessidades diante das restrições de tempo. Todavia, é importante ressaltar que a externalização parental também levanta questões e preocupações. O afastamento dos pais da criação e educação dos filhos pode resultar em uma menor conexão emocional e falta de supervisão adequada. Além disso, é preciso garantir que as pessoas encarregadas do cuidado das crianças estejam preparadas e capacitadas para desempenhar esta função de maneira responsável e segura.

Em suma, o fenômeno da externalização parental é uma consequência das mudanças na sociedade, economia e estilo de vida moderno. Ainda que possa ajudar a conciliar as demandas profissionais e pessoais dos pais, é fundamental encontrar um equilíbrio que permita a preservação de uma relação saudável e envolvimento ativo dos pais na vida de seus filhos.

## VI - O DESAFIO DA BALEIA AZUL

O surgimento da internet e das redes sociais trouxe consigo uma ampliação do acesso à informação e uma maior conectividade entre as pessoas. Entretanto, também propiciou o aparecimento de desafios perigosos, que representam uma ameaça à integridade física e emocional dos usuários. Estes desafios costumam ser disseminados através da rede, muitas vezes de forma viral, alcançando um grande número de pessoas em pouco tempo.

Os desafios perigosos podem ser caracterizados como práticas que envolvem riscos ou danos para o indivíduo que os realiza. Alguns desses desafios, como o Desafio da Baleia Azul, encorajam o comportamento suicida e podem resultar em morte. Outros desafios, como o *Tide Pod Challenge*<sup>73</sup>, induzem o consumo ou uso de substâncias químicas que podem ser tóxicas e causar efeitos negativos para a saúde.

Embora haja uma infinidade de desafios perigosos, é importante destacar que a maioria deles é fruto de práticas de grupos específicos, que encontram, nas redes sociais, um meio poderoso de disseminação destes desafios. Além disso, a falta de fiscalização e a regulação das plataformas on-line acabam permitindo que tais práticas continuem a existir, colocando em risco a segurança e o bem-estar dos usuários.

### 6.1 A VULNERABILIDADE DOS JOVENS NO CIBERESPAÇO

É certo que a presença dos jovens nas redes sociais se tornou uma realidade incontestável na contemporaneidade. No contexto atual, é inegável a importância das redes sociais na vida dos jovens. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo IBGE em 2019, mais de 80% dos brasileiros entre 10 e 24 anos utilizam a internet como principal meio de acesso às informações, entretenimento e relacionamentos. Nesse sentido, as redes sociais se destacam como uma das principais formas de interação entre os jovens, oferecendo múltiplas possibilidades de conexão e compartilhamento de conteúdo.

---

<sup>73</sup> O *Tide Pod Challenge*, basicamente, desafia os jovens a comerem cápsulas de detergente ou sabão. O desafio é promovido e exibido nas redes sociais.

De acordo com a teoria da sociabilidade conectada<sup>74</sup>, proposta por Danah Boyd (2014), as redes sociais são espaços digitais em que os jovens constroem suas identidades e se relacionam com outras pessoas. A teoria destaca que, por meio das redes sociais, os jovens têm a oportunidade de se conectarem com indivíduos que possuam interesses, ideais e vivências similares, expandindo suas redes sociais e desenvolvendo suas habilidades de comunicação.

Além disso, as plataformas permitem que os jovens expressem suas opiniões e compartilhem suas preferências por meio de conteúdos multimídia, como fotos, vídeos e textos, tornando-se protagonistas de suas próprias narrativas. Contudo, é importante ressaltar que o uso excessivo das redes sociais pode ter efeitos negativos na saúde mental dos jovens. Segundo estudos realizados pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (CETIC), o uso prolongado das redes sociais pode gerar estresse, ansiedade, depressão e isolamento social em alguns jovens.

Dito de outra forma, ainda que a tecnologia possua inúmeros benefícios, é necessário ressaltar que, em muitos casos, o acesso à internet pelos jovens pode ser um problema, uma vez que eles podem estar expostos a muitos riscos, principalmente quando estão sem supervisão. A ausência de supervisão pode ser uma porta aberta para que o jovem se envolva em situações que fogem do seu controle e que podem causar grandes prejuízos à sua vida.

É importante destacar que a falta de supervisão dos pais nos acessos que os filhos fazem à internet impossibilita que eles aprendam a definir limites. Os jovens são, por essência, mais vulneráveis e têm maior dificuldade para reconhecer quando as situações são potencialmente perigosas, especialmente quando se trata de situações virtuais.

---

<sup>74</sup> A teoria da sociabilidade conectada, proposta por Danah Boyd (2014), analisa as dinâmicas sociais e as interações que ocorrem nas redes sociais. Segundo a teoria, as redes sociais são espaços digitais nos quais os indivíduos constroem suas identidades e estabelecem conexões com outras pessoas. Boyd destaca que as redes sociais oferecem aos jovens a oportunidade de se conectar com pessoas que compartilham interesses, ideais e vivências similares, expandindo suas redes sociais e aprimorando suas habilidades de comunicação. A teoria enfatiza que as redes sociais proporcionam um ambiente em que os jovens podem explorar e experimentar diferentes aspectos de suas identidades. Por meio da interação on-line, eles podem expressar opiniões, compartilhar preferências e criar narrativas sobre si mesmos. As redes sociais também permitem que os jovens se conectem com indivíduos que podem estar geograficamente distantes, ampliando suas perspectivas e possibilitando o estabelecimento de novas relações sociais. A teoria da sociabilidade conectada ressalta a importância das redes sociais como um espaço de sociabilidade e interação para os jovens. As plataformas digitais oferecem múltiplas possibilidades de conexão, permitindo que os jovens se envolvam em comunidades online, participem de grupos de interesse e compartilhem conteúdos multimídia. Ao mesmo tempo, a teoria também reconhece a necessidade de uma compreensão crítica do uso das redes sociais, levando em consideração os possíveis efeitos negativos, como o impacto na saúde mental e os riscos de exposição a conteúdos inadequados ou pessoas mal-intencionadas.

A imaturidade emocional e a falta de experiência na vida são alguns dos fatores que podem tornar os jovens vulneráveis. Além disso, outra causa que pode fragilizar esse indivíduo é a “liminaridade”, período em que o jovem se sente pressionado a se ajustar aos seus grupos sociais e pode se envolver em comportamentos perigosos ou prejudiciais para ganhar aceitação e respeito.

Neste período de transição de status social, os jovens são suscetíveis a sofrer com falta de autoestima e podem se sentir inseguros em relação a si mesmos, à sua aparência e às suas habilidades, fatores capazes de torná-los mais suscetíveis a influências negativas e à exploração por pessoas mal-intencionadas.

Importante salientar novamente que os criminosos têm encontrado, nas mídias sociais, um ambiente propício para cometer atos ilícitos e captação de vítimas. Os aliciadores têm utilizado o ciberespaço para aliciar jovens usando táticas como a criação de perfis falsos nas mídias sociais e a divulgação de informações pessoais on-line. Eles buscam tirar proveito da vulnerabilidade e da inexperiência dos jovens para manipulá-los emocionalmente e levá-los a compartilhar informações pessoais com eles, ou ingressar em jogos e desafios.

Observa-se uma tendência crescente em que criminosos utilizam as mídias sociais como uma ferramenta para se aproximar de jovens, adotando identidades falsas. Os indivíduos mal-intencionados criam perfis fictícios, utilizando fotografias de terceiros e informações enganosas com o objetivo de aparentarem ser jovens da mesma faixa etária que suas potenciais vítimas. Através deste disfarce, eles buscam estabelecer conexões com os jovens, valendo-se de estratégias persuasivas, como convites para grupos de jogos ou eventos atrativos.

Esta abordagem visa a obtenção de acesso a dados pessoais sensíveis ou a execução de planos de extorsão, através dos quais os criminosos exploram as vulnerabilidades e a ingenuidade dos jovens. Ao prometerem oportunidades sedutoras ou benefícios, eles induzem as vítimas a compartilharem informações pessoais confidenciais ou a se envolverem em ações comprometedoras.

A prática criminosa é alimentada pelo uso estratégico das mídias sociais, que proporcionam aos infratores um ambiente propício para a abordagem e manipulação de jovens desprevenidos. A criação de perfis falsos, aliada ao uso de estratégias de sedução e aproveitamento da curiosidade e busca por pertencimento dos jovens, permite aos criminosos explorar a falta de discernimento das vítimas no contexto virtual.

Infelizmente, a entrada na adolescência hoje coincide com o ingresso nas comunidades virtuais, que oferecem aos jovens recursos de inserção social, mas também expõem a ameaças, como o aliciamento e a violência. A intolerância e a violência na internet estão cada vez mais presentes, afetando, principalmente, crianças e adolescentes, que são mais vulneráveis a esse tipo de violência.

Resumindo, os jovens são considerados mais vulneráveis para criminosos no ciberespaço devido a uma série de fatores, como a falta de experiência e conhecimento sobre os perigos da internet, que os torna alvos fáceis para golpes e armadilhas virtuais. Muitos jovens são ingênuos e creem que a internet é um ambiente seguro e livre de riscos, deixando-os expostos a possíveis ataques.

Também existe a necessidade de pertencer a determinados grupos e a vontade de serem aceitos pelos seus pares os torna ainda mais vulneráveis. Muitos jovens, para se sentirem parte de um grupo ou para chamarem a atenção, compartilham informações e imagens pessoais nas redes sociais e em outras plataformas, o que os expõe a possíveis vítimas de *cyberbullying*. Outro fator é a falta de supervisão por parte dos pais, professores e responsáveis. Muitos jovens passam horas na internet sem supervisão adequada, acessando conteúdo impróprio e se envolvendo em conversas com pessoas desconhecidas e potencialmente perigosas.

Nossa sociedade também enfrenta a dependência tecnológica. A necessidade de estar sempre conectado faz com que muitos jovens se tornem vítimas de sites e aplicativos maliciosos, que podem instalar vírus e roubar informações pessoais.

Por fim, a falta de habilidades de comunicação interpessoal e a falta de discernimento entre o que é real e o que é virtual também são fatores que tornam os jovens vulneráveis no ciberespaço. Muitos jovens são propensos a acreditar em tudo o que veem na internet, o que pode levá-los a situações perigosas e desafiadoras.

## 6.2 AS MÍDIAS SOCIAIS E SEUS RISCOS

Com a ampla disseminação das tecnologias de informação na sociedade atual, que cria uma promessa de mundo virtual ilimitado e exerce um grande poder de atração sobre os jovens, torna-se crucial uma análise dos mecanismos de manipulação utilizados por aliciadores virtuais<sup>75</sup> para influenciar a subjetividade juvenil.

---

<sup>75</sup> Os aliciadores virtuais são pessoas ou organizações que buscam recrutar indivíduos para diferentes tipos de atividades ilegais ou criminosas através da internet e das redes sociais. Eles, normalmente, usam perfis falsos e técnicas de manipulação para conquistar a confiança de suas vítimas. Os aliciadores virtuais

As mídias sociais têm sido um desafio para a sociedade, pois se imiscuem em todos os segmentos da vida contemporânea, como o espaço familiar, educacional, social e político. Nos últimos anos, o ciberespaço tem sido palco de diversos desafios de grupos que desfrutam de diferentes níveis de crueldade e colocam os seus usuários em risco.<sup>76</sup> Citamos como exemplo o Desafio da Boneca Momo, que incentiva os usuários a entrarem em contato com uma boneca assustadora, causando, com isso, ansiedade, paranoia e outros problemas emocionais; o Desafio do Fogo: que provoca os usuários a colocarem fogo em si mesmos ou em outros objetos, acarretando graves lesões e até mesmo a morte; Sexting: o compartilhamento de fotos e vídeos eróticos por meio de dispositivos eletrônicos, que pode resultar em humilhação, chantagem e exposição indevida; o Desafio do Desodorante: uma competição para ver quem consegue inalar a maior quantidade e por mais tempo o aerossol presente nos produtos, e os desafios de automutilação: que incentivam os participantes a se cortarem, escrevendo ou desenhando símbolos no corpo com objetos cortantes.

Este pode ser considerado um dos comportamentos mais comuns nos jovens frequentadores de grupos on-line. O certo é que a automutilação é um comportamento que tem aumentado, não havendo um consenso científico sobre suas causas. Os jovens que praticam a automutilação alegam buscar na dor física uma distração para as dores emocionais.<sup>77</sup>

Importante observar que a automutilação tem sido amplamente difundida em mídias sociais. O incentivo à violência contra si mesmo ou contra animais se tornou uma diversão cruel. Crianças e adolescentes estão cada vez mais envolvidos nessas práticas,

---

utilizam a facilidade de acesso e a relativa anonimidade que a internet proporciona para encontrar pessoas vulneráveis a fim de persuadi-las a agirem de forma desonesta ou criminosa. As vítimas podem ser pessoas que enfrentam dificuldades financeiras, emocionais ou sociais, ou que se sentem solitárias e desesperadas por alguma forma de conexão ou de pertencimento.

<sup>76</sup> No decorrer do último ano, houve um aumento de denúncias de exploração infantil on-line entre empresas líderes em tecnologia e mídias sociais, incluindo o *Instagram* e o *Google*. Além disso, os aplicativos *TikTok*, *Twitch*, *Amazon*, *Reddit*, *Omegele* e *Discord* também registraram aumento das ocorrências, de acordo com um relatório do Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas. A agência de segurança para crianças e adolescentes nos Estados Unidos recebeu um total de mais de 32 milhões de relatos envolvendo aliciamento on-line, abuso sexual infantil e tráfico sexual infantil em 2022 - um aumento de 8,4% em relação ao ano anterior, com cerca de 2,7 milhões de denúncias extras.

<sup>77</sup> A prática da automutilação entre jovens é um tema complexo e ainda pouco compreendido pela ciência, mas alguns pesquisadores apontam que a busca pela dor física como forma de escape para as emoções pode ser explicada por certas teorias psicológicas. De acordo com a teoria do corte emocional proposta por Penelope Hasking (2010), a automutilação pode ser vista como um mecanismo de defesa contra as emoções difíceis de lidar, que são cortadas, ou substituídas pela dor física. Outros estudos, como o de Laye, Dell'Osso e Altamura (2010), sugerem que a automutilação também pode estar relacionada a problemas de regulação emocional, onde a pessoa não consegue controlar suas emoções e busca na dor uma forma de lidar com isso.

que muitas vezes são filmadas e compartilhadas em comunidades virtuais. A automutilação se tornou uma forma criminosa de pertencimento a grupos sociais virtuais.

Os desafios virtuais se espalham de forma muito rápida. A principal razão pela qual é a facilidade com que as pessoas podem compartilhar vídeos e imagens de si mesmas realizando o desafio nas redes sociais. As plataformas de mídia social, como o *Instagram* e o *TikTok*, permitem que os usuários postem conteúdo instantaneamente e alcancem uma grande audiência em pouco tempo.

A disseminação de desafios perigosos por meio da internet representa uma questão de extrema preocupação, pois apresenta potenciais riscos físicos e mentais para os jovens envolvidos. A proliferação on-line tem sido impulsionada, em grande parte, pelo anonimato proporcionado pela internet, que permite que os indivíduos se conectem sem revelar suas verdadeiras identidades. Além disso, os jovens são muitas vezes atraídos pelos desafios da morte por uma variedade de razões. Um fator importante é o desejo de se sentir parte de algo e de pertencer a um grupo. Os desafios da morte, muitas vezes, são apresentados como “provas de coragem”, ou “rituais de iniciação”, o que pode atrair jovens que buscam aceitação e validação social.

A busca por emoções fortes é uma característica comum da adolescência. Nessa fase da vida, os jovens estão em busca de experiências que os façam sentir-se vivos, desafiando limites e testando seus próprios medos. Os desafios da morte oferecem uma sensação de adrenalina e excitação, podendo ser viciante para alguns jovens.

Dentro desse contexto, a internet se configura como um ambiente propício para a disseminação de conteúdos violentos, extremistas, pornográficos, discriminatórios e ofensivos que têm o potencial de causar danos emocionais, psicológicos e físicos significativos às suas vítimas. Diversos estudos e pesquisas têm investigado os impactos desses conteúdos nocivos na saúde mental e no bem-estar dos jovens.

De acordo com a literatura acadêmica, a exposição a conteúdos violentos ou perturbadores on-line pode resultar em problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e comportamentos de automutilação. Além disso, a visualização de conteúdos extremistas pode levar a uma adesão a ideologias radicais e à participação em atividades violentas.

É importante ressaltar que a disseminação dos desafios e conteúdos nocivos on-line não apenas afeta a saúde mental dos jovens, mas também tem o potencial de causar danos físicos diretos. Desafios perigosos, como o “Jogo da Baleia Azul”, têm sido associados a casos de automutilação e até mesmo de suicídio entre os participantes.

Um exemplo da deturpação do uso das mídias pode ser o aplicativo *Discord*<sup>78</sup>. Nos últimos anos, o aplicativo tem recebido atenção significativa como um meio de comunicação popular para conversas recreativas e compartilhamento de interesses em comunidades on-line, e seu crescimento se deu especialmente durante a pandemia de covid-19 como plataforma de estudos. No entanto, pesquisas têm mostrado que pode ser utilizado por grupos que buscam aliciar jovens para atividades extremistas e comportamentos de risco, como desafios, autolesão, automutilação e até mesmo suicídio.

Um estudo recente da Universidade de Sussex<sup>79</sup> descobriu que grupos extremistas estão ativamente usando o *Discord* para aliciar jovens. A facilidade de uso do aplicativo, juntamente com seus recursos de comunicação em tempo real e fóruns de discussão abertos, serve como uma plataforma ideal para estes grupos. Além disso, o aplicativo possui recursos para proteger a identidade dos usuários, o que facilita a comunicação segura entre extremistas e jovens vulneráveis.

Um aspecto alarmante do uso do *Discord* por esses grupos é a prática de aliciamento envolvendo desafios perigosos, como a “Baleia Azul”, que encoraja jovens a se engajarem em comportamentos de risco como automutilação, ou mesmo suicídio. Estes grupos aproveitam a popularidade do aplicativo entre jovens para recrutar membros vulneráveis, que, muitas vezes, buscam um senso de pertencimento e aprovação.

Além disso, o encorajamento da autolesão e automutilação por estes grupos através do aplicativo é extremamente preocupante. Embora as causas subjacentes possam variar entre os indivíduos, a exposição a este tipo de comportamento pode normalizar a automutilação e contribuir para a perpetuação deste comportamento entre jovens vulneráveis.

---

<sup>78</sup> O *Discord* funciona por meio de servidores que são basicamente salas de bate-papo em que os usuários podem se juntar e conversar uns com os outros. Cada servidor tem canais de texto e voz que permitem que os membros se comuniquem por meio de mensagens de texto e voz. Os usuários podem entrar em diferentes servidores e canais, dependendo do jogo que estão jogando, ou do grupo de amigos com quem desejam conversar. Eles podem se juntar a um servidor através de um *link* de convite ou ao procurá-lo no serviço. Alguns recursos do *Discord* incluem o compartilhamento de tela, *streaming* ao vivo, integrações de jogos, *bots* personalizados e muito mais. Ele também está disponível em diferentes dispositivos, incluindo computadores, *smartphones* e *tablets*, o que permite que os usuários sempre fiquem conectados com seus amigos e comunidades de jogos.

<sup>79</sup>A pesquisa da Universidade de Sussex tem como título *Extreme Right Online Networks and the Gaming Community: Patterns of Extremism within Online Gaming Spaces*, foi realizada em janeiro de 2021 e revelou que plataformas de jogos on-line como o *Discord* estão sendo usadas para recrutar jovens e espalhar propaganda extremista.

A literatura científica<sup>80</sup> tem demonstrado que a automutilação é um problema comum entre adolescentes, e o uso das plataformas digitais por estes grupos pode exacerbar suas tendências autoprejudiciais.

Diante do aumento da violência, crueldade e incentivo a atos ilegais na internet, é preciso refletir sobre o perigo oculto desta mídia. A era digital proporcionou novas formas de interação, comunicação, educação, entretenimento, negócios e acesso à informação, mas também abriu portas para o submundo virtual, que carrega consigo sérios riscos para a sociedade. O perigo oculto na internet é uma realidade cada vez mais presente em nossa sociedade. A facilidade de acesso e a rapidez na disseminação de informações na rede tornaram-se uma espada de dois gumes, especialmente quando se trata da conduta de crianças e jovens na internet.

Outro ponto a ser analisado é que, para entender esta realidade, é necessário compreender os motivos que levam as pessoas a cometerem atos violentos em ambientes virtuais. Segundo os estudiosos, a enorme difusão de *smartphones* e dos aplicativos de interação social na adolescência apresenta um enorme impacto nas habilidades socioemocionais desses jovens, que não possuem habilidades sociais para lidar com conflitos interpessoais, além de não possuírem habilidades críticas para reconhecer e denunciar.

O fato é que enfrentamos na atual sociedade uma verdadeira pandemia de doenças e transtornos, muitos impulsionados e maximizados pelo novo modo de vida moderno. Atualmente, as crianças e os jovens representam a faixa etária que mais cresce em número automutilação e de suicídios.

### 6.3 O DESAFIO DA BALEIA AZUL

Inicialmente é importante notar que a propagação de desafios e jogos entre os jovens não é um fenômeno exclusivo da era digital. Mesmo antes da internet, os jovens sempre demonstraram um interesse natural por desafios, testando seus limites físicos e

---

<sup>80</sup> Diversos pesquisadores da sociologia têm se dedicado ao estudo da automutilação entre adolescentes. Alguns exemplos incluem: Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Márcio Garcia Jr., com seu artigo *Automutilação em adolescentes: uma revisão de literatura*, publicado na Revista Psicologia em Estudo, em 2016; Luciana Duarte de Lima e Marilene de Castilho Sá, com seu artigo *Comportamento de automutilação em adolescentes: uma revisão integrativa*, publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, em 2016; Gisela Preusser, com seu livro *A dor do autonegativo: automutilação em adolescentes*, pela Editora UFSC, em 2015; Sofia Moura Borges e Miguel Ricou, com seu artigo *Automutilação em adolescentes: um estudo exploratório*, publicado na Revista de Enfermagem Referência, em 2015, e Christina Takeda e Elaine Ferreira do Nascimento, com seu artigo *Automutilação em adolescentes brasileiros: revisão da literatura*, SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, em 2014.

emocionais. Desafios como pular de alturas, realizar acrobacias arriscadas e experimentar experiências emocionais intensas são exemplos de comportamentos que os jovens costumavam buscar, muitas vezes como parte de rituais de passagem ou simplesmente para demonstrar coragem entre seus pares.

A diferença significativa que a era digital trouxe foi a facilidade de disseminação e a amplificação desses desafios por meio das redes sociais e da conectividade online. A internet forneceu uma plataforma global para a propagação de ideias e comportamentos, incluindo os desafios perigosos, o que tornou essas atividades mais visíveis e acessíveis a um público mais amplo, incluindo jovens de diferentes partes do mundo.

Portanto, embora os jovens sempre tenham demonstrado afinidade por desafios, a internet e as redes sociais desempenharam um papel significativo na popularização do desafio da Baleia Azul e de outros desafios semelhantes, ampliando seu alcance e impacto.

O Desafio da Baleia Azul é um jogo que se originou na Rússia entre 2015 e 2016 e rapidamente se espalhou pela Europa, levando a sua perigosa fama em todo o mundo. O jogo recebeu bastante atenção da mídia e da sociedade em 2017. Contudo, não é necessariamente o desafio mais famoso, ou conhecido da internet. Há muitos outros desafios e tendências que surgem e ganham popularidade rapidamente na internet, especialmente os ligados à autolesão.

Este jogo é um exemplo preocupante desta tendência. De acordo com fontes de pesquisa<sup>81</sup>, os responsáveis pelo jogo utilizam diversas estratégias para atrair as suas vítimas, incluindo a disseminação de mensagens nas mídias sociais e, por meio destas, os jovens são incentivados a participarem do jogo, que oferece desafios aterrorizantes em suas últimas etapas.

Diante da vulnerabilidade, os perpetradores do Desafio da Baleia Azul, denominados “curadores”, utilizam perfis falsos para atrair suas vítimas, posteriormente encaminhando desafios diários aos jovens cooptados para o jogo. Eles solicitam provas

---

<sup>81</sup> Existem vários pesquisadores da sociologia que estudam os desafios da internet, incluindo o Desafio da Baleia Azul. Alguns exemplos de pesquisadores incluem: Danah Boyd, pesquisadora sênior da Microsoft Research e professora associada de ciências sociais e informações na Universidade de Nova York. Boyd estudou o papel da internet na vida dos jovens e como eles lidam com os riscos on-line, incluindo o Desafio da Baleia Azul. Sherry Turkle (2011), professora de ciências sociais e tecnologia na MIT e autora de livros como *Alone Together* e *Reclaiming Conversation*, estuda os efeitos emocionais da tecnologia na sociedade, incluindo a forma como os jovens se envolvem em desafios on-line. Sonia Livingstone, professora de mídia e comunicações na London School of Economics, pesquisa como as crianças e jovens usam a internet e quais são os riscos e oportunidades envolvidos, incluindo os desafios on-line. Estes são apenas alguns exemplos de pesquisadores da sociologia que estudam os desafios da internet. Há muitos outros pesquisadores em todo o mundo que se concentram nesta área de pesquisa.

do cumprimento dos desafios, como fotografias ou vídeos, com o intuito de verificar o cumprimento integral das tarefas. Em geral, os participantes são jovens e crianças que frequentam ativamente as redes sociais e que apresentam maior vulnerabilidade devido a sua condição psicológica, ou a uma maior suscetibilidade a influências externas.

A identificação dos adolescentes, na maioria das vezes, é realizada pelos curadores por meio da observação do uso de determinadas *hashtags* ou pela participação em determinados grupos. Um exemplo destes grupos são os fóruns on-line de suicídio, constituídos principalmente por jovens, em sua maioria adolescentes, que buscam estabelecer conexões entre si. O que os une são os temas comuns abordados nas comunidades, como automutilação, depressão e pensamentos suicidas.

O jogo, em regra, é composto por um total de 50 desafios diários que devem ser cumpridos em 50 dias, muitos dos quais envolvem atos de automutilação, isolamento social e exposição a músicas e vídeos depressivos, levando os participantes ao limite. Infelizmente, o desafio termina no suicídio, que é a intenção final do jogo. Contudo, alguns grupos usam dinâmicas de tempo e desafios diferentes, mas a finalidade é sempre de incitar o indivíduo ao suicídio.

As mensagens de aliciamento do desafio trazem frases de incentivo aos participantes, como “você é corajoso o suficiente para jogar o Desafio da Baleia Azul?”, ou “seja, parte da elite, participe do Desafio da Baleia Azul”. Além disso, existem ainda frases de acolhimento e apoio emocional, como “junte-se aos seus iguais” e “participe da nossa família”. Estas táticas manipulativas buscam atrair os jovens para dentro do jogo, seduzindo-os com a promessa de pertencimento e exclusividade.

Os desafios propostos vão desde tarefas aparentemente inofensivas, como assistir a filmes de terror, até atividades extremamente perigosas, que colocam a vida dos jovens em risco, como subir no alto de um prédio ou ponte e permanecer determinado tempo olhando para baixo.

Os curadores<sup>82</sup> utilizam várias estratégias para atrair jovens para o jogo. Uma das estratégias mais comuns é a manipulação emocional, para a qual os curadores utilizam informações pessoais dos jogadores para criar uma relação próxima e de confiança com eles. A partir dessa relação, os curadores passam a incentivar e a pressionar o jogador a cumprir as tarefas do jogo.

---

<sup>82</sup> Curadores do jogo da Baleia Azul é um termo que surgiu em referência a pessoas que promovem ou coordenam a execução do desafio.

Além disso, os aliciadores utilizam técnicas de chantagem e coerção para manter os jogadores envolvidos, completando as tarefas propostas. Eles ameaçam publicar informações pessoais dos jogadores ou prejudicar suas famílias caso não cumpram as tarefas do jogo.

Outra estratégia comum utilizada pelos curadores é a criação de grupos fechados nas redes sociais. Estes grupos são utilizados para recrutar jogadores, monitorar o desempenho dos jogadores e incentivar uns aos outros a completarem as tarefas do jogo.

Por fim, os curadores também utilizam técnicas de isolamento para manter os jogadores envolvidos no jogo. Eles incentivam as vítimas a se afastarem de amigos e familiares e a se concentrarem exclusivamente no jogo, tornando-os cada vez mais vulneráveis e dispostos a seguirem as tarefas propostas.

Posteriormente ao ingresso no desafio, são utilizadas técnicas de manipulação psicológica, que visam convencer o participante de que ele é fraco, insignificante e que precisa provar sua coragem e seu valor para a sociedade.

Outra estratégia utilizada pelos responsáveis é a coleta de informações pessoais dos participantes, como nome completo, endereço, número de telefone e dados de perfil em redes sociais. Com essas informações, os criminosos podem ameaçar ou chantagear as vítimas, caso elas tentem sair do jogo, ou se recusem a realizar as tarefas propostas.

Podemos dizer que os curadores conhecem a psicologia, utilizam a técnica de minar a autoestima do jovem, convencem as meninas de que são “desprezíveis” e dizem aos meninos que são “perdedores”, utilizando afirmações como: “Este mundo não é para nós.”; “Seus pais jamais te compreenderão, você é um peso para eles”; “você não vai conseguir se arrastar por muito tempo”.

De outro lado, afirmam para as vítimas que “existe para esses jovens outro mundo, e eles afortunadamente estão entre os escolhidos.” Nesse momento, os curadores começam a persuadir os membros a atentarem contra a própria vida, acordando-os no meio da noite, os deixando atordoados e suscetíveis a instruções. Confusos e exaustos, muitos vão até o fim.

Como anteriormente mencionado, as tarefas são enviadas aos participantes geralmente durante a madrugada e incluem atividades como assistir a filmes de terror, desenhar baleias em seus braços com uma lâmina, ficar em locais altos sem proteção, lacerar a pele com objetos cortantes, entre outras. As tarefas finais, em geral, envolvem o suicídio do jogador, incentivado pelos responsáveis pelo jogo.

Em resumo, o desafio consiste em uma rede de "curadores", termo usado para descrever as pessoas que recrutam jovens para participar do jogo, com o objetivo de causar dor e devastar a vida dos participantes. Os curadores são encarregados de recrutar o maior número possível de jogadores e operam em grupos secretos que administram o jogo suicida. Nesses grupos, as regras dos desafios são apresentadas aos participantes, que são incentivados a seguir uma série progressiva de tarefas cada vez mais arriscadas, podendo culminar em consequências fatais.

De acordo com os ensinamentos de Lima e Junior (2017), O desafio mostrou a fragilidade da internet no que diz respeito a um novo espaço de aliciamento para incitação ao suicídio e à autolesão.

É pouco plausível que a Internet e o jogo da Baleia Azul possam levar alguém que não estivesse propenso ao suicídio a cometê-lo. Mas a Internet pode substituir os antigos espaços de interação real e, dessa forma, oferecer impulso às atitudes de autoimolação (LIMA; JUNIOR, 2017, p. 133).

Corroborando, com o acima mencionado Lima e Junior (2017):

(...) área de atuação é extremamente ampla, não se restringe apenas aos casos de indevida exposição da intimidade na rede, mas, também, (...) como uma forma de auxílio aos indecisos, com a existência de diversos fóruns virtuais voltados para tal finalidade cujo acesso depende de uma simples pesquisa "como faço para me matar" virtual e dos jogos online que colocam em risco a vida de seus participantes. (JUNIOR; LIMA, 2017, p. 128).

Sintetizando vários estudos a respeito dos jogos da morte, esses desafios têm um impacto mais significativo sobre os jovens que apresentam alta vulnerabilidade, especialmente aqueles que têm histórico de problemas psicológicos, como depressão e tendências suicidas. Esse efeito ocorre porque os organizadores dos desafios exploram a necessidade de atenção imediata desses jovens como uma estratégia para superar sentimentos de solidão e isolamento. Neste contexto, as mídias sociais oferecem um espaço e ferramentas ideais para o aliciamento destes jovens, amparados pelo anonimato das redes criminosas virtuais tem encontrado no ciberespaço um ambiente fértil para o cometimento de seus atos ilícitos.

Adicionalmente, o Desafio da Baleia Azul configura-se como uma forma de violência, especialmente no que diz respeito à sua apresentação, alcance e aos danos causados no desenvolvimento emocional e social de suas vítimas. Ele se aproveita do ciberespaço e da facilidade das conexões proporcionadas pelas redes sociais para atingir jovens em diversos locais. No ambiente virtual, os jovens são atraídos para se envolverem no desafio, o que os conduz a entrar em uma complexa rede de potenciais riscos e perigos. Essa dinâmica reflete a vulnerabilidade dos jovens diante das influências negativas

presentes no ciberespaço, ressaltando a necessidade de uma análise aprofundada dessas interações e suas implicações.

Ao adentrar no contexto do jogo, o participante é compelido a prestar um juramento, comprometendo-se a não abandonar os desafios e a executá-los integralmente. Este compromisso é estabelecido sob a ameaça de possíveis retaliações, que incluem a iminência de ameaças de morte ou de danos infligidos a seus familiares, caso venha a desistir. Entre os desafios propostos, encontram-se atos de automutilação e a tarefa de criar uma representação visual de uma baleia em seu próprio corpo, seguida pela obrigação de documentar o feito através do envio de uma imagem ao grupo e ao curador, com o intuito de comprovar o cumprimento bem-sucedido da tarefa.

O derradeiro desafio do jogo suscita no participante a ideia de autonegligência, com o intuito de manifestar uma suposta "coragem". Conforme constatado na síntese das pesquisas de Silva (2017) e Ribeiro (2017), a promoção e estímulo ao suicídio de crianças e jovens por parte dos incentivadores envolvem uma questão intrincada que abrange múltiplos elementos. Em um primeiro plano, é imperativo considerar que os aliciadores, em muitos casos, são indivíduos que se encontram em um estado emocional extremamente vulnerável e que já enfrentaram experiências traumáticas em suas próprias trajetórias de vida.

Os desafios propostos pelo jogo Baleia Azul compreendem uma série de tarefas perigosas e autodestrutivas que os participantes são incitados a realizar. Estas atividades são supervisionadas por “curadores” e têm por objetivo avaliar a fidelidade e a resolução dos participantes. Entre os desafios, podem ser mencionados a gravação de símbolos na pele por meio de um objeto cortante, a visualização de filmes perturbadores e psicodélicos nas primeiras horas da manhã, a realização de cortes no próprio corpo, a criação de representações visuais de baleias azuis, bem como a execução de ações dolorosas, como perfurar a própria mão com agulhas, escalar locais elevados, como telhados e pontes, e interagir com outros participantes em atividades de risco.

Os desafios continuam tornando-se progressivamente mais perigosos e autolesivos, até chegar ao último desafio, o número 50, no qual os participantes são incitados a tirar suas próprias vidas. Essa série de tarefas sombrias e prejudiciais coloca em risco a vida dos envolvidos e demonstra os perigos da influência negativa das redes sociais e da manipulação online sobre os jovens. É importante destacar que a participação nesse jogo representa um sério risco à saúde mental e à vida dos participantes, e a conscientização sobre esses desafios é essencial para prevenir tragédias.

Podemos argumentar que a incitação ao suicídio por parte desses aliciadores é uma forma de reafirmar o seu próprio poder e controle sobre as vítimas, já que o ato final de tirar a própria vida é algo que acaba se tornando uma espécie de “prova” de lealdade e submissão.

Do outro lado, os jovens aderem a estes desafios por vários motivos, e uma das explicações para a adesão é a busca por aceitação social. Muitas vezes o adolescente se sente deslocado e a participação de grupos que promovem jogos de desafios violentos pode ser uma forma de se inserir em um grupo. Além disso, o sentimento de pertencimento é frequentemente associado à adrenalina. A prática de atividades que envolvem alto nível de risco e desafio é vista por muitos como uma forma de se sentirem mais vivos e vivenciarem uma intensidade emocional que acham difícil experimentar em outras situações da vida.

A pressão emocional e psicológica também pode ser uma explicação para a adesão de crianças e jovens ao desafio. Muitos destes jovens já sofrem com problemas relacionados à autoimagem, baixa autoestima, dificuldade com relacionamentos interpessoais e problemas de saúde mental. A adesão a este tipo de desafio pode estar ligada a uma tentativa de lidar com tais problemas.

Ademais, é válido destacar que alguns jovens podem apresentar consciência dos efeitos adversos inerentes à sua participação no desafio, porém, optam por prosseguir devido ao receio de serem excluídos do grupo ou de sofrerem represálias por parte de outros participantes do jogo. O temor de serem rotulados como covardes ou frágeis pode, igualmente, servir como estímulo à continuidade de sua participação.

Por derradeiro, a carência de informações adequadas assume relevância enquanto um fator preponderante na adesão ao desafio. Frequentemente, crianças e jovens deparam-se com a ausência de acesso a informações de qualidade que delineiem os riscos inerentes à sua participação em desafios dessa natureza, assim como as repercussões na esfera de sua saúde mental e física. A insuficiência de informações precisas e fidedignas pode propiciar equívocos e decisões inadequadas.

Portanto, é crucial compreender que o desafio pode ser interpretado como uma manifestação de violência psicológica, com o propósito de corroer a autoestima e a confiança dos jovens envolvidos, gradualmente tornando-os mais dependentes do manipulador e do grupo. Em uma perspectiva mais abrangente, a promoção do suicídio pode ser encarada como um indicativo de uma sociedade que muitas vezes parece negligenciar ou minimizar o sofrimento emocional e a angústia. Em vez de proporcionar

apoio e assistência eficazes aos jovens que enfrentam momentos difíceis, a sociedade comumente parece incentivar uma cultura de individualismo extremo, na qual os indivíduos não são encorajados a lidar com seus medos e aflições.

Em resumo, o jogo letal submete os jovens a um processo de manipulação mental que se estende por um período de 50 dias, instigando-os a cumprir uma série de tarefas que variam desde as mais insensatas e inofensivas até atos de automutilação e suicídio. Estas atividades incluem desde assistir a filmes de terror durante as primeiras horas da madrugada até realizar ações extremas, como pular de edifícios ou pontes. Os responsáveis pelo jogo, conhecidos como "curadores", empregam táticas que envolvem ameaças, chantagem e até mesmo privação de sono, uma vez que a maioria dos desafios deve ser executada durante a noite. O resultado desse processo é que os participantes, exaustos e desorientados, são levados a cometer atos suicidas.

## VII- O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO FENÔMENO DO DESAFIO DA BALEIA AZUL NA PERSPECTIVA DE UMA PARTICIPANTE

### i-Refazendo o seu *self*

A presente pesquisa adota a metodologia de história de vida para analisar a influência das redes sociais na vida de um indivíduo, com foco especial no nascimento e ascensão de um novo espaço de socialização, o ciberespaço. A participante deste estudo, identificada como Maria (nome fictício), teve sua primeira experiência em uma rede social aos treze anos. A participante afirmou que abriu sua primeira conta sozinha, sem a autorização dos pais, evidenciando como as mídias sociais têm se tornado tão acessíveis a ponto de os jovens ingressarem nelas por conta própria.

A participação de Maria neste estudo desempenha o papel de âncora narrativa, fornecendo um relato em primeira mão de sua incursão inicial na esfera social digital. Esta exploração facilita um exame detalhado das formas multifacetadas pelas quais as redes digitais redefiniram os parâmetros do engajamento social.

Ao longo deste capítulo, serão apresentados trechos das entrevistas realizadas com a participante, bem como as análises das narrativas de sua vida, permitindo uma compreensão mais detalhada dos aspectos abordados anteriormente a fim de contribuir para a ampliação do conhecimento acerca de como as mídias sociais emergiram como um novo e vibrante espaço de socialização na era contemporânea.

A história de vida da participante é um exemplo vívido da crescente influência das mídias sociais como um novo espaço de socialização. Nas últimas décadas, a ascensão das plataformas digitais transformou profundamente a forma como as pessoas se relacionam, se expressam e constroem sua identidade. Maria, assim como muitos outros jovens, encontrou nas redes sociais não apenas um lugar para se conectar com amigos, mas também um espaço onde sua identidade era moldada, suas relações eram forjadas e suas percepções de si mesma e dos outros eram elaboradas.

A participante relata sua tendência ao isolamento e medo em relação a outras crianças, com isso, parece ter internalizado um “eu estigmatizado”, que, para Goffman (2021), seria uma imagem negativa de si mesma associada a traços depreciativos. Tal dinâmica é evidente em sua descrição de comportamento recluso e medroso.

Sempre fui uma criança medrosa. Não gostava de brincar com ninguém. Gostava de brincar sempre sozinha, me esquivava da companhia das outras crianças, tinha medo de elas me baterem. (Maria)

Maria relatou que, no início, ficava o dia inteiro on-line, o que chegou a atrapalhar seus estudos. Isso reflete a imersão intensa que as mídias sociais podem causar, especialmente quando

a novidade e a curiosidade estão presentes. Ao ingressar nas plataformas de mídia social, Maria compartilhou que percebeu uma mudança na sua autopercepção, deixando para trás sua infância e se vendo como uma adolescente. Esta transição sugere que as redes sociais desempenham um papel significativo na formação da identidade dos jovens, proporcionando-lhes um espaço para expressão e autodefinição, permitindo-lhes, assim, se manifestarem e se posicionarem como indivíduos.

A participante acreditava que tinha independência sobre sua vida e não gostava de receber “palpite” dos outros. Esta atitude pode ser influenciada pelo espaço de liberdade proporcionado pelas redes sociais, onde os usuários têm controle sobre o que compartilham e com quem interagem.

Maria relatou que já sabia o que gostava e o que desagradava, demonstrando que as redes sociais podem ajudar os usuários a descobrirem e explorarem seus interesses por meio de interações e compartilhamentos de conteúdo. A participante afirmou que, na época, não tinha muitos amigos e conheceu pessoas pela rede social. Isso mostra como as mídias sociais podem proporcionar oportunidades para que indivíduos estabeleçam novas conexões e amizades on-line.

A participante experimentava uma maior sensação de conforto ao compartilhar informações íntimas e pessoais com seus amigos virtuais em comparação com seus amigos presenciais, o que aponta para a capacidade das redes sociais em estabelecer uma atmosfera de proximidade e confiança entre os usuários. Ela encontrava uma sensação de acolhimento por parte das pessoas nas plataformas digitais, o que a motivava a compartilhar uma variedade de conteúdos para relatar sua vida e receber validação por parte de sua comunidade virtual.

Maria admitiu que se baseava nas postagens de outras pessoas e queria fazer o mesmo para mostrar felicidade, refletindo como as mídias sociais podem influenciar a percepção de uma vida idealizada e levando a comparações.

A análise da história de vida de Maria revela uma intrincada teia de construção de identidade e interações sociais construídas e desconstruídas ao longo de sua experiência.

Para as pessoas presentes, muitas fontes de informações são acessíveis e há muitos portadores (ou “veículos de indícios”) disponíveis para transmitir a informação. Se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 2021, p. 11).

Com base nesta análise, percebemos que as mídias sociais estão se transformando em um novo cenário de sociabilidade na era digital, oferecendo aos usuários uma plataforma para estabelecerem conexões, compartilharem informações e interagirem com outras pessoas, mesmo que estejam fisicamente distantes umas das outras. Além do mais,

é importante notar que também estão gerando uma distorção na percepção da felicidade e promovendo a criação de falsos padrões e expectativas de sucesso e contentamento.

Adicionalmente, é relevante reconhecer que as mídias sociais podem criar uma ilusão de intimidade e proximidade, permitindo que as pessoas compartilhem informações íntimas e pessoais com mais facilidade do que fariam no mundo off-line. Esta sensação de proximidade é alimentada pelas interfaces das redes sociais, que muitas vezes são projetadas para encorajar a divulgação de informações pessoais e promover a sensação de estar conectado a uma comunidade.

Outro aspecto relevante é a identificação de momentos de liminaridade na trajetória de Maria, após a separação de seus pais. Este período de transição e incerteza pode ter influenciado a participante a se isolar e experimentar dificuldades para lidar com suas emoções e com o processo de reintegração na sociedade. A experiência de liminaridade pode ser comparada a um estágio de transição onde conflitos internos e externos são enfrentados antes de uma reintegração em um novo contexto social.

De tudo isso concluo que para os indivíduos ou para os grupos a vida social é um tipo de um processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo (...) A passagem de uma situação mais baixa para outra mais alta é feita através de um limbo de ausência de “status” (TURNER, 1974).

Nesse sentido, a busca de Maria por grupos on-line pode ser vista como uma tentativa de encontrar um novo sentido de pertencimento e agregação ao novo grupo após enfrentar incertezas e tensões emocionais. Ela se considerava uma criança medrosa e solitária, por isso, procurou, nas mídias sociais, um espaço onde pudesse estabelecer novos vínculos e construir uma nova identidade.

eu vivia tudo com meus amigos das redes sociais, me apegava mais a eles do que com os amigos presenciais, meu vínculo com eles era até maior do que com a família. Meus amigos da rede social falavam o que eu queria ouvir, então era mais fácil.

A análise do relato da participante nos possibilita compreender como as mídias nos permitem construir identidades fluidas e fragmentadas com as quais os indivíduos podem selecionar e apresentar aspectos específicos de si mesmos. Além disso, as redes sociais funcionam como um ambiente para a busca de conexões e pertencimento a grupos virtuais, sendo também uma forma de obtenção de aprovação social e validação. No entanto, é essencial considerar que a construção de identidade virtual não é desvinculada do contexto social mais amplo, onde as pressões e normas sociais podem influenciar a maneira como os indivíduos se apresentam nas mídias sociais. Ou seja, as mídias sociais

oferecem oportunidades únicas para conexão e interação, permitindo que os jovens estabeleçam laços virtuais que, frequentemente, transcendem barreiras geográficas e culturais. Todavia, o ambiente virtual não está isento de desafios e pressões sociais. Maria, como ilustrado pela sua participação no Desafio da Baleia Azul, enfrentou os riscos associados ao uso irresponsável das redes sociais. O desafio em questão exemplifica como as interações on-line podem levar os jovens a situações perigosas e prejudiciais, destacando a necessidade de orientação e supervisão adequada.

É importante notar que a figura do pai desempenhava um papel de grande significado na vida de Maria, e a admiração tinha um impacto palpável em suas atitudes e decisões. Sua participação frequente nas discussões entre seus pais, somada ao processo de alienação parental, a levou a atribuir a culpa das brigas e da separação principalmente à mãe. A dolorosa separação dos pais teve um impacto traumático em Maria, deixando cicatrizes emocionais profundas.

A dinâmica familiar resultante da saída do pai de casa e das obrigações de trabalho da mãe colocou seu irmão na posição de preencher o papel do pai. Esta responsabilidade extra para cuidar dela imprimiu um peso significativo na vida de Maria, que, por sua vez, passou a se sentir culpada por causar transtornos e sobrecarga ao irmão. A obrigação de cuidado que seu irmão assumiu comprometia seu tempo de lazer, o que gerava conflitos internos em Maria por perceber que suas necessidades poderiam estar interferindo nas atividades de seu irmão.

Meu irmão foi um pai para mim e para as minhas irmãs mais novas. Meu irmão trabalhava fora, ajudava minha mãe em casa, cuidava de mim, me arrumava para ir para a escola e me buscava. Então, querendo ou não, eu acho que tomei um pouco da adolescência do meu irmão. Ele não tinha tempo de sair em um final de semana com os amigos, porque a minha mãe trabalhava fora, e ele sempre tinha que cuidar de mim e da minha irmã.

Isso demonstra como as mídias sociais podem se tornar uma via de fuga para os jovens que estão lidando com problemas emocionais, oferecendo um terreno fértil para manipulação e exploração, de jovens mais vulneráveis .

Além do mais, a ideia de uma projeção de uma imagem positiva de si mesmo é evidente no caso de Maria, pois ela adotou representações altamente idealizadas de seu pai e demonizou sua mãe. Estas representações, apesar de abstrações, desempenham um papel crucial na formação da identidade, atendendo às necessidades emocionais da participante enquanto moldam sua visão de si mesma e dos outros.

Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo,

portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular (GOFFMAN, 2021).

Adicionalmente, destaca-se o conceito de externalização parental (terceirização da educação dos filhos) ao longo de sua trajetória, notadamente em relação ao protagonismo desempenhado por seu irmão e avó em distintos estágios de sua infância e adolescência. Estas análises proporcionam perspectivas elucidativas sobre como as vivências de Maria foram influenciadas por elementos de sua esfera familiar e social.

Os estigmas familiares que ela carrega, incluindo disfunção familiar e responsabilidades excessivas atribuídas a seu irmão, moldaram suas interações e percepções. Este estigma criou uma barreira de resistência em relação à comunicação com sua mãe, sendo uma estratégia de proteção para preservar sua autoimagem. O “eu estigmatizado” que Maria desenvolveu contribuiu para seu comportamento recluso e medroso, levando-a a encontrar refúgio nas mídias sociais como uma forma de buscar liberdade e segurança, Goffman (2021). Ou seja, Maria perpetua e reforça suas representações estigmatizadas por meio das relações familiares idealizadas e demonizadas que ela construiu. Isso sustenta o ciclo de estigmatização, influenciando suas interações sociais e seu comportamento.

A pesquisa com Maria e suas entrevistas minuciosas revelaram um panorama complexo das motivações, consequências e riscos associados ao uso das redes sociais. Ficou claro que sua participação no Desafio da Baleia Azul estava enraizada na busca por pertencimento, desafio e apoio emocional, elementos que ela sentia sendo carentes em outros aspectos de sua vida. Além disso, a influência das interações on-line e a falta de supervisão de adultos responsáveis no uso da internet destacaram a necessidade de conscientização e educação em relação aos perigos virtuais.

Durante o período de transição da adolescência, a participante enfrentou a ambiguidade e a incerteza que caracterizam a liminaridade, como indicado por Victor Turner (1974). O momento de distanciamento de seu papel social estabelecido proporcionou a ela uma oportunidade de explorar novas facetas de sua identidade. A dificuldade que Maria sentiu para expressar seus sentimentos durante esse período pode ser interpretada como uma manifestação das tensões e incertezas inerentes à liminaridade.

Nesse contexto, percebemos como as redes sociais emergem como um espaço contemporâneo de socialização, desempenhando um papel fundamental na experiência de conexão, na busca por pertencimento e na construção da identidade, tal como exemplificado na vivência de Maria. A análise proporciona uma visão enriquecedora das

interações entre as transformações pessoais e a influência das plataformas digitais na formação das identidades individuais.

Maria expressa que, nas redes sociais, procurava preencher o vazio emocional que sentia em sua família, onde a falta de diálogo e acolhimento a levou a buscar um ambiente diferente onde pudesse projetar uma identidade desejada. Esta busca por preenchimento emocional reflete uma característica da modernidade líquida, em que as conexões são frequentemente superficiais e frágeis, podendo deixar as pessoas com uma sensação de vazio e desconexão no mundo real.

Ao se distanciar do mundo real para habitar o mundo das redes sociais, Maria ilustra o conceito de “eu virtual” *versus* “eu real”. A modernidade líquida sugere que as fronteiras entre estes dois aspectos da identidade são fluidas, permitindo que as pessoas escolham e apresentem diferentes facetas de si mesmas on-line. O ambiente das redes sociais permite a criação de uma imagem idealizada, onde Maria se sentia mais confiante e comunicativa, algo que, muitas vezes, faltava em suas interações presenciais.

Maria relatou que passou a preferir o mundo das redes sociais ao mundo real, o que evidencia como o uso excessivo das mídias sociais pode levar ao afastamento das interações presenciais e da realidade cotidiana.

A mudança no comportamento de Maria, que deixou de sair com as amigas para ficar mais tempo nas redes sociais, destaca como as mídias sociais podem influenciar nas relações sociais e prioridades dos indivíduos. Esta transformação reflete como as mídias sociais têm o potencial de reconfigurar a maneira como as pessoas interagem e se relacionam, geralmente priorizando o mundo digital em detrimento das interações presenciais.

Além disso, a admissão de Maria de que sua persona no *Facebook* era uma construção de quem ela aspirava ser ressalta um aspecto crucial da natureza das redes sociais: a capacidade de moldar e apresentar uma versão idealizada de si mesmo. Esta discrepância entre a imagem projetada nas plataformas digitais e a realidade pessoal ilustra como as mídias sociais podem criar um espaço onde a autenticidade pode ser subjugada em favor de uma narrativa que busca aceitação e validação.

Maria descreve sua preferência pelo ambiente virtual, onde não se sentia intimidada ou julgada, permitindo-lhe compartilhar livremente. Este comportamento reflete a fluidez das identidades na modernidade líquida, em que as mídias sociais oferecem um espaço para experimentar novas formas de interagir com menos medo de repercussões reais. A capacidade de bloquear pessoas e criar uma “bolha” de interações

também ilustra a tentativa de controlar a experiência social on-line, buscando evitar conflitos e rejeições.

Ali, tudo é mais fácil, você não precisa se preocupar com os julgamentos, quando alguém te critica e você não gosta, você bloqueia a pessoa, na vida cotidiana, não dá para você bloquear as pessoas. Como eu falei, eu gostava muito daquele ambiente, eu queria estar ali, eu compartilhava o que eu queria, eu postava o que eu queria e ninguém me julgava. Agora, se eu falasse para as outras pessoas fora das redes sociais, aquilo que eu estava postando e compartilhando, provavelmente, as pessoas me julgariam. (Maria)

Maria descreve como, dentro do grupo, ela representava uma versão diferente de si mesma. Nas redes sociais, ela se sentia mais aceita, bonita e inteligente. Essa busca por validação social e aceitação é comum em muitos adolescentes que tentam se encaixar em padrões estabelecidos.

A participante também compartilha que participava de grupos on-line que abordavam temas de depressão e ansiedade e proporcionavam um ambiente onde ela podia se relacionar com outras pessoas que compartilhavam suas preocupações, fornecendo um sentimento de pertencimento. Isso se alinha à modernidade líquida, em que as pessoas, muitas vezes, procuram conexões baseadas em interesses específicos e valores compartilhados, mesmo que sejam mais efêmeras.

A busca por aprovação social através das redes sociais também é evidente no relato de Maria. As curtidas, compartilhamentos e comentários são vistos como validações de sua imagem desejada, estando em sintonia com a “modernidade do consumo”, onde a busca por reconhecimento se estende ao mundo virtual, influenciando a maneira como as pessoas se representam e buscam validação on-line.

Em resumo, a análise dos dados da entrevista com a participante demonstra claramente a existência de um novo espaço de socialização nas redes sociais, em consonância com a teoria da “modernidade líquida” Bauman (2014).

Além disso, o papel do irmão mais velho de Maria, assumindo funções paternas devido à ausência do pai, ressalta a fragilidade das estruturas familiares na modernidade líquida. A fluidez das relações familiares pode levar a novas dinâmicas de cuidado e à responsabilidade compartilhada entre irmãos, evidenciando a adaptação das relações familiares à natureza fluida das sociedades contemporâneas. Este aspecto também realça a importância da construção de vínculos afetivos e de apoio em meio à instabilidade das relações familiares, destacando o papel das mídias sociais como potenciais fontes de suporte emocional. Em suma, a análise dos dados provenientes do relato da participante

Maria destaca a dinâmica complexa entre a construção de identidade, a busca por aprovação social e a adaptação às transformações sociais na era das redes sociais e da modernidade líquida. A utilização das mídias sociais como meio de reforçar uma identidade desejada, a transição para conexões on-line como resposta a inseguranças interpessoais e a reconfiguração das relações familiares diante da fluidez social são aspectos críticos revelados pela narrativa de Maria.

Ademais, a análise dos dados colhidos da história de vida da participante permite uma exploração detalhada de diversos conceitos sociais relacionados à construção da identidade pessoal.

O esforço contínuo de projetar uma imagem positiva de si mesma do contexto social circundante encontra expressão na trajetória de Maria. Nesse sentido, observamos que a participante adotou uma imagem fortemente idealizada de seu pai ao mesmo tempo em que retratava sua mãe como uma figura negativa.

Tais representações, embora sejam construções abstratas moldadas por necessidades emocionais, também servem como base para a formação de sua identidade. Nesse contexto, elementos de estigmatização são discerníveis, relacionados a situações como a disfunção familiar, o abandono materno e a sobrecarga de responsabilidades atribuídas a seu irmão mais velho. Estes estigmas culminaram em uma relutância por parte de Maria em estabelecer uma comunicação aberta e amigável com sua mãe, revelando uma tentativa de proteção da sua autoimagem.

Enfim, o ambiente virtual oferece oportunidades para construir identidades fluidas e buscar conexões, pertencimentos e aprovação social. No entanto, é importante considerar que a construção de identidade virtual não está desvinculada ao contexto social mais amplo, onde as pressões, normas e vazios emocionais da sociedade líquida também desempenham um papel significativo. Adicionalmente, a análise detalhada da história de vida de Maria proporciona uma compreensão rica e multifacetada dos processos de formação da identidade, interações sociais e transformações individuais. Esta abordagem proporciona *insights* valiosos não apenas para o estudo de indivíduos específicos, mas também para uma compreensão mais ampla dos mecanismos sociais e psicológicos que permeiam a construção da identidade em contextos diversos. A exploração destes conceitos enriquece nossa compreensão da experiência humana e nos ajuda a criar intervenções e estratégias mais eficazes para promover uma identidade saudável e bem-ajustada.

Através das entrevistas detalhadas com Maria, é possível discernir um processo de construção de sua identidade e autoconceito, conforme sugerido pela análise das informações coletadas. Suas experiências e escolhas ao participar do desafio demonstram uma busca por pertencimento, apoio emocional e senso de desafio, que eram escassos em outros aspectos de sua vida. A análise revela como a pressão social e as interações on-line influenciaram sua decisão, destacando o papel que as plataformas digitais desempenham na construção da identidade dos jovens em tempos contemporâneos.

No caso de Maria, as redes sociais forneceram um espaço em que ela poderia criar e projetar uma identidade alternativa, alinhada com suas aspirações e necessidades emocionais. Através do compartilhamento de postagens, fotos e interações on-line, ela pôde expressar uma versão de si mesma, que era empoderada, comunicativa e descolada, em contraste com sua experiência de vida cotidiana. Esta construção de identidade digital permitiu que Maria escapasse das limitações impostas pelo estigma que carregava, resultantes de sua infância medrosa e dos estigmas familiares associados ao seu passado.

A participante expressa uma profunda vulnerabilidade emocional que a levou a buscar validação e aceitação nas redes sociais. A sensação de vazio emocional a empurrou para buscar preenchimento no mundo virtual, onde ela poderia criar uma representação idealizada de sua própria imagem e receber reconhecimento. Isso está de acordo com o conceito de busca por pertencimento e validação através das redes sociais, especialmente por parte dos jovens.

A ideia de que a participante busca preenchimento emocional nas redes sociais está intrinsecamente ligada à teoria de Goffman (2021), para quem as pessoas adotam papéis específicos para se adequar às expectativas sociais, usando “máscaras”. No contexto das redes sociais, a “máscara” pode ser a persona cuidadosamente curada que ela apresenta on-line, ou seja, uma estratégia para preencher seu vazio emocional ao receber interações positivas e reconhecimento de sua rede virtual.

Além disso, a identificação com grupos e a obtenção de validação social são aspectos centrais do desenvolvimento da identidade nessa fase da vida, e as redes sociais, muitas vezes, oferecem um terreno fértil para esse processo, facilitando a agregação em um novo grupo. Explorando mais, Maria descreve como as redes sociais podem reforçar padrões de beleza e pressões sociais. Ela observa como os elogios são mais frequentes para aqueles que se encaixam nos padrões estabelecidos, o que aumenta o desejo de se adequar a esses padrões. Esta observação reflete a influência negativa das redes sociais na autoimagem, exacerbando inseguranças e promovendo a busca por validação externa.

A título de exemplo, a menção na descrição da participante sobre a necessidade de ter um corpo magro para ser bem recebido pelas pessoas nas redes sociais pode intensificar o desejo de compartilhar regularmente aspectos de uma vida “saudável” inexistente, visando obter validação dos amigos virtuais. Ademais, a busca por aceitação evidencia a jornada pela liminaridade que Maria enfrenta na medida em que se afasta do grupo primário e busca pertencimento em um novo conjunto social.

O exemplo da participante cortando a franja para se adequar ao padrão das pessoas nas redes sociais ilustra como a busca por aceitação e a influência das mídias sociais podem afetar a autoimagem e até mesmo as decisões físicas dos indivíduos.

Teve uma época que a moda era franjinha, todas as meninas usavam franja, mas meu cabelo era cacheado, mas eu queria a franja. Eu simplesmente fui peguei a tesoura e cortei a franja, sem me importar com o cabelo cacheado, porque simplesmente eu queria meu cabelo igual das pessoas que estavam no *Facebook*. Resultado, eu fiquei muito tempo usando presilha no meu cabelo.  
(Maria)

Em suma, a influência dos padrões das redes sociais levou a uma preocupação excessiva com a aparência, que pode ter impactos negativos na autoestima e na saúde mental dos jovens. Adicionalmente, a participante relatou que acredita que a felicidade retratada nas redes sociais é superficial e que as pessoas usam as plataformas para esconder suas tristezas. Isso destaca a falta de autenticidade e o contraste entre a vida real e a vida virtual. Esta observação alinha-se com a teoria de Goffman (2021), que enfatiza a performance das identidades sociais. O contraste entre a vida real e a vida virtual, delineado no texto, indica uma desconexão entre as experiências pessoais genuínas e as narrativas construídas nas redes sociais.

Esta idealização da felicidade nas redes sociais pode gerar uma busca incessante por validação e aceitação, levando a comparações prejudiciais com os outros e à sensação de inadequação. Este ponto toca na temática da autoimagem e das pressões sociais, frequentemente debatida em contextos psicológicos e sociológicos.

A entrevista revela como as mídias sociais podem influenciar os jovens de diversas formas, tanto positivas, quanto negativas. Afinal, percebemos que a participante foi impactada por grupos que promoviam comportamentos autodestrutivos, além de ser influenciada por padrões estéticos e de comportamento estabelecidos pelas redes sociais. Podemos concluir com isso que redes sociais, na era da modernidade líquida, é um terreno fértil para a formação de múltiplas identidades. Ao selecionar cuidadosamente os aspectos

que deseja compartilhar e projetar online, Maria pôde criar uma narrativa alternativa que atendesse suas necessidades emocionais e sociais.

No ambiente virtual, ela encontrou um espaço em que a autorrepresentação era moldada por seus desejos e aspirações, permitindo-lhe explorar diferentes facetas de si mesma que eram, frequentemente, suprimidas na realidade off-line. Assim, as redes sociais não apenas proporcionaram um meio para Maria construir um "*self*" virtualmente idealizado, mas também ofereceram um ambiente onde ela podia experimentar, se comunicar e buscar a aprovação social de maneira mais controlada e adaptada.

## ii-A fragmentação do eu

A narrativa da participante oferece um *insight* profundo sobre sua experiência no contexto do Desafio da Baleia Azul, revelando elementos relacionados à busca por conexão, criação de identidade virtual e vulnerabilidade emocional.

A participante descreve como sua busca por pertencimento e conexão emocional foi um fator significativo na sua participação no desafio. Ela relata que se automutilava como uma forma de lidar com sentimentos de solidão e desconexão.

Quando eu lembro de tudo aquilo o que aconteceu, eu sofro muito ainda. É claro que não foi só esse motivo. Isso foi o gatilho para que eu começasse a me mutilar. Porque, antes, eu não conversava com ninguém, eu não tinha essa capacidade de chegar em alguém e falar o que estava acontecendo. Então, eu encontrei ajuda na automutilação. Foi aí que eu entrei no jogo da Baleia Azul, eu achava que, naquele ambiente, todo mundo entendia o que eu estava passando, que as pessoas ali também passavam por questões semelhantes. E ali, no grupo da Baleia Azul, era mais fácil porque eu não precisava conversar com as pessoas cara a cara. É mais fácil.

Observamos que a participante descobriu uma sensação de comunidade de pertencimento e compreensão mútua por meio das mídias sociais e grupos on-line, incluindo o grupo relacionado ao jogo. Foi nestes espaços que ela encontrou um ambiente onde sentiu que suas lutas eram compreendidas por outras pessoas, alinhando-se ao conceito de Turner (1974) sobre a busca por pertencimento.

Adicionalmente, a participante ressalta como as redes sociais lhe permitiram criar uma identidade virtual que se opunha fortemente à realidade. Nas plataformas digitais, ela apresentava uma imagem de autoconfiança, atratividade e popularidade, em nítido contraste com sua experiência escolar. Ela mencionou a falta de amigos e apoio em suas lutas pessoais com automutilação. Este fenômeno encontra correspondência com a ideia

de uma identidade fragmentada na era da modernidade líquida, em que a construção da identidade é influenciada por representações idealizadas presentes nas plataformas on-line.

Notamos que as identidades contemporâneas frequentemente não são fixas, mas fluidas e adaptáveis às situações. Isso se alinha à tendência de apresentar versões idealizadas de si mesmo nas redes sociais, uma vez que as plataformas permitem o controle sobre a percepção que os outros têm de nós.

Naquele perfil, eu era perfeita, eu era bonita, era inteligente, eu era descolada e cheia de amigos. O meu perfil do *Facebook* tinha o total máximo de amigos, na escola, eu tinha pouquíssimos amigos. Eu não sei, é muito difícil para eu te explicar. Olhando para trás, é assim que eu entendo, eu procurava uma família, pessoas iguais a mim, queria ser acolhida. (Maria)

A narrativa da participante evidencia sua vulnerabilidade emocional, destacando a influência negativa do divórcio dos pais em sua saúde mental e agravando sua automutilação. Ela também menciona o isolamento físico e emocional que experienciou, se isolando em seu quarto e recorrendo à automutilação como uma forma de enfrentamento. A modernidade tem nos apresentado certa fragilidade das conexões humanas, onde a solidão e o isolamento podem prevalecer, levando a indivíduos vulneráveis a buscarem apoio em espaços virtuais.

A narrativa da participante proporciona uma visão significativa sobre sua participação no desafio, revelando *insights* relevantes sobre manipulação, vulnerabilidade emocional e atração por pertencimento, especialmente quando examinados à luz das teorias de manipulação e vulnerabilidade social. Em resumo, a manipulação psicológica, a busca por pertencimento e validação social, a autoimagem negativa e a estigmatização são fatores que contribuíram para sua participação nesse perigoso jogo. A experiência traumática ressalta a importância de um olhar atento aos problemas de saúde mental entre os jovens e a necessidade de orientação e apoio adequados para lidar com as pressões sociais e as ameaças virtuais.

Maria descreve como foi gradualmente atraída para o Desafio da Baleia Azul por meio de um processo de manipulação e influência. Ela revela que foi conduzida por um colega através de dinâmicas de grupo, promovendo a ideia de pertencimento e compreensão mútua. A participante também ressalta como o grupo, gradualmente, a introduziu nas atividades do desafio, inicialmente ocultando a verdadeira natureza do jogo. Este processo ilustra como os indivíduos, especialmente os jovens, podem ser

facilmente manipulados por meio de interações on-line, levando a consequências prejudiciais.

Maria menciona que o desejo de pertencer a um grupo a levou a superar seus medos iniciais e entrar no Desafio da Baleia Azul. Ela estava emocionalmente fragilizada e buscava conforto e validação, o que a tornou vulnerável à manipulação por parte dos curadores do grupo. Esta necessidade de pertencimento é um aspecto comum nas vítimas dos desafios, uma vez que os curadores exploram a carência emocional vivida pelos jovens em um período em que a busca de pertencimento em um novo grupo é algo primordial na vida destes atores sociais (TURNER, 1974).

Esta busca por pertencimento e aceitação é compatível com a fase liminar, onde a agregação a um novo grupo se torna uma necessidade social do jovem. Além disso, analisando a entrevista, podemos identificar diversos elementos relacionados à dramaturgia social e à construção de papéis sociais.

Maria menciona que entrou no desafio com o intuito de pertencer a um grupo e receber ajuda, buscando preencher um vazio que sentia na família e na sociedade em geral. Ela descreve como inicialmente, no jogo, os curadores se mostravam solidários, compreensivos e dispostos a ajudá-la, mas, na verdade, manipulavam e induziam comportamentos autodestrutivos.

A participante explica como os curadores do grupo usaram táticas de manipulação psicológica para controlar seus sentimentos e ações. Eles alegavam preocupação e compreensão, prometendo ajuda enquanto a levavam a cumprir desafios perigosos e prejudiciais. Maria destaca como os curadores do grupo eram vistos por ela e por outros como figuras temidas e manipuladoras. Ela descreve o medo que tinha dos curadores e como eles eram capazes de influenciar os participantes. Ela acreditava, inicialmente, que o grupo proporcionaria um senso de pertencimento e compreensão, uma vez que as pessoas ali compartilhavam suas lutas, mas, que, com o passar do tempo, percebeu que era um grupo que envolvia muitos riscos e perigo.

A entrevistada relata que os participantes do grupo não se comunicavam no privado, seguindo regras rígidas impostas pelos curadores. O grupo era o palco principal em que as interações aconteciam, e as conversas no privado eram desencorajadas, tornando difícil para ela buscar ajuda de outras pessoas e revelar o verdadeiro sofrimento que vivia.

Ninguém, nenhum outro participante compartilhava nada pessoal comigo. Tanto que a gente não conversava no privado. Isso, inclusive, era uma das regras. Tudo que a gente tinha que conversar teria que ser conversado no grupo. Era proibido conversar no privado. O administrador do grupo falava que ele iria saber caso alguém conversasse no privado. Era dito que eles saberiam se acontecessem conversas no privado, e poderíamos ser punidos por isso no grupo. A regra era que tudo que tivesse que ser conversado teria que ser dentro do grupo. Nada fora. Ninguém nunca veio me perguntar se aquilo era verdade. Todos tínhamos medo. O estranho é que tínhamos medo deles, mas também de ser excluídos do desafio. Ao mesmo tempo em que tínhamos medo dos curadores, não tínhamos medo dos desafios. No meu caso, por exemplo, eu estava muito próximo do último desafio – suicídio –, mas eu queria acabar logo. Queria pôr fim àquilo, é muito estranho, difícil explicar. (Maria)

O temor desempenha um papel central na sustentação da participação da vítima. Maria compartilha que experimentava o receio de se afastar do grupo, pois os curadores a ameaçavam com prejuízos à sua família e amigos. Paralelamente, ela relata que também nutria um desejo de pôr fim à própria vida, como uma forma de escapar das tristezas e angústias. A sensação de perigo exercia uma influência cativa sobre ela, mesmo quando começou a desconfiar da natureza problemática da situação. O receio do desconhecido e das consequências negativas constitui um instrumento de coerção de grande impacto.

A participante revela que, gradualmente, percebeu que estava envolvida em algo muito perigoso. Este processo de reconhecimento indica uma vulnerabilidade inicial à manipulação. Ela reconhece que não possuía plena compreensão das implicações do desafio, sugerindo uma falta de discernimento sobre a extensão dos riscos envolvidos.

Maria expressa como a manipulação, aos poucos, a fez acreditar que o desafio era benéfico e que os curadores entendiam suas lutas. Ela chegou a acreditar que os desafios a ajudariam a superar e a pôr um fim em seus medos e angústias.

A participante compartilha a sensação de isolamento que experimentou durante o desafio. Ela menciona que as pessoas que não passaram por essa experiência não conseguem entender completamente o que ocorre dentro do grupo. O isolamento emocional e a falta de compreensão externa são características que podem manter os participantes envolvidos em desafios perigosos.

Muitas coisas passavam na minha cabeça, eu tinha medo de muitas coisas, na verdade, eu tinha medo de coisas que nem existiam. Eu sei que é difícil para você entender, como eu já te disse várias vezes, só quem participou sabe. Eu tentava explicar para a minha psicóloga, mas eu percebia que ela também não entendia.

Os trechos da entrevista indicam que os jovens são expostos a desafios extremos e perigosos, muitos dos quais envolvem atividades arriscadas e prejudiciais à saúde física e emocional. É notável a forma como os jovens são atraídos para o desafio através da sedução de participação em atividades aparentemente desafiadoras e empolgantes. Ao

oferecer um prazo curto para a realização dos desafios, os promotores do jogo geram uma pressão para que os jovens ajam rapidamente, sem tempo para reflexão e avaliação dos riscos envolvidos.

A narrativa da entrevistada destaca a realização de desafios que incluem assistir a filmes de terror sozinha e no escuro, realizar dinâmicas com fogo ou água, se cortar, ouvir músicas tristes e enfrentar lugares perigosos ou altos. Estas atividades são claramente prejudiciais, colocando em risco tanto a integridade física, quanto a saúde emocional dos participantes. A ideia de filmar e compartilhar as ações no grupo do jogo sugere uma dinâmica de validação social, onde a busca por aceitação e reconhecimento dos pares influencia o comportamento dos jovens.

Era assim, eles jogavam o desafio, tinha mais ou menos uns dois dias para ser realizado. Então, por exemplo, eu tinha que assistir a um filme de terror sozinha e no escuro. E daí eu teria que gravar as minhas reações vendo o filme de terror. Era muito estranho. No mesmo dia, já realizava o desafio e mandava no grupo. A maioria realizava rápido, tinham vários desafios, tais como se cortar, filmes, ouvir músicas tristes, ir em lugares perigosos, subir em lugares altos. A gente fazia, filmava e mandava. Meio que no automático.

O trecho “meio que no automático” indica uma submissão quase inconsciente à dinâmica do jogo, por meio da qual os jovens parecem seguir as instruções sem questionar, movidos pela pressão do grupo e pela necessidade de cumprir os desafios impostos. Este comportamento automático e acrítico evidencia a manipulação psicológica à qual os jovens são submetidos, tornando-os mais suscetíveis a agirem impulsivamente, sem considerarem as consequências de suas ações.

Note que os desafios envolviam rituais e simbolismos, como assistir a filmes de terror e gravar suas reações, automutilação, entre outros. Estas ações tinham significados ocultos dentro do grupo e faziam parte do processo de manipulação psicológica e controle.

A manipulação e a vulnerabilidade dos jovens na internet são uma questão extremamente preocupante, pois expõem uma parcela vulnerável da sociedade a riscos significativos à sua saúde e bem-estar. Além disso, durante o período de participação no grupo, a entrevistada passou por problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e anorexia. Ela se via como gorda e inadequada, alimentando estigmas e padrões de beleza inalcançáveis. As autoimagens negativas são comuns em muitos adolescentes, especialmente na busca pela aceitação social, e acabam sendo validadas pelas imposições de padrões impostas pelas mídias sociais.

O relato também destaca as consequências sociais e psicológicas duradouras da participação na Baleia Azul. Mesmo após sair do grupo, Maria ainda vive com o medo de retaliação e monitora suas atividades on-line para evitar riscos. Ela também expressa tristeza em relação às vítimas que não conseguiram escapar da situação e ressalta a extensão do impacto negativo que estes desafios podem ter na vida dos jovens.

Ao concluir a narrativa, Maria comenta sobre a persistência do interesse dos adolescentes pelo desafio, apesar da maior conscientização sobre os riscos envolvidos. Isso ressalta a continuidade da vulnerabilidade emocional e atração por pertencimento, mesmo após a divulgação dos perigos associados ao desafio.

### iii-Reconstrução do eu

A participante discute sua trajetória de recuperação e autocuidado após sair do desafio. Ela menciona sua jornada gradual de melhorar sua saúde mental e buscar ajuda profissional para superar suas lutas. A participante enfatiza sua jornada de recuperação e transformação. Ela compartilha como, com o apoio de profissionais de saúde mental, família e amigos, ela conseguiu emergir da escuridão em que estava. Sua experiência de resgate da autoimagem, autoestima e busca por um propósito na vida destaca a resiliência humana e a importância do apoio social e psicológico.

Ademais, a análise da narrativa da participante oferece uma compreensão mais profunda das complexas interações entre busca por conexão, vulnerabilidade emocional, identidade virtual e manipulação on-line no contexto do Desafio da Baleia Azul, ressaltando a importância de abordagens de pesquisa e intervenção sensíveis e éticas, especialmente quando se trata da compreensão e mitigação dos riscos enfrentados por jovens nas plataformas digitais.

A história de vida de Maria nos revela como as redes sociais podem funcionar como um espaço de socialização e construção de identidade, permitindo que os indivíduos moldem e projetem diferentes aspectos de si mesmos para se alinharem com suas necessidades emocionais e aspirações pessoais. Nesse contexto, as plataformas digitais desempenham um papel vital na modernidade líquida, através do qual as identidades são fluidas e voláteis, permitindo que os jovens explorem, construam e expressem sua individualidade de maneiras únicas e adaptadas ao ambiente digital.

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo, por uma vez, de descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (BAUMAN, 2014, p. 10).

As estratégias que Maria adotou para lidar com seu estigma e alcançar uma nova compreensão de si mesma, como sua ligação com o filho e a aproximação com a mãe, podem ser entendidas como formas de saída da liminaridade e de redefinição de sua identidade. A transição de Maria é uma ilustração clara da complexidade subjacente ao processo de construção, proteção e transformação da identidade pessoal, moldado por fatores sociais, emocionais e psicológicos.

Não é fácil criar e educar uma criança. Não só financeiramente, mas em todos os aspectos, você tem que ser muito amiga do seu filho. Por isso sempre falo para meu marido que a gente tem que ser muito amigo do nosso filho, para ele ter a liberdade de contar tudo para a gente, porque eu não tive a oportunidade de contar tudo para minha mãe. Eu não dei a liberdade para ela ser minha amiga. Hoje, minha mãe e eu não nos desgradamos. Se eu não estiver perto dela fisicamente, eu ligo para ela. Hoje nós somos melhores amigas. Se alguém me perguntar quem é a minha melhor amiga, eu digo que é a minha mãe. Ela sempre foi minha amiga, mas eu não enxergava isso. Se, naquela época, eu fosse próxima da minha mãe, certamente não teria entrado no jogo da Baleia Azul, não teria me isolado e sofrido tanto.

Ao longo do tempo, Maria passou a enxergar de forma diferente a relação com seus pais e compreendeu que as coisas não eram como ela inicialmente acreditava. Esta mudança de perspectiva reflete a complexidade das relações humanas e a capacidade de evolução e adaptação, características da modernidade líquida. As relações interpessoais podem ser reavaliadas e reconfiguradas à medida que novas informações e experiências são assimiladas.

Outro ponto, é que Maria expressa preocupações com sua maternidade e o desafio de criar um filho na contemporaneidade. Ela menciona a importância de ser amiga de seu filho e proporcionar um ambiente aberto para que ele possa expressar seus sentimentos. Este desejo de construir uma relação mais próxima com o filho pode ser uma resposta à fluidez das relações sociais, buscando uma conexão mais forte e duradoura em um contexto em que as conexões podem ser efêmeras.

O fato de Maria guardar muitos sentimentos e ter dificuldade em expressá-los pode estar relacionado à natureza líquida das relações na modernidade. A instabilidade das conexões e a fragilidade das interações podem gerar insegurança e receio de se abrir

emocionalmente, com medo de afastar as pessoas. Esta dificuldade pode ser uma forma de autoproteção em um contexto em que as relações podem ser facilmente rompidas.

A abertura para novas perspectivas e para mudanças é também expressa no relato da participante sobre o processo de aproximação com a mãe, que ela relata ter sido muito prejudicada por toda a influência negativa exercida pelo pai e pela imersão da participante no mundo virtual. A relação mãe e filha é atualmente muito importante para a participante, já que ela encontrou nela a amizade que sempre procurou. Este processo de reconstrução de uma relação entre mãe e filha pode ser visto como mais um aspecto da transmissão geracional, já que a participante está construindo uma nova forma de relacionamento que poderá ser transmitida para seus filhos no futuro.

Apesar da forte influência dos acontecimentos familiares e dos traumas obtidos com a participação no desafio, na vida da participante, ela consegue ressignificar toda a situação, aprendendo com os erros e transpondo os desafios. A dificuldade de expressar sentimentos, ressaltada pela participante, pode ser vista como uma consequência da desestabilização emocional vividas por ela.

A narrativa pessoal da participante revela como eventos familiares, seguidos por uma intensa interação com plataformas digitais, influências externas e os traumas associados à sua participação no desafio, desempenharam um papel fundamental na moldagem de sua identidade e na maneira como ela estabelece conexões com os outros.

A entrevistada descreve como, ao longo do tempo, foi capaz de reconhecer a complexidade das relações familiares e ver além das versões idealizadas que tinha anteriormente. O *insight* de que sua percepção sobre sua mãe foi moldada por influências externas, como seu pai, reflete como as gerações anteriores e as pressões sociais e familiares moldaram sua perspectiva inicial.

A análise dos dados da entrevista permite observar como a geração da entrevistada foi influenciada pelo contexto familiar e social em que ela cresceu. Em particular, é possível perceber que a transmissão geracional de valores e crenças sobre o papel dos pais e a importância da família para a construção da identidade é claramente evidenciada.

A análise destaca como a entrevistada é afetada pelas percepções e emoções moldadas por sua experiência familiar. Mannheim (2011) argumenta que as gerações são moldadas por eventos que impactam suas vidas enquanto jovens, influenciando sua forma de ver o mundo. A idealização da figura paterna, seguida pela quebra desta imagem devido a conflitos conjugais e falta de diálogo, demonstra como as vivências moldaram sua visão do que é ser pai e de como os relacionamentos devem funcionar.

Observamos que a entrevistada, ao relatar as brigas dos pais e a posterior separação, mostra como a sua percepção dos papéis de cada um foi moldada por suas emoções e sentimentos, que eram influenciados pela imagem paterna idealizada que ela cultivava. Esta imagem se constituía como um modelo de comportamento e atitudes, e sua quebra pela exposição das brigas, traições e violência e falta de diálogo teve implicações profundas para seu desenvolvimento individual.

Notamos como a experiência de Maria se encaixa na perspectiva de Mannheim (2011) sobre a geração e a formação de mentalidades, ilustrando como as experiências vividas durante a juventude podem moldar as percepções e os valores de uma geração específica, como a da entrevistada, sobre aspectos familiares e relacionamentos interpessoais.

A minha relação com o meu pai era diferente, eu o idolatrava. Eu sempre o defendi pelos erros que cometeu. Quando ele se separou da minha mãe, ele a pintou como a vilã, e ele, como vítima. Dizia que ela o traía, que ele gastava todo o dinheiro do trabalho com ela. Então, eu peguei essa imagem da minha mãe, a figura de uma vilã. Quando ele foi embora, eu chorei muito porque queria ir com ele. Depois, com o tempo, percebi que tudo era mentira, na verdade, ele me manipulava para atingir ela.

Ademais, a teoria Goffman (2021), que trata da performance de identidades sociais, é evidente na forma como a entrevistada descreve sua relação com sua mãe e as implicações emocionais de suas ações. Maria revela como a falta de comunicação com a mãe a afastava devido à imagem construída pelo pai. A representação da mãe como figura distante e a idealização do pai como "super-herói" ilustram como as identidades sociais percebidas influenciaram suas relações e interações.

A entrevistada também destaca o seu processo de autodescoberta e transformação, o entendimento progressivo de suas próprias ações e a sua busca por expressar sentimentos e se aproximar das pessoas, demonstrando uma evolução pessoal. Ela associa sua mudança à sua experiência de maternidade, refletindo um amadurecimento geracional.

Além disso, Maria expressa que, durante a época do desafio, buscava preencher o vazio emocional que sentia em sua família através das redes sociais. Ela narra a falta de diálogo e acolhimento em seu ambiente familiar, caracterizando-o como frio e distante. Ao se sentir desprovida de conexões afetivas significativas na família, a participante encontrou nas redes sociais um espaço onde podia projetar uma identidade reconhecida pelos outros.

eu procurava nas redes o que eu não encontrava na minha família, sabe diálogo, acolhimento. Não tinha diálogo entre nós, minha avó não dava abertura, minhas tias também não. Era muito frio e distante. Então eu busquei algo diferente nas redes sociais, e lá eu tive reconhecimento.

A análise dos trechos da entrevista de Maria revela a interação complexa entre influências geracionais, relações familiares, percepções sociais e autodescoberta na vida da entrevistada.

Nesse sentido, a teoria das gerações de Mannheim (2011) pode ser usada para entender como a entrevistada se enquadra em um contexto social que compartilha valores e crenças em relação à importância e função dos pais na vida dos filhos.

Por fim, é possível observar como a transmissão geracional de valores pode influenciar o desenvolvimento psicológico das pessoas, especialmente em situações de crise e violência. A entrevista nos mostra a importância dos sentimentos e emoções e de como podem ser moldados pelas relações familiares e sociais, reforçando a importância do diálogo e da reflexão crítica para superar traumas e dificuldades.

Adicionalmente, a entrevista de Maria traz elementos que podem ser compreendidos dentro do contexto da modernidade líquida. A fluidez e a volatilidade das relações sociais são refletidas nas experiências da participante com a família e com as mídias sociais, influenciando suas percepções sobre si mesma, sua família e a maternidade. A compreensão destes aspectos é fundamental para uma análise sensível e contextualizada das experiências individuais em um mundo marcado pela rápida transformação social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história da entrevistada descreve sua jornada de compreensão, transformação de relacionamentos e autodescoberta.

As considerações finais deste estudo destacam a complexidade das interações entre socialização no ambiente virtual, o processo liminar de desagregação da família e a busca por um novo grupo social na vida de jovens, com foco na narrativa de Maria. A análise da história de vida revela a interconexão desses elementos e lança luz sobre as dinâmicas contemporâneas que moldam a identidade e as experiências individuais dos jovens na era digital e na modernidade líquida.

O relato da participante sobre sua experiência no Desafio da Baleia Azul oferece uma visão profunda das complexidades envolvidas na socialização no ambiente virtual,

especialmente entre os jovens que buscam pertencimento e compreensão mútua. Sua narrativa destaca como a necessidade de conexão emocional e a busca por identidade e aceitação podem levar os jovens a se envolverem em situações perigosas e de manipulação psicológica.

A socialização no ambiente virtual pode ser uma faca de dois gumes, oferecendo uma sensação de conexão, mas também expondo os jovens a riscos significativos. A história de vida da participante, demonstra como as redes sociais e as plataformas digitais desempenham um papel significativo na socialização dos jovens, permitindo-lhes criar e projetar identidades virtuais. A busca por conexão, validação e pertencimento online pode ser intensa, especialmente quando as relações familiares e sociais offline são percebidas como distantes e frias. As mídias sociais oferecem um espaço onde os jovens podem experimentar diferentes facetas de si mesmos, muitas vezes moldando suas identidades de acordo com as expectativas e aspirações digitais.

Esta pesquisa demonstra a urgência de abordar a segurança e o bem-estar dos jovens no ambiente digital, enfatizando a importância de programas de conscientização e educação sobre os perigos das redes sociais. Além disso, ressalta a necessidade de apoio psicológico e emocional para aqueles que já foram afetados por esses desafios a fim de ajudá-los a se reintegrarem em uma vida saudável e segura. Somente com esforços conjuntos das autoridades, comunidades e famílias poderemos proteger a juventude dessa forma de exploração on-line.

Em suma, a história de Maria oferece uma visão profunda das experiências de um jovem em um mundo em constante transformação. Ela destaca como a socialização virtual, o processo de desagregação familiar e a busca por conexão moldaram sua identidade e suas experiências. Esta análise enfatiza a importância de uma abordagem holística ao compreender as complexas interações que afetam a vida dos jovens na era digital e na modernidade líquida.

Em suma, esta pesquisa procurou contribuir para a compreensão dos perigos das redes sociais, especialmente para os jovens, e destaca a importância de abordagens sociológicas para analisar o impacto das tecnologias na vida das pessoas. O estudo ressalta a necessidade de políticas e estratégias que visem proteger os jovens e promover um ambiente virtual seguro e saudável para todos os usuários

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARNES, John. A. “**Redes Sociais e Processo Político**”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987: 159 – 194.
- BAUMAN, Zygmunt; DONKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2014.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BERTAUX, Daniel. **Histoires de viés ou récits de pratiques? Methodologie de l’approche biographique em sociologie**. In: *Recherches Economiques et Sociales*, Paris, n. 6, 1081
- BOWLBY, John. (1969/1990) **Apego e perda: Apego - A natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, vol. 1
- BOYD, danah. (2014). **It’s Complicated: the social lives of networked teens**. New Haven; London: Yale Universit Press
- BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Indiana: Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 1, online, out. 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em: (20/02/2023).
- CAMARGO, Aspásia. **The actor and the system: trajectory of the Brazilian political elites**. Em. Bertaux Daniel (Ed.): *Biography and Society*. Berverly Hills: Sage Publications Inc, 1981.
- CASSIRER, Ernest. **Filosofia das formas simbólicas I – a linguagem**. Traduzido por Marion Fleischer. 1. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2001. Título original: *Philosophie der symbolischen formen – die sprache*.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: A Sociedade em Rede**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- COLEMAN, Loren. **The Copycat Effect - How the Media and Popular Culture Trigger the Mayhem in Tomorrow’s Headlines**. New York: Paraview, 2004. p. 2-3.
- COSTA, Lidiane Natalicia; MAHL, Marcelo Lapuente. **O sentimento de infância na perspectiva de Philippe Ariès**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 08, n. 03, p. 31-36, mar. 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmela. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010.
- FIGUEIRA, S. (1987). **O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira**: notas sobre a dimensão invisível do social. In: Figueira, S. (Org.), Uma nova família (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FORQUIN, Jean Claude. **Relações entre gerações e processos educativos**: transmissões e transformações. In: Congresso Internacional coeducação de Gerações. São Paulo: SESC, outubro 2003.
- GENNEP, Arnold . Van. **Os ritos de passagem**. 4. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **Viver numa ordem pós-tradicional**. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética no mundo moderno. Oeiras: Celta, 2000.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. São Paulo: Editora LTC, 2021.
- HARRINGTON, Brooke. **The Social Psychology of Access in Ethnographic Research**. Journal of Contemporary Ethnography 32(5), 2003, pp.592-625.
- HASKING, Penelope; BOYES, M.; MUNRO, G.; MALHI, G. S. **A review of potential cognitive and environmental risk markers in bipolar disorder**. Australian & New Zealand Journal of Psychiatry, v. 44, n. 10, p. 931-946, 2010.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LÉVY, Pierre. **A tecnologia da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Lisboa: Piaget, 1995.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Lisboa: Piaget, 2000.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Coimbra: Quarteto, 2001.
- MANNING, Peter. K. **Organizational Communications**. New York: Aldine, 1992.
- MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. In: FORACCHI, M. M. (Org.). Mannheim. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- MILGRAM, Stanley. **The small world problem**. Psychology Today, n. 2 (1967), p. 60-67.
- MEAD, George Herbert. **Mind, self and society** (1934) Chicago: University of Chicago, 1952.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOREIRA, Márcia B.; MEDEIROS, Claudio A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- NOGUEIRA, Cristiane. Compreensão, diálogo e amparo: suicídio de jovens durante quarentena da Covid-19 preocupa profissionais da saúde mental no Centro-Oeste. Entrevista concedida a: Bruno Ribeiro e Anna Lúcia Silva. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2020/07/19/compreensao-dialogo-e-amparo-suicidio-de-jovens-durante-quarentena-da-covid-19-preocupa-profissionais-da-saude-mental-no-centro-oeste.ghtml>>. Publicada em: 19/07/20. Acesso em: 12 /08/ 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Quase 800 mil pessoas se suicidam por ano. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

PAIS, José Machado. Buscas de si: **Expressividades e identidades juvenis**. In: ALMEIDA, M.; EUGENIO, F. (Org.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 7-21.

PARSONS, Talcott. **Os componentes do sistema social**. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octávio (Org.). Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973b. p.56-59

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 100).

PEREIRA, Camila Corrêa Matias; BOTTI, Nadja Cristianne Lappann Botti. **O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: revisão integrativa da literatura**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 14-23, 2017. Disponível em<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S16472160201700010003](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16472160201700010003)>. Acesso em: 23/ 10/2022.

PEREIRA, M. (2008). **A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso**. Málaga: Ed. Universidade de Málaga.

PORTELLI, Alessandro. (1991). **The Death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history**. Albany: SUNY Press.

PORTELLI, Alessandro. (1997). **The battle of Valle Giulia: The art of dialogue in oral history**. Madison: University of Wisconsin Press.

PRENSKY, Mark. (2006). **Don't Bother me, Mom, I'm Learning**. – How computer and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul – Minnesota: Paragon House.

PRENSKY, Mark. (2007). **Changing Paradigms – from "being taught" to "learning on your own with guidance"**, <http://marcprensky.com/writing/PrenskyChangingParadigms-01-EDTech.pdf>, acesso em 20/08/2022

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1997.

RIBEIRO, Bruno; SILVA, Anna Lúcia. **Compreensão, diálogo e amparo: suicídio de jovens durante quarentena da Covid-19 preocupa profissionais de saúde mental no Centro-Oeste**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2020/07/19/compreensao-dialogo-e-amparo-suicidio-de-jovens-durante-quarentena-da-covid-19-preocupa-profissionais-da-saude-mental-no-centro-oeste.ghtml>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

RODRIGUES, Adelino Domingos. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**. Edições Asa, 1999.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 296-307, ago. 2009. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-24782009000200008&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782009000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: data de acesso, 14/11/2022.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

SIBILIA, Paula. **Você é o que Google diz que você é: A vida editável, entre controle e espetáculo**. In texto: Revista do PPGCOM-UFRGS, n. 42, Porto Alegre, Brasil, p. 214-231, Maio/Ago. 2018.

SILVA, T.A., SILVEIRA, H.C.R., COELHO, C.M. (2018). **A Baleia Azul e o suicídio juvenil: uma análise crítica da sua construção midiática**. Psico-USF, 23(3), 533-545.

- SOARES, Rodrigo da Silva. A construção social da realidade. *Revista do Direito Público*, Londrina, v. 12, n. 2, p. 316-319, ago. 2017. DOI: 10.5433/1980-511X.2017v12n2p316.
- SOARES, Thiago; MANGABEIRA, Alan. Alice através...: televisão, redes sociais e performances num produto televisivo expandido. *Revista Contemporânea - Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 10, n. 2, 04, 2012.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Apresentação do Dossiê**: A sociedade vista pelas gerações. *Política e Sociedade: Revista de Sociologia Política*, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 9-30, 2006.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil**: educação, ação coletiva e cultura. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 36, n. spe, p. 95-106, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022010000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000400008&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 20 /08/ 2022.
- STRAUSS, William., e Howe, Neil. (1991). **Generations**: The History of America's Future, 1584 to 2069. New York: William Morrow.
- THOMPSON, John B. **The media and modernity**. Cambridge: Polity Press, 1995.
- TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- TURKLE, Sherry. **Alone Together**: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. Basic Books, 2011.
- TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura: Petrópolis, Vozes, 1974.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WELLMAN, Barry. (1988). **Análise estrutural**: Do método e metáfora à teoria e substância. Em B. Wellman e SD Berkowitz (Eds.), *Estruturas sociais: uma abordagem de rede* (p.19-61). Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- WITTE, James. C. (2012). **A Ciência Social digitalizada**: avanços, oportunidades e desafios. *Sociologias*, 14(31), 52-92. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/34927/22571>. Acesso em: 07 mai. 2022.
- YIN, Robert K. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 4a ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

**APÊNDICES**

APÊNDICE A – ACEITE DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO (CLE - PESQUISA ON-LINE)

APÊNDICE B – PARECER APROVAÇÃO CONSELHO ÉTICA E PESQUISA